

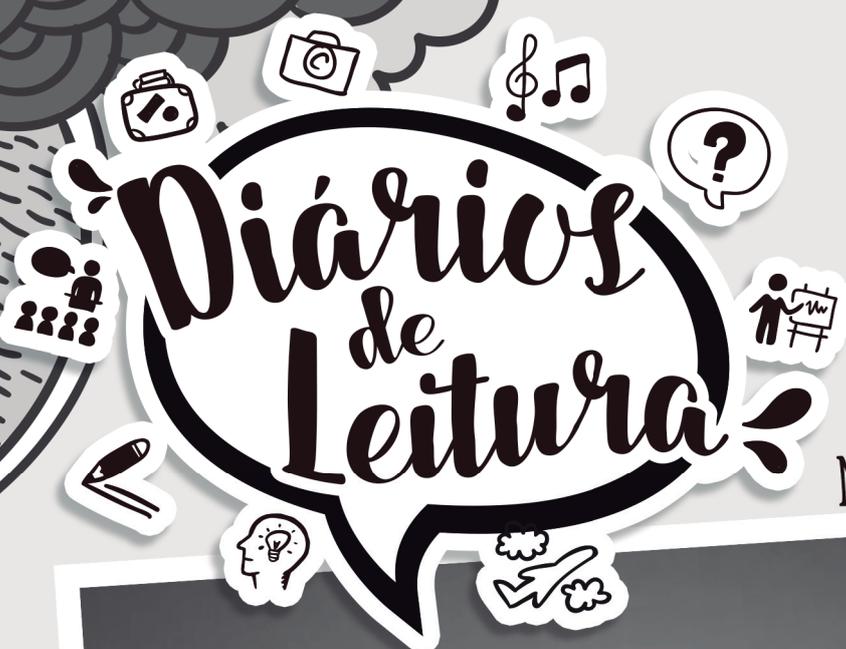


Diários
de
Leitura



NARRATIVAS SOBRE AS VIVÊNCIAS DE LEITURA
NO PIBID DE ENSINO RELIGIOSO DA UERN

ARACELI SOBREIRA BENEVIDES (ORG.)



Diários de Leitura

NARRATIVAS SOBRE AS
VIVÊNCIAS DE LEITURA
NO PIBID DE ENSINO RELIGIOSO
DA UERN



ARACELI SOBREIRA BENEVIDES (ORG.)

Araceli Sobreira Benevides (org.)

**Diários de Leitura – narrativas sobre as vivências de
leitura no Pibid de Ensino Religioso da UERN**

O conteúdo dos textos desta publicação é de inteira responsabilidade de seus autores.

Subprojeto: Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental/Ciências da Religião/UERN-
Campus de Natal



**Reitor:**

Prof. Pedro Fernandes Ribeiro Neto

Vice-Reitor:

Prof. Aldo Gondim Fernandes

Pró-Reitora de Ensino:

Inessa da Mota Linhares Vasconcelos

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. João Maria Soares

Diretora do Campus de Natal:

Ana Lúcia Dantas

Vice-Diretor do Campus de Natal:

João Maria Pires

Coordenador do Curso de Ciências da Religião:

João Bosco Filho

Coordenador Institucional do PIBID UERN:

Francisco Linhares Fonteles Neto

**Comissão Editorial do Programa Edições UERN:**

Prof. João Maria Soares

Profª. Marcília Luzia Gomes da Costa (**Editora**

Chefe)

Prof. Eduardo José Guerra Seabra

Prof. Humberto Jefferson de Medeiros

Prof. Sérgio Alexandre de Moraes Braga Júnior

Profª. Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares

Prof. Bergson da Cunha Rodrigues

Coordenador de Área do PIBID/UERN – Ensino**Religioso - Ciências da Religião:**

Araceli Sobreira Benevides

Assessoria Técnica:

Daniel Abrantes Sales

Capa e Diagramação:

Katrícia da Silva Leal Mendes

Revisão:

Ana Maria de Carvalho

Araceli Sobreira Benevides

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande
do Norte.**

U58d

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Diários de Leitura: narrativas sobre as vivências de leitura no PIBID de Ensino Religioso da UERN/ Araceli Sobreira Benevides (org.) – Natal: Edições UERN, 2016.

204 f.

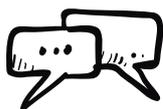
E-book

ISBN: 978-85-7621-135-8

1. Ensino religioso 2. Letramento literário. 3. PIBID - UERN. I. Benevides, Araceli Sobreira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

UERN/ BC

CDD 200



Sumário

08 *Prefácio*

11 *Apresentação*

Diário de leituras: Instrumento de uma formação acadêmica leitora

13 *Ana Carla Oliveira Nascimento*

Diário de leitura: teoria e prática. Do letramento literário no projeto PIBID

32 *Ana Paula de Lima Soares Barros*

Meu Diário de Leitura

42 *Cicero Alves*

Diário de Leitura

50 *Cintia Eliziário de Barros*

Diário de Leituras: Meu aprendizado na prática da leitura para o Ensino Religioso

59 *Dione Maria Pinheiro Oliveira*

Perspectivas de um saber acadêmico

66 *Flávia Gomes da Silva*

Menina do campo, mãe de santo, professora de Ensino Religioso em formação, idas e vindas na diversidade e, agora, construindo-me como leitora literária

83 *Francisca Luciene da Silva*

- Diário de leituras: Contar meus contos
95 Francinete Alves de Medeiros
- Ler e Aprender: uma experiência de formação acadêmica/ profissional e pessoal
102 Hugo Marcelino Silva do Nascimento
- Pibidiário
117 Layane Karla da Silva Santos
- Diário de Leitura
122 Lívia Cristiana Costa Martins
- Um sopro de Vida: relatos autobiográficos no subprojeto PIBID
141 Paulo Henrique Bezerra
- Além da formação de uma acadêmica, formação para vida
150 Priscila Fernandes da Costa
- Lendo e reaprendendo: um novo olhar sobre as leituras literárias
162 Rosiane da Silva Paulo
- Interagindo com as leituras
175 Rozélia Maria do Nascimento
- Cordel do Pibid 2015 – Diário de leitura
183 Theoguenides Odilia de Medeiros
- No universo dos livros
189 Wesley Henrique Soares Silva

Irmandade

Sou homem: duro pouco
e é enorme a noite.
Mas olho para cima:
as estrelas escrevem.
Sem entender compreendo:
Também sou escritura
e neste mesmo instante
alguém me soletra.

Octávio Paz

Prefácio

Quando escreveu *A Importância do Ato de Ler*, em 1981, Paulo Freire pôs em discussão um dos mais caros temas pedagógicos não apenas para a escola, mas para a própria sociedade, ao permitir compreender que a leitura, mais que um processo de decodificação de signos, consiste numa atividade dialógica do sujeito com um mundo vivo e em movimento, em que as memórias, as imaginações, os afetos, os sentidos e significados se articulam com vistas a descobertas, encantamentos e vivências.

Por compreender *a educação como prática da liberdade*, Paulo Freire viveu as agruras do regime político de 1964, fato que o fez perder a cidadania brasileira e se tornar um exilado político até 1980, quando retornou ao país após o início do processo de abertura política. Por isso, não menos importante que a atividade dialógica, a formação de uma consciência política, comprometida com a liberdade humana, é também um aspecto pedagógico que configura o ato de ler, de modo que a atividade dialógica que o constitui é também uma atividade política.

Cabe ressaltar, com isso, que o ato de ler é importante porque é uma ação que se confunde com a constituição do humano, mas não simplesmente o humano como espécie. Trata-se do humano-cidadão. Ser cidadão pressupõe o ato de ler o mundo, a realidade, compreendê-la, transformá-la. Pressupõe, ainda, assumir compromissos e ter consciência de que a realidade é também o *eu* que se põe de pé diante de si, do *outro*, das conquistas e dos desafios. Por isso, Freire pontua que o ato da leitura começa pela experiência do sujeito no mundo em que vive, pois é nele que as necessidades, as motivações, as vontades e os afetos se entrecruzam, mobilizando-o para que se aproprie da realidade e, assim, possa conhecê-la e transformá-la. Tudo isso começa pelo domínio da leitura do mundo, uma importante categoria freiriana que ajuda a explicar o processo de constituição da consciência do sujeito leitor.

É embevecido dessa experiência que Freire ressalta ter sido alfabetizado à sombra de uma mangueira existente no quintal de sua casa, uma experiência pedagogicamente simples, mas vivida intensamente, fato esse que o faz relatar

que chegou à escola já alfabetizado e teve a felicidade de encontrar Eunice, uma professora que jamais entendeu a relação entre leitura de mundo e leitura de palavras como uma dicotomia. Aliás, vale ressaltar que, para a concepção freiriana, leitura de mundo e leitura da palavra não constituem uma dicotomia, e sim uma unidade dialética, de modo que ambas se completam, configurando o que poderíamos chamar de uma vivência em leitura.

A escolha do termo *vivência* para definir essa unidade dialética da leitura tem como base o que muitos estudiosos, como Zoia Prestes e Gisele Toassa, vêm realçando atualmente sobre o que seria a *perejivanie* para Vigotski, isto é, uma situação vivida intensamente, em que o sujeito é profundamente afetado por ela. Nessa perspectiva, *o ato de ler* não se reduz a um mero processo de decodificação de signos, como já abordado acima. É a leitura como atividade dialógica, como ato que não dicotomiza leitura de mundo e leitura da palavra, que está mais próxima do que está sendo definido como vivência em Vigotski. Aliás, não seria ousado dizer que, pela carga emocional que a constitui, essa atividade dialógica é, de fato, uma vivência, tal como Vigotski a compreende e outros diversos estudiosos vêm resgatando a sua importância frente ao cenário de constituição do humano.

Tendo em vista a sua complexidade, esse não é o momento para se deter a explicar essa questão da vivência como fenômeno constitutivo da leitura, mas foi aqui resgatada porque há dois bons motivos: o primeiro diz respeito ao nome deste livro, que está graciosamente intitulado como *Diários de leitura – narrativas sobre as vivências de leitura no Pibid de Ensino Religioso da UERN*; o segundo motivo está relacionado às narrativas, isto é, ao fato de que elas são verdadeiras vivências para quem as leem, ao mesmo tempo em que revelam as vivências de leitura de seus autores.

Ousando sintetizar esses dois motivos, diria que o título do livro carrega a *felicidade* de ser coerente ao seu objeto, ao seu conteúdo. Não há dúvida de que se trata de um livro de narrativas. Mas isto ainda não revela o que, de fato, o livro trata. Ele se debruça sobre vivências de leitura de seus autores.

Na leitura das narrativas é possível perceber não apenas o registro de leitura de seus autores. As narrativas conseguem revelar intencionalidades e afetos que constituem os seus momentos de leitura, as suas feições, as apropriações das

características das personagens de cada livro lido; enfim, revelam o modo como foram afetados pelas memórias e imaginações constituídas a partir da leitura de cada cena e de cada obra que estão aqui narradas. Este livro é, portanto, a síntese de um movimento de afirmação e contradição daquilo que cada um dos seus autores leu/viveu na sua construção.

Por fim, cabe registrar mais uma grande importância deste trabalho, talvez o seu ponto mais de relevância, que é uma atividade voltada para a formação de professores por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Não se trata de qualquer atividade nem de quaisquer sujeitos. Materializada na formação moral, ética e pedagógica de cada sujeito que a ler, vivenciá-la e levá-la à escola ou a qualquer outra instituição educacional, esta é uma obra que carrega potencialidades de implicar tanto transformações pessoais quanto sociais e políticas.

Júlio Ribeiro Soares

Mossoró, 16 de agosto de 2015.

Apresentação

Quando inauguramos as práticas formativas do subprojeto Pibid de Ensino Religioso – Ciências da Religião, em 2014, tínhamos apenas uma certeza: a de que o Pibid iria transformar a realidade formativa do curso. E foi isso exatamente o que aconteceu. Um novo jeito de *fazer tudo* foi surgindo no cotidiano da Licenciatura: vinte estudantes em convivência semanal, estudando, lendo, compartilhando experiências. Em seguida, os mesmos vinte estudantes conhecendo a realidade escolar, aprendendo a planejar, a entender o contexto da sala de aula do Ensino Religioso e o cotidiano das práticas escolares que envolvem essa disciplina. Como pesquisadora envolvida com a produção de memoriais de leitura, a orientação para a produção de um diário de leitura foi um caminho para o registro dos impactos iniciais que a participação em um Pibid provoca.

E aqui estão eles: os diários, as vozes dos estudantes, a apreciação, o julgamento, as dificuldades e as trajetórias iniciais para o novo ritmo que todos os bolsistas terão a partir do ano de 2014. As experiências mais significativas que tiveram com a linguagem literária e com os textos de formação, aqueles implicados diretamente com a docência, são relatadas por um ponto de vista autêntico, pelos sentidos que passam pelos caminhos formativos dos leitores, como o pensamento de Jorge Larrosa, em *La experiencia de la lectura*. Assumindo assim que o conhecimento se produz em certas condições e circunstâncias, entendemos que, aqui, os estudantes do Curso de Ciências da Religião da UERN estão inaugurando uma nova prática, pela dimensão do sujeito aprendiz. Pelo olhar de quem escuta o mundo pela primeira vez e precisa logo anunciar a todos o que ouviu. As experiências segredadas, nessa obra, são singulares, são únicas, porque foram vividas pelos sujeitos que as relatam. Aqui, o leitor descobrirá os caminhos por onde os autores passaram para iniciar sua caminhada com a leitura literária e a escrita acadêmica. Eles dialogam, inicialmente, posicionando-se de um lugar inédito: o olhar de cada pibidiano. Além disso, a obra inaugura um novo espaço para a formação de professores do Ensino Religioso – uma

conquista, para as transformações ocorridas nessas últimas duas décadas. Destacamos o papel de vanguarda do Rio Grande do Norte nos percursos da História da Educação Brasileira e da História do Ensino Religioso no Brasil que influenciaram fortemente os direcionamentos didáticos-pedagógicos do Pibid do Ensino Religioso da UERN.

Mesmo revelando parte do processo de apropriação dos conteúdos de uma obra lida por todos os diaristas, encontramos nos enunciados dos autores de cada capítulo a apreciação de um lugar construído pela singularidade e pelo olhar de quem se coloca como responsável pela própria aprendizagem, inspirando a futuros leitores a encontrarem também seus próprios percursos no processo de compreensão dos textos. Desejamos que as experiências vividas pela equipe que, ora se revela para o leitor, teça fios formadores para os desafios de se formar um docente leitor, crítico e responsável pelos saberes que constituem o repertório de conhecimentos para a docência.

Dedicamos essa obra a todos que contribuíram de alguma forma ou de outra para as ações do PIBID Ensino Religioso/Ciências da Religião; aos nossos colegas professores e servidores do Departamento de Ciências da Religião/UERN; aos servidores do Campus de Natal e do Complexo Cultural da UERN – CCUERN, que nos auxiliaram de modo simpático e sempre reagiram bem a toda movimentação e alegria dos pibidianos. Aos bolsistas PIBIC Ciências da Religião, monitores e estudantes do Curso de Ciências da Religião, com quem vivenciamos as alegrias, as manifestações e conhecimentos que foram se firmando nas práticas formativas do PIBID. Dedicamos ainda aos supervisores das quatro escolas parceiras desse subprojeto, que compartilham seus saberes, práticas, alegrias e dificuldades do cotidiano da escola e com quem muito aprendemos nesses dois anos de convivência ativa. Agradecimento especial à equipe Institucional do PIBID UERN e à CAPES, pelos investimentos feitos na forma de bolsas. Essa obra também é dedicada aos familiares e amigos de quem, muitas vezes, tivemos que abrir mão da convivência, para realizar tão grande e significativo trabalho para a formação e atuação de docentes do Ensino Religioso.

Boa Leitura.

Araceli Sobreira Benevides

Diário de leituras: Instrumento de uma formação acadêmica leitora

Ana Carla Oliveira Nascimento 

.....

Só esperamos o que somos incapazes de fazer, o que não depende de nós. Quando podemos fazer, não cabe mais esperar, trata-se de querer.

André Comte-Sponville

Registrar memórias de uma apaixonante descoberta não é difícil, já que toda história de crescimento é referente a mim. Sou Ana Carla Oliveira Nascimento, discente do Curso de Ciências da Religião e bolsista do Programa Institucional de Bolsa a Iniciação à Docência – PIBID, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. A minha *descoberta* se dá a partir da entrada na Universidade, no ano de 2012, quando, sem saber, não imaginaria tanta mudança em tempos tão recentes. E, até então, nem pensara em uma descoberta que me faria reformar o pensamento de tantas coisas, nos grupos da igreja, com os amigos, dentro da família.

Essa é parte da minha história que se tornou marcante, porque fez de mim quem sou, transformou-me de uma menina acriançada para uma jovem que veio a amadurecer. E, se não fosse oportunidade de fazer parte da Universidade, aqui não estaria hoje registrando a minha trajetória. Sou sempre assim, procuro conversar comigo, dessa forma, através das palavras, através de reflexões acerca de tantas leituras... Ufa... *Pense... Muitas leituras!*

Nossa! Escrever em diário é bom demais, volto a minha infância e lembro-me dos meus: “*Queridos diários, hoje meu dia foi ótimo, fiz coisas bem legais, brinquei, estudei, e assisti TV. Apesar de fazer coisas legais, sinto falta de meus pais que estão trabalhando fora...*” Lembro-me de quando eu ganhava os diários, lindos, enfeitados, bem desenhados, com cadeados. Como me encantava! Ficava boba, alegre, festejava tanto, gostava tanto de descrever o meu dia a dia, durante

o cair da tarde; o dia nem tinha acabado, mas lá estava eu a escrever, nem que repetisse as mesmas ideias, mas eu gostava muito. E, ao ressaltar a palavra *diário*, aqui, quero que saibam, não é o diário da infância, não é descrição do meu dia, mas é o diário de uma formação acadêmica, no qual não vou escrever em um diário enfeitado, aqui é meu diário, entendido pela seguinte percepção, vinda das palavras de um dos livros que estamos a ler: “A produção do diário, assim, é vista não simplesmente como a expressão do que se pensa, mas como uma forma de descoberta dos próprios pensamentos” (MACHADO, 1998, p. 30).

O que nele contém são relatos de leituras realizadas, ideias e reflexões que o Pibid vem trazendo na minha formação como futura docente de Ensino Religioso, além de compreensões na minha formação específica de Ciências da Religião, para atuar efetivamente em salas de aula; por isso, recorro a Benevides (2011), que entende a importância da seleção dos conteúdos para a organização do conhecimento em sala de aula, principalmente na formação docente, por entender, que não se leciona literatura a partir de “*qualquer conhecimento*”. Segundo a autora,

Essa compreensão denota nitidamente que não se pode selecionar qualquer assunto para ser abordado em sala de aula e que o conhecimento da disciplina pode ser organizado a partir de escolhas subjetivas e que não incorpora “modos de fazer” organizados, procedimentos específicos e atividades e decisões compartilhadas em um contexto definido: a sala de aula (BENEVIDES, 2011, p. 38). [Grifos da autora]

Assim, não adianta ter vários livros, ler vários livros, sem ser realmente leitor. E com isso me vem os questionamentos pessoais: *Você é leitor (a)? Em que tipo se encaixa: aquele que abre o livro e o devora em uma rapidez, que quando imagina não entendeu nada; aquele que atropela certos parágrafos porque está chato; aquele que seleciona capítulos para ler; aquele que nunca procurou ler atentamente, com calma, para ingerir, para degustar das palavras que ali se encontram?* Pois é, aí sou eu (risos), ou melhor, aí era eu, antes de conhecer o espaço universitário, e sequer os projetos, programas e pesquisas que a Universidade oferta aos estudantes. Penso que para ser um bom profissional, viver essas oportunidades, no âmbito acadêmico, bolsas em programas e projetos, viagens, divertimento com os colegas é bom... Pense como é bom...

Orgulho-me de tudo que estou vivendo, graças a Deus. Barreiras e mais barreiras, são como uma pedra no meio do caminho, você passa e tropeça e, quando vê, Deus já tem traçado outro destino, destino sem querer jamais voltar para trás. E é assim como estou no Pibid: foi uma tropeçada grande para poder participar e cá estou eu, seis meses de formação, mais três de práticas e experiências jamais esquecidas e, sim, reconhecidas, por eu saber o quão é grande a forma de construir conhecimentos.

A minha história na Universidade começou quando completei 17 anos. Imagina como eu me sentia... Feliz, era acadêmica, porém não tinha tanto conhecimento como alguns dos colegas, que já passaram por uma vida e tanto, já tinham experiências e vivenciado muitas coisas e eu... nada... Repleta de dificuldades devido ao ensino que tive, este deixou muito a desejar. Graças a Deus, falta de interesse não tive, e as oportunidades foram chegando, mesmo com tantas dificuldades.

Apesar de não ter morado com meus pais durante uma boa parte da infância, minha mãe se fez presente em meu estudo, assim como na do meu irmão, nos incentivando a querer algo na vida. Nesse mesmo tempo que comecei as aulas na Universidade, foi o mesmo que comecei o Técnico em Enfermagem, com diferença de alguns meses apenas. Nossa, que loucura! Pense em um tempo corrido! Não que tenha deixado de ser, mas dar conta de áreas diferentes foi o “máximo”, *Enfermagem e Ciências da Religião*, pense em uma experiência boa! Eram leituras, leituras e mais leituras, provas e seminários. Nossa! O tempo foi passando e chegou o PIBIC na minha vida, imagina o que aconteceu? Mais leitura (risos). Participei deste, no ano de 2014. Com a entrada no PIBID, no dia 19 de março de 2014, quando tivemos nossa primeira reunião e, daí em diante, meu querido diário, só leituras, *Letramento literário, Produção Textual na Universidade, Resumo, Diário de leituras, Contar e Encantar, A Arte de Contar Histórias no Século XXI* e várias outras obras acadêmicas e literárias.

Apesar dessa reforma de pensamentos, pude ter certeza de que ela não foi tão eficaz para mim ainda nesse tempo. Os questionamentos que vinham sendo feitos me aprisionavam em ideias ainda fechadas, sem um nível de compreensão, sem eu ter a certeza de que estava desenvolvendo e de que eu teria um grau de dificuldade enorme na compreensão dos textos que lia.

Com a chegada do PIBID na minha vida, posso ver as mudanças que, com êxito, fazem saltitar minha alegria com o mundo da leitura no meio acadêmico. O PIBID tem sido para mim instrumento de desenvolvimento como pessoa: estou trabalhando a articulação da oralidade, a interação com colegas, a construção de conhecimentos, a quebra de pensamentos fechados, é “*o disse me disse*” de (re) construir novas ideias, novas reflexões, de conhecer outros lugares e fazer do curso meu projeto de vida. Se não fosse isso, meu Deus, sinceramente não tinha permanecido no curso... Lembro-me do que minha amiga Lívia disse uma vez: “*entrou na faculdade e não sabia nem espirrar e agora já tá escarrando*” (risos). Se não fosse a ajuda de minhas amigas Lívia, Priscila, Jamillis, não teria suportado muita coisa, elas sempre me aconselham, portanto, sou agradecida ao meu Deus e a elas por toda força e apoio, conselhos e cascudos que me deram.

O PIBID abriu portas para levar às escolas novas propostas, novos olhares, novas dinâmicas do que é ensinar, do que seja letramento. Através desse Projeto, pude e posso observar o quanto a diferença faz a força, e faz bonito. O encantar existe, e para aquele que sabe realmente fazer bem feito. A leitura tem sido para mim mais do que pegar em um livro e folheá-lo, degustá-lo como uma comida nova. A leitura tem sido a escolha pela qual optei por mudar muitas coisas de minha vida; não como as que acima já foram citadas, mas as novas que se renovam a cada leitura feita. Ler é conhecer personagens novos sem ter saído do lugar; ler é navegar no mar sem saída, do qual o infinito faz parte.

Assim, descrevo o que aprendi com algumas das obras trabalhadas, nesse primeiro momento, cito a importância do letramento literário, dizendo que este vai além de uma boa escolarização. Letramento literário trabalha com a prática social, desenvolvendo capacidade e habilidades dos leitores.

Então, vamos à mudança? A mudança aqui se refere às ações planejadas do subprojeto que estão contempladas desde a etapa inicial que visa à potencialização da formação inicial de professores de Ensino Religioso e mobiliza as experiências metodológicas e as práticas inovadoras, as quais nos envolveram. Dessa forma, Ensino Religioso é entendido em uma perspectiva pluralista e não confessional, pensado através do diagnóstico das necessidades escolares

relativas às perspectivas didático-pedagógicas do Ensino Fundamental I e II. São previstos encontros sistemáticos, semanais, na Universidade e mais a frente, nas escolas. Dessa forma, poderemos planejar as ações a serem desenvolvidas, bem como a realização de estudos sobre as práticas de leitura, letramento e Ensino Religioso Pluralista, além da realização de cursos de fundamentação teórica sobre letramento literário e mediação da leitura, envolvendo seminários e oficinas pedagógicas, para transposição didática de contos, mitos e mitologias, lendas, poesias, romances, peças teatrais, entre outros gêneros que dialogam com os conhecimentos das Ciências da Religião, em consonância com uma política de formação de novos leitores.

As minhas primeiras leituras na etapa inicial (mês de março de 2014) foram desenvolvidas a partir de ações em que visam à leitura de obras literárias entendidas como prática de letramento literário e à leitura de obras teóricas – entendidas como práticas de letramento acadêmico. A terceira ação é a escrita – produção deste diário de leitura.

O referencial teórico principal dessa fase inicial do subprojeto toma como base Rildo Cosson e sua obra *Letramento literário: teoria e prática*. Na introdução desse livro, Cosson descreve uma fábula reflexiva intitulada *A fábula do imperador chinesa*, cuja narrativa destaca a história de um imperador preocupado com o futuro do império. Como este necessitava escolher um sucessor devido estar velho, escolheu um de seus filhos, porém, este não possuía os conhecimentos necessários, e como o imperador não queria que ele estudasse sozinho escolheu outro filho e um servo para acompanhá-lo; mas, para isso acontecer, precisava de um sábio para assumir as complexas matérias da arte de governar. E, diante desse enfrentamento, para encontrar o sábio que queira aceitar tal missão, foram apresentadas na fábula três situações: arrogância, indiferença e desconhecimento, trazendo aos seus leitores um laço comparativo e questionador. O interessante é ler o livro, para compreender como tais situações também são possíveis nas práticas escolares.

Uma obra, por sinal, excelente para o leitor que deseja inovar, transformar, ser um bom profissional que sabe trabalhar além de sua formação, na interdisciplinaridade com Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, Ensino Religioso, por buscar do leitor (geralmente o professor) um ser, além de

pensante, reflexivo, um ser que saiba de sua responsabilidade no meio social, cultural, respeitando as profundas mudanças no universo no qual vive.

No livro *Letramento Literário*, Rildo Cosson expõe como motivar e ampliar as abordagens do ensino-aprendizagem do texto literário, aliás, a obra é indicada, “[...] para professores que desejam fazer do ensino da literatura uma prática significativa para si e para seus alunos” (COSSON, 2014, p. 11).

Ao ler e reler o livro *Letramento literário: teoria e prática*, fui ampliando os entendimentos de se trabalhar o que está proposto no subprojeto com os questionamentos de vários aspectos da educação e o quão são desafiantes. *Como promover a leitura literária já que esta compete e é dividida entre tecnologias (computador, celulares, etc.)? Como incentivar os alunos a lerem? Como fazer com que os alunos compreendam o que leem? Por que os alunos não gostam de ler?*

Isto é algo que podemos encontrar como resposta no livro de Cosson (2014), pois este aborda o processo de mediação da escola e do professor na formação do leitor de literatura, ou o processo de escolarização da leitura. Desse modo, o processo educativo precisa ser organizado para atingir seus objetivos, fundamentando um caminho a ser seguido em direção ao letramento literário. De acordo com Cosson (2014), devemos compreender letramento literário como uma prática social, sendo essa prática também de responsabilidade da escola. E se a responsabilidade é da escola, como instituição, e quem compõe esta são os educadores, a questão vai se constituir na formação destes, compreendidos como mediadores do compromisso de construção de conhecimento que todo saber exige.

É importante observar que há vários níveis e diferentes tipos de letramento: primeiro, um letramento dependendo do grau do indivíduo e de suas necessidades. Quando se refere ao letramento literário, conforme o autor concebe, este possui uma configuração especial. Portanto, há uma dimensão diferenciada do uso social da escrita e há uma forma de assegurar seu efetivo domínio.

Além disso, o processo do letramento literário se faz via textos literários. A importância do processo de letramento não é só aquele oferecido pela escola, é também aquele difuso na sociedade, ou seja, pelas/nas práticas sociais. A partir

da leitura inicial, o autor deixa claro que não se trata de qualquer letramento, mas se refere ao processo de escolarização da literatura, no qual:

1° se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico.

2° busca uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo.

Rildo Cosson ainda esclarece que existe uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver no mundo.

Outros pontos a observar são: a didatização ou escolarização da literatura na tentativa de compreender como se deu a passagem da literatura como arte para a literatura como disciplina escolar; o segundo ponto é a crença de que a literatura não se ensina, basta a simples leitura de obras, como se faz ordinariamente fora da escola.

Por partes, cabe esclarecer a concepção de leitura que fundamenta o caminho a ser seguido para o letramento literário na escola. Conforme o autor indica, os procedimentos que efetivam a proposta do letramento literário apontam para um método no qual todo processo educativo precisa ser organizado para atingir seus objetivos. As atividades coordenadas de ensino e aprendizagem de leitura literária na escola básica possui como meta construir comunidades de leitores, assim como o processo de avaliação dentro da perspectiva do letramento literário aqui proposta.

Diante das leituras e observações aqui já abordadas sobre o conceito descrito acima, nota-se o quanto desafiante é o processo de formação do leitor, pois não se busca construir um ambiente literário apenas na escola, em uma sala de aula, busca trazer/fazer para os alunos a maneira de cada um poder ver e viver no mundo onde a escrita circula. Posto isso, me pergunto: *que visão os alunos construirão do mundo, se a sociedade é um processo difuso? Será que os assuntos abordados em sala serão interpretados corretamente, já que se trata de um processo educativo que se destina reformular/ reformar, fortalecer e ampliar a educação? Que laços serão usados para unirmos membros em um espaço e tempo para formar comunidades de leitores?*

O desafio é se trabalhar com o *diferente* em uma escola que resiste a

mudanças. Cosson (2014) recomenda, na obra, propostas de oficinas para o professor adaptar em seu trabalho as ações com o letramento literário. Ele sugere planejar, fazer/realizar e buscar praticar o que se almeja; “[...] daí a pergunta honesta e o estranhamento quando se coloca a necessidade de se ir além da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário” (COSSON, 2014, p. 26).

Para Cosson (2014), dominar o discurso literário é um processo muito mais difícil para aqueles que não frequentam com regularidade a escola e nela completam sua formação. Como consequência, para desenvolver o discurso literário, é necessário ler e:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (COSSON, 2014, p.27).

E, para além disso, o efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Como bem coloca o autor, “[...] tudo isso fica ainda mais evidente quando percebemos que o que expressamos ao final da leitura de um livro não são os sentimentos, mas os sentidos do texto” (COSSON, 2014, p. 28).

Cada vez que vou relendo o livro *Letramento literário* é como se também estivesse refazendo minhas compreensões acerca da leitura, afinal, “ninguém nasce sabendo ler literatura”. Gosto da maneira como Cosson coloca a visão da leitura, pois é pura realidade, esses dois anos de pesquisas na Universidade valeram realmente a pena; percebo agora como o livro passa um sentido de transformação/mudança para quem deseja fazer realmente as coisas acontecerem. Como defende o autor,

[...] aprendemos a ler literatura do mesmo modo como aprendemos tudo mais, isto é, ninguém nasce sabendo ler literatura. [...] o segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona e um mundo feito de palavras (COSSON, 2014, p. 29).

Penso que saber descobrir que a leitura torna-se um segredo unicamente

seu, com certeza, é envolver-se com palavras que jamais serão únicas, para quem ama leitura, descobre, através dela, um mundo mais que articulado. Aprendi com Cosson (2014) que é justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo.

Para entendermos do que se trata o letramento literário, temos a seguinte definição:

Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas. Há, portanto, vários níveis e diferentes tipos de letramento (COSSON, 2014, p. 11).

Percebo que a prática pode nos levar ao melhoramento da teoria, pois estamos executando apenas o que é da palavra, para ação, ação favorável ao crescimento não só pessoal, mas profissional. Ou, como li em Azevedo (2007, p. 4):

Sabe que suas palavras, seu tom de voz, seus gestos, seus olhos, o ambiente, a reação da plateia e a energia estabelecida entre ele e a plateia, fazem parte de seu discurso e jamais poderão ser completamente reproduzidos (mesmo que seu discurso seja gravado, filmado ou fixado por texto).

Ao ler obras literárias, o mundo da leitura esclareceu, como o vento que sopra as plantas de um jardim verdejante e florido, onde as rosas, são livros, onde há galhos, há o suporte que os sustentam e seguram para lermos sem mesmo sair do canto. A grama, como o caminho sobre o qual andamos nos para guiar e dar força a todo o processo educativo, os vasos, como bancos confortáveis para uma boa leitura e a porta desse jardim, o PIBID, para apimentar os conhecimentos. Textos assim, claros, diretos, concisos e dependentes da plateia (leitor), são exatamente aqueles utilizados pelo escritor (AZEVEDO, 2007).

Os conjuntos das ações se tornaram somativos a cada dia, a cada mês que passa, pois mais leituras, mais literatura na jornada. No decorrer de minha vida acadêmica, tenho certeza de que esta foi uma ideia brilhante, pois é o mesmo que conversar comigo mesma o que estou aprendendo, os meios utilizados para ter reflexões, critérios e ações contemplados nas etapas de potencialização,

de perspectivas, de realizações de cursos de fundamentação teórica sobre o letramento literário e mediação de leitura.

O primeiro livro literário com o qual me deleitei ao ler foi *Contos tradicionais do Brasil para Crianças*, de Luís da Câmara Cascudo; é um bom livro. Li em um único dia. Ele traz sete contos diferentes com os quais posso trabalhar com o Ensino Religioso. Além de contos tradicionais da cultura brasileira, apresenta contos de animais como *O touro e o homem*, *O bem se paga com o bem*, *Uma lição do Rei Salomão*, como contos religiosos; *A menina enterrada viva*, como contos de natureza; contos de adivinhação de *Frei João sem cuidados*; *O macaco perdeu bananas*, como contos acumulativos; *A música dos Chifres ocios e perfurados*, como contos de tradição.

Os contos tradicionais vão misturando os jeitos de ser e falar dos povos. E as histórias vão viajando pelo mundo, sempre mudando, mas guardando algumas características como o herói forte e corajoso que salva a princesa e mata dragões; muitas vezes, as princesas reagem e saem procurando a solução para o encantamento do príncipe. Pela voz de muitas gerações, essas histórias se conservam e Câmara Cascudo registrou-as para nossa delícia.

Em meu ponto de vista, ler essas obras literárias não é só a delícia do prazer, do encantamento, como também é conhecer e crescer não só no que está posto a nossa frente, mas no que existe dentro dos livros. É como conhecer gente muito interessante, sem precisar conviver com ela. Vai rir e até chorar com histórias de pessoas que só existem nos livros.

O livro *Memórias de um aprendiz*, de Moacyr Scliar é ótimo para ler. Como o outro anterior, li em um único dia (20.03.2014). É um livro em forma de depoimento; o autor indica uma forma para nós aprender a ser um escritor. Além disso, ele surpreende a nós leitores com o seu testemunho.

Ele relata na obra que começou a escrever logo cedo, mas que costuma dizer; “[...] ainda não aprendi – e acho mesmo que não aprendi a gente nunca para de aprender – não foi por falta de prática” (SCLIAR, 1937, p. 9). Na obra, ele relembra que todas suas recordações estão ligadas a ouvir e contar histórias, não só dos personagens que o encantaram, mas também suas próprias histórias, dos personagens criados por eles, sejam reais ou imaginárias.

Ao usar este livro em uma sala de aula como Ensino Religioso, avalio que

dá para conciliar uma ação de interdisciplinaridade até mesmo com a Literatura, a Arte, a História e Geografia; dá para trabalhar os heróis mitológicos atenienses, a mitologia grega. Os personagens citados por ele (o autor) nos traz por um percurso a utilização de eixos temáticos como *ethos*, alteridade entre outros. “Verdade” é uma *palavra relativa* para um escritor de ficção. *O que é verdade? O que é imaginação?* Moacyr Scliar utiliza imagens para ilustrar os depoimentos colocados em sua obra: Temporal, os mistérios da vida, o relógio e as ursas.

O livro é uma ficção autobiográfica da infância do autor, apaixonado por livros, pela escrita, pela leitura e pelo processo criativo. Se alguém me perguntasse se dá para trabalhar em sala de aula, indicaria, com certeza.

Quando optei pelo livro *Inocência*, não pensei que me traria uma tristeza, até porque se trata de um romance, e gosto muito desse gênero; o romance apresentado no livro não é o que esperamos de um final feliz, é uma história forte, pois traz consigo frustrações, trágicos momentos, porém, não só isso, pois há experiências amorosas desafiadoras. O livro retrata o romantismo brasileiro, no qual se afirma ser precisamente na sua face regionalista.

A história remete aos valores familiares de uma época passada, principalmente, pelo sertão, é apresentada a obediência de uma menina (Inocência) ao ser submissa de seu pai. Além disso, apresenta as violações das regras de poder para se conseguir o que é esperado, além de trazer um aspecto religioso no tocante à doutrina cristã, faz-nos vivenciar o linguajar do sertão *matuto* na fala dos personagens. Recuperei uma descrição da natureza, por fim, pude entender a autenticidade de emoções de uma estética romântica, construída a partir dos diálogos da trama.

Ao estudar sobre a educação básica sobre a formação do professor e a relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação busquei a leitura do livro *Educação Básica*, de Maria Lúcia Vasconcelos (2012), o qual está dividido em cinco capítulos. Em *a Formação do professor*, a autora analisa os cursos de licenciatura e os programas de educação continuada. Em seguida, no capítulo, *O exercício da autoridade docente*, a relação do professor-aluno é refletida de acordo com o contexto de papéis controlados, já que no próprio espaço institucional indica que é esperado um conjunto de ações específicas e particulares para aquele grupo social, mas visando a uma relação caracterizada

por uma interação equilibrada.

Em planejamento e ação docente no espaço de sala de aula, diferentes aspectos da função do professor são analisados e as diversas fases do planejamento educativo são apresentadas e discutidas. O capítulo *O diálogo na educação* gira em torno do pensamento de Paulo Freire, que defende uma escola democrática, na qual a educação se efetive em ambiente de respeito entre interlocutores diversos, todos os sujeitos de sua própria vida, sem, no entanto, ignorar as especificidades e diferenças de cada um. O livro se completa com o capítulo *No contexto jornalístico, um olhar externo para educação*, em que se verifica como é a relação mídia-escola. Quais os temas mais frequentemente abordados e sob qual ótica? Como é vista a comunidade educacional brasileira pelos meios de comunicação? O que dela se cobra? O que nela critica?

Uma das grandes riquezas de escrever meu próprio diário são as reflexões, informações que vão sendo construídas ao longo das leituras e advindas das escritas das compreensões, além das perspectivas na aprendizagem profissional/docente. E como possibilitou a busca de conhecimento, contribuiu, por meios dessa formação, a tantos caminhos diferenciados. Por vez, não deixo de fora a diversidade de pensamentos e dos discursos em ambiente multi e/ transdisciplinar, um ambiente de diferentes culturas.

Em seguida, passei para a abordagem de um estudo, a partir do livro *Aprendendo a ensinar o caminho nada suave da docência* (Polêmicas do nosso tempo), de Maria Regina Guarnieri (2005), este trata de um tema relevante para todos os profissionais do ensino comprometidos com o processo educativo escolar e que almejam a transformação da escola.

A abordagem de questões sobre o professor, o seu fazer e pensar, o seu trabalho e formação é analisada sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas e contribuem para uma aproximação sobre a temática da aprendizagem profissional docente, entendida como um processo que ocorre ao longo da carreira. O esforço de ampliar a compreensão sobre os desafios, dificuldades, dúvidas e incertezas vividas pelos professores em seu dia-a-dia e as tentativas de superação dos problemas postos pela educação.

Cada vez mais percebo que ser estudante é tirar o maior proveito do que a vida nos pode oferecer e quando se trata de ser professor é tirar disso a vontade

de fazer o melhor.

Quando a professora Araceli nos disse que estava na hora de ir para a escola, foi muito legal; agora nossa missão era colocar na prática tudo o aprendemos sobre o letramento literário e, além disso, estaríamos construindo nossos próprios materiais pedagógicos, objetivo também do subprojeto.

Poderia eu descrever tantas aulas ministradas pelo professor Francisco Melquiades Falcão Leal, mas faço uma seleção e vou descrever resumidamente momentos jamais esquecidos: para atividades realizadas nas aulas do 5º ano A, houve a organização da sala em círculo; em seguida, motivação do professor e explicação do que iria acontecer; a seguir, a leitura do livro *Contos de enganar a morte* com a participação das crianças, identificando os personagens e, assim, o professor ia copiando no quadro; e, feito isso, partiu para elaboração da oficina intitulada “Ideia contrária”, a qual foi retirada de uma das oficinas proposta no livro de Cosson (2014), na qual as crianças elaborariam um final contrário do livro *Contos de enganar a morte*, especificamente do conto *O homem que enxergava a morte*. Teve um resultado bem participativo pela turma: as atividades foram sendo realizadas e as ideias surgindo; até então, ficou decidido fazer uma peça teatral (essa foi realizada no fim de ano, no sarau da escola que tinha como autor Ricardo Azevedo, o que facilitou para o nosso trabalho). Além disso, houve a recontação feita pelos alunos diante de uma câmera, o que, por vez, foi trabalhada a timidez dos alunos e, com todo o andamento das atividades, foi sendo elaborados painéis e ensaios com a professora de Artes, como atividade interdisciplinar. É importante frisar o trabalho conjunto com outros professores para a aula acontecer. E... Sabe... Conseguimos a elaboração de jogos produzidos a partir de nossa temática *morte* e o livro adotado para execução de atividade por meio do letramento literário para o Ensino Religioso.

É linda a maneira com a qual o professor Francisco Melquiades Falcão Leal, supervisor do grupo em que participo na Escola Municipal Professor Bernardo Nascimento, envolve seus alunos em sala de aula (meu primeiro contato com a sala de aula e o professor): sempre procurando a atenção dos seus alunos com o conteúdo a ser passado, com as dinâmicas a serem realizadas, ele deixa de ser ele, e parece incorporar outros personagens para a realidade, assumindo vozes diferentes a cada momento. Lembro-me de uma aula que ele ministrava

no 4º ano B, quando falava com as crianças e dizia: “Como hoje vieram poucos coleguinhas vamos conversar baixinho”. “*Bom dia pessoal*” e as crianças sem esperar, dando uma sonoridade e um efeito a sua voz (tom mais alto) diz: “*Bom diaaaa!*”, até eu tive medo (risos). A partir desse momento, fui observando o encantamento das crianças por ele, um carinho sem igual, a forma elaborada em sua aula, através de expressões, desenhos, contações de histórias e leituras, demonstrando dessa forma, como é possível desenvolver o letramento.

O professor/ supervisor passou sua forma diferenciada no ato de educar, no ato de ser professor: ser professor é mais que passar conteúdo, além de um produtor de conhecimento, é, contudo, um ser amigo, que medeia a aula, para que os alunos sejam protagonistas, para que os alunos sejam reflexivos e pensantes.

A proposta foi trabalhar os *Contos de enganar a morte* de Ricardo Azevedo, um livro, por sinal, contagiante; sendo assim, as atividades das etapas e ações com foco no letramento literário inseridos no contexto de sala de aula de Ensino Religioso pela temática da *morte* deu-se a partir do gênero discursivo *conto*.

Na opinião de Azevedo (2007, p. 1),

Parte considerável dos contos populares parece ser originária de mitos arcaicos. Os mitos, como se sabe, são, em princípio, narrativas sagradas relatando fatos que teriam ocorrido num tempo ou mundo anterior ao nosso e que, em geral, tentam explicar a origem e a existência das coisas: como e porque surgiu o mundo, os homens, os costumes, as leis, os animais, os vegetais, os fenômenos da natureza etc. Em outras palavras, através de histórias, as culturas criaram (e criam) mitos com o objetivo de tornar compreensíveis e interpretáveis a existência humana e tudo o que existe.

Para Azevedo (2007), o conto popular é sinônimo de conto de fadas, conto maravilhoso ou conto de encantamento, narrativas que, no Nordeste brasileiro, também são conhecidas como histórias de trancoso, as quais eram contadas por nossos avós.

Como atividades e ações desenvolvidas, tivemos a produção de um artigo, o qual nos envolveu e nos levou a apresentar, em eventos e localidades diferentes, as produções pedagógicas efetuadas na sala de aula com o gênero conto, propostas através do letramento literário, ampliando na construção de

nossos conhecimentos. E, com isso, a apresentação do trabalho, busca que os outros se sintam incentivados a investigar o tema de forma mais profunda e consigam promover práticas mais envolventes e a elaboração de materiais didáticos que promovam uma melhor formação e atuação dos profissionais do Ensino Religioso, assim como nós estamos fazendo.

Em um primeiro momento, utilizamo-nos da contação de histórias por considerar essa metodologia um instrumento capaz de gerar um material propício ao bom desenvolvimento de aulas que se utilizam de contos literários, o que favoreceu à produção de material pedagógico específico.

Ao salientar a contação de histórias, como muito bem retrata Cléo Bussato, no livro *Contar e encantar*, ao dizer que a narrativa e o conto de literatura oral ocupam um lugar significativo no espaço-lugar pedagógico. Bussato manifesta algo muito interessante no início de seu livro, no trecho que destaco, abaixo:

O contador de história cria imagens no ar materializando o verbo e transformando- se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra. [...] Contar história é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria- prima é o imaterial, e o contador de história um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar. (BUSSATO, 2005, p. 9).

Ao trabalhar a temática da *morte*, utilizamo-nos dos contos populares de alumbramento de Ricardo Azevedo, introduzindo de forma serena e extrovertida o tema em sala de aula, com o objetivo de atualizar esse conceito, retirando dele o peso que lhe é atribuído por doutrinas e ensinamentos diversos. O que, para Azevedo (2003), trata-se de um grave erro considerar a morte um assunto proibido ou inadequado para crianças. Heróis nacionais como Ayrton Senna, presidentes da república e políticos importantes, artistas populares, parentes, amigos, vizinhos e até animais domésticos, infelizmente, podem morrer e morrem mesmo. A morte é indisfarçável, implacável e faz parte da vida.

Além disso, podemos fazer a relação da abordagem morte como parte dos eixos temáticos do Ensino Religioso, a partir dos *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso* (FONAPER, 2009). Nesse sentido, o objetivo passa a ser promover uma maior reflexão por parte dos profissionais da área acerca da inserção do tema em suas atividades pedagógicas.

Com a produção de novas propostas e ideias, vemos que a utilização de

material didático nas aulas de Ensino Religioso se apresenta como uma interação e facilitando a prática docente quando este favorece o processo de apreensão de sentidos a partir da realidade concreta dos alunos.

Segundo o pensamento de Ricardo Azevedo (2007, p. 8),

[...] através dos contos populares temos a oportunidade de entrar em contato com temas que dizem respeito à condição humana vital e concreta, suas buscas, seus conflitos, seus paradoxos, suas transgressões e suas ambiguidades,

o que está em perfeita consonância com os sujeitos com os quais nos deparamos nesse momento de nossas atividades de docência.

Ao trabalhar com as obras de Azevedo tem-se que “[...] os contos populares, independente de rótulos, podem ser considerados uma excelente introdução à literatura [...]” (AZEVEDO, 2007, p. 8). Dessa forma, esse gênero pode, com certeza, enriquecer as aulas de Ensino Religioso e promover a desconstrução de conceitos arcaicos e proselitistas da temática da morte.

Em virtude disso, é possível perceber o quanto as obras literárias e acadêmicas mudaram tantas visões em meu ser, não só na descoberta que me fizeram reformar o pensamento sobre tantas coisas, nos grupos de igreja, com os amigos, dentro da família, em simples movimentos, como relatados inicialmente, mas no meu crescimento profissional como futura docente do Ensino Religioso. Foi possível retirar de cada obra um aprendizado, de cada teoria uma prática e de cada prática uma experiência jamais esquecida.

Acho necessário aqui ressaltar que as leituras efetuadas começam por fazer efeito, efeito esse, ao ver que estou me autoconhecendo para construção de ideias; isso ajuda-me e me auxilia na prática. Afinal, ler e escrever são duas práticas articuladas. Como vi Egon Rangel dizer na orelha do livro *Resumo* (MACHADO, LOUSADA; TARDELLI, 2004), me sinto atraída pelo que coloca, pois é de grande significado o leitor praticar o que lê, e aprender porque se pratica, mais ainda refletir sobre o que pratica. Ao final, do percurso, dominará o essencial dos gêneros que praticou, ao ler. E aí estará pronto para ensaiar modos próprios de escrevê-los, articulando o que já aprendeu com as lições que cada situação nova sempre dá.

O livro *Resumo* apresenta características semelhantes às de outras

obras sobre produção de resumos em outra esfera, mas também guarda suas diferenças; trata-se de uma oficina prática, pela qual passamos a exercitar a escrita acadêmica. A leitura desse livro me serviu para conhecer e colocar em prática um pedido constante de professores, que sempre têm exigido de nós alunos saber resumir uma obra, despertando-nos, assim, para conseguir a capacidade necessária para produzir a síntese do que é lido.

Já o livro *O diário de Leituras: A introdução de um novo instrumento na escola*, de Anna Rachel Machado retrata como fazer uma leitura reflexiva e eu, com um entusiasmo contagiante e com um desejo de conhecer sempre mais, deparei-me com uma complexidade, com diferentes formas de compartilhamento sobre um processo novo de aprendizagem. Este envolve, de forma prática, a apropriação e a interiorização dos textos lidos. Há uma experiência cultural, um modo de textualizar, articular discurso, de se fazer uma descrição detalhada e mergulhar no que se propõe, ao escrever sobre o que se leu, como faço aqui. *Produção textual na universidade* mostrou-me sobre o letramento científico, o qual se concentra no desenvolvimento de competência escrita para nós, alunos, interagirmos com o mundo acadêmico. Trouxe-me ainda o entendimento de uma determinada ação acadêmica, sabendo que é necessário avaliar, descrever, relatar todas as informações que obtemos para nossa prática de escrita acadêmica.

E antes mesmo de finalizar essa etapa volto a salientar Cosson (2014) para quem a leitura literária é um processo que abrange vários aspectos o social, político, cultural, histórico e, neles, estão inseridas as práticas de letramento. O termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolve a escrita de uma ou de outra maneira, sejam elas valorizadas ou não valorizadas, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos seja na família, igreja, trabalho, escola entre outros. O Ensino Religioso pode colaborar na formação do sujeito de maneira integrada e integradora, não se desvinculando dos contextos onde se insere o sujeito aprendiz. Daí, a importância do processo de socialização, neste projeto de letramento, este também defendido por nós.

São importantes as reflexões acerca das teorias, da literatura, da prática, da escolarização. Mas pense em um desafio!!! Não o de escrever, pois o diário é algo pessoal e uma forma impressionante de nos auto avaliar. Mas de *refletir*,

pois só escrever não é válido para quem quer ser um bom profissional. Ao ir aperfeiçoando você, meu diário, ainda vejo que não alcancei o propósito para todas as escritas. Enfim, tudo isso é *complexo* de fato. Assim aprendi, ou melhor, passei a observar o quanto é difícil o processo de aprendizagem, por mais que utilizemos vários discursos, é necessário colocar em prática e compartilhar essas ações, não importa qual sua forma.

Por fim, a construção de textos, escrita e reescrita, leituras compartilhadas, participação através da contação, peça teatral, criação de jogos e demais atividades elaboradas e construídas nesse tempo de formação e exercícios na prática me torna, me faz ser capaz de perceber a importância de materiais pedagógicos adequados para o Ensino Religioso Pluralista, além de me fazer capaz de perceber que tudo só acontece com a participação essencial dos alunos.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática, 2003.

AZEVEDO, Ricardo. **Conto popular, literatura e formação de leitores**. Publicado em Re-vista Releitura. Publicação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. Abril, nº 21, 2007. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

BENEVIDES, Araceli Sobreira. **Professor religioso ou professor de Ensino Religioso – perspectivas para a formação docente**. In: ANDRADE, Francisco Ari de; SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (Org.). Formação de Professores e Pesquisas em Educação: teorias, metodologias, práticas e experiências docentes. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 32-53.

BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Editoro, 1967.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Consenso, 2012.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. (FONAPER). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso**. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

GUARNIERI, Maria Regina (org.). **Aprendendo a Ensinar:** o caminho nada suave da *docência*. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2005. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

MACHADO, Anna Rachel. **O diário de leituras:** a introdução de um novo instrumento na escola. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane Gouvêa; TARDELLI, Lília Santos Abreu-. **Resumo**. São Paulo: Parábolas Editorial, 2004.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SCLIAR, Moacyr. **Memórias de um aprendiz de escritor**. São Paulo: Nacional, 1984.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. Rio; São Paulo: Fortaleza, 2002.

VASCONCELOS, Maria Lucia. **Educação básica:** a formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação. São Paulo: Contexto, 2012.

Diário de leitura: teoria e prática do letramento literário no projeto PIBID



Ana Paula de Lima Soares Barros

Não haverá belas borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.

Rubem Alves

A leitura literária está presente na vida de todo ser humano desde a fase de aprendizagem, quando é estimulada, em princípio, pelos pais e, sucessivamente, pelos professores, para aprender a ler. Apesar de naquela época não compreender totalmente a sua importância, cumpria cada etapa com muita determinação, entusiasmada para descobrir os segredos daqueles livros tão coloridos. Não foi fácil aprender a ler, lembro como se fosse hoje, os meus pais cobrando resultado das aulas de reforço com medo que eu não pudesse seguir o mesmo nível da turma. Com muita força de vontade, realizei esse grande passo. Mas, com o passar do tempo, uma coisa não estava certa e percebo hoje que é muito comum entre as pessoas saber ler, mas não vivenciar a prática da leitura, em decorrência de muitos motivos como a falta de apoio, não compreender o que está escrito ou simplesmente falta de interesse.

O meu gosto pela leitura veio com a literatura, principalmente com contos, fábulas, crônicas e cartuns. Não foi de um tempo para o outro, porque considerava os livros como uma obrigação, me restringia a estudar somente as matérias exigidas pela escola. Para mim, o objetivo principal do estudo era decorar para fazer as provas.

Quando entrei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID – Ensino Religioso/Ciências da Religião/UERN – para trabalhar com o projeto *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso*, reconheci a importância de ser um leitor literário para ser um futuro profissional capacitado e preparado para lidar com muitas situações no âmbito do trabalho escolar. Pude, então, dar valor às pequenas histórias lidas na minha infância e voltar a reler e ler novas histórias e a observá-las de outra forma. Olhar para esses textos

de maneira a ajudar na minha formação, assim como também na dos meus alunos. A professora coordenadora me ajudou bastante nessa etapa a utilizar os artifícios necessários para fazer uma relação do conteúdo junto ao letramento, ao perceber a vida externa do aluno e a característica de cada um na sala de aula. Assim, ao resgatar valores esquecidos no meio familiar e social da vida do homem moderno, podemos tornar essas crianças melhores cidadãos, mais críticos e criativos para enfrentarem os diversos contextos da vida cotidiana, no presente e no futuro.

O diferencial são as aulas, o oposto daquelas que tive. Agora, o professor como mediador que não obriga o aluno a decorar conteúdos, mas aprender com aquilo que desperte a curiosidade, o prazer de construir o conhecimento seja modo articulado e único, através de jogos e da própria narração das histórias. E imagino se antigamente a metodologia fosse essa, o quanto teria me ajudado e aos meus colegas a não sofrer tanto na hora de aprender e, possivelmente, ajudaria os meus pais em seus gastos.

No mês de maio de 2014, iniciei a leitura da seguinte obra: *O Letramento literário* de Rildo Cosson. Esse livro foi o principal para a formação teórica como bolsista do projeto PIBID. Com esse livro, pude entender o porquê dos professores que trabalham com os meios literários vivem uma situação difícil. Pois, Cosson deixa claro que alguns professores acreditam que a literatura seja um saber desnecessário, já outros que desconhecem a disciplina, porém consideram o esforço para conhecer desproporcional aos seus benefícios. Por fim, há aqueles que desejam estudar literatura ou qualquer outra coisa. Todavia, ela se torna inacessível. Nessa introdução, o autor coloca que o livro é escrito para enfrentar essas situações de arrogância, indiferença e desconhecimento a respeito da literatura na escola. Criado para os professores que deseja fazer do ensino da literatura uma prática significativa para si e para seus alunos, de forma que o letramento é uma forma de apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas.

Nos capítulos posteriores, a partir do capítulo intitulado I, podemos notar o papel de informar o quanto a literatura faz parte de nossas vidas por meio dos corpos linguísticos, palavras e escritas. Essas práticas fundamentais existentes na literatura fazem aumentar o nosso conhecimento de mundo e trazem sentido

ao homem e o liberta das limitações físicas do ser. O que podemos notar de importante é que ela integra o homem à sociedade, devido fazer parte das experiências vividas, pois sua função é tornar o mundo mais compreensível, independente do tempo.

No capítulo II, *Aliteratura escolarizada*, o autor coloca que muito professores e estudiosos da área de Letras dizem que a literatura está ultrapassada e só se mantém por causa da tradição. No entanto, Rildo Cosson entende que é necessário salientar que ela serve para ensinar a ler e a escrever de forma cultural, e é fundamental que esteja nas escolas por se tratar de uma prática social. Avaliando a literatura nos dois níveis de ensino, podemos notar que ela é considerada uma prática complementar que está perdendo sua essência para a modernidade. No Ensino Fundamental, é considerada irregular e crítica, não servindo para língua padrão nem para a formação do leitor, sendo assim substituída por páginas de jornal e revistas científicas, por ser padronizadas. Já no Ensino Médio, segundo Cosson, limita-se somente à história da literatura brasileira, abandonando obras consideradas fundamentais, como a utilização de canções populares, crônicas, filmes, seriados de TV e de outros artifícios culturais. Há diferentes teorias sobre a leitura em três grandes grupos, conforme a síntese feita por Wilson J. Leffa, em *Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social*, como pode perceber.

No capítulo III, *O Processo de Leitura*, o autor mostra as diferentes teorias sobre a leitura em três grandes grupos: texto, leitor e interação social. Esses processos são essenciais para a formação de qualquer leitor, porque havendo o domínio do texto, torna-se mais fácil de ser entendido e manuseado. Essa parte do texto me fez lembrar os meus antigos professores dizendo, em uma só voz: “é necessário ler mais de uma vez um texto se você quiser compreendê-lo de fato”.

Conforme Cosson (2014, p. 40),

[...] esses três modos de compreender a leitura devem ser pensados como um processo linear. A primeira etapa, que vamos chamar de antecipação, consiste nas várias operações que o leitor realizar antes de penetrar no texto propriamente dito. [...] A segunda etapa é a decifração. Entramos no texto através das letras e das palavras. Quanto maior é a nossa familiaridade e o domínio delas, mais fácil é a decifração. [...] a terceira etapa de interpretação. [...] O centro desse procedimento são as inferências que levam o leitor a entretecer as palavras com o

conhecimento que tem do mundo. Por meio da interpretação, o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolva autor, leitor e comunidade.

O capítulo IV, *Estratégias para o ensino da literatura: a sistematização necessária*, aborda as três perspectivas metodológicas para a prática pedagógica que leve em consideração o texto literário. Para mim, essa é a maneira mais eficaz de aprender: quando colocamos em prática e, depois, vemos, nos resultados, o ponto bom do trabalho. Na sala de aula, tive uma visão diferenciada sobre esse momento da prática, porque uma coisa que planejamos com tal objetivo, nem sempre é obtido o resultado esperado. Muitas vezes a sala não está no clima adequado com a atividade designada ou acontece um imprevisto e não tem como realizar a aula do jeito que deveria ser. E, com isso, notei que o essencial é ter sempre uma “*carta na manga*”, ou seja, uma ou mais atividades extras guardadas para as diversas situações que possam ocorrer, fazendo isso, sei que é possível no final colher bons resultados. Como argumenta o autor,

A primeira dessas perspectivas é a técnicas bem conhecida da oficina. Sob a máxima do aprender a fazer fazendo, ela consiste em levar o aluno a construir pela prática seu conhecimento. [...] A segunda perspectiva é a técnica do andaime. Trata-se de dividir com o aluno e, em alguns casos, transferir para ele a edificação do conhecimento. [...] A terceira perspectiva é a portfólio. [...] oferece ao aluno e ao professor a possibilidade de registrar as diversas atividades realizadas em um curso, ao mesmo tempo em que permite a visualização do crescimento alcançado pela comparação dos resultados iniciais com os últimos [...]. (COSSON, 2014, p. 48).

Já o capítulo V, *A Sequência Básica*, é dividido entre *motivação, introdução, leitura e a interpretação*. O primeiro coloca como exemplo os professores aposentados e de como essa motivação é importante tanto para o bibliotecário como para os alunos. É nesse momento que me imagino no âmbito da função docente, e depois dessa leitura que tantos se encontram desestimulados e cansados da vida acadêmica, me coloco de forma diferente, porque aprendi a importância de cada setor da escola e de como é importante para a formação de cada criança aprender o quanto a literatura muda e contribui para a vida desses futuros cidadãos. A meu ver, a biblioteca é o centro do saber, onde a criança pode

escolher o que quer ler e descobrir por si mesmo o conhecimento essencial para a sua formação. Lembro-me das bibliotecas que frequentei, e como eu desejava ler todos aqueles livros; pena que nunca consegui colocar isso em prática, eu era muito inocente, achava que todo bibliotecário passava o dia lendo e conhecia todos os livros, e me colocava sonhando em seus lugares, mas cresci e percebi que a realidade é bem diferente. Na opinião de Cosson (2014, p. 52),

O professor passa a função de guardador de livros quando não conseguia mais exercer seu trabalho original, que era a regência da sala de aula. O resultado é que esses professores apresentam não apenas despreparo, como também desinteresse pelo novo trabalho. [...] a equipe da Secretaria de Educação [...] organizamos um curso dividido em duas partes. Uma primeira, mais geral, destinada a despertar nos profissionais a consciência de que a leitura envolve saber e prazer. Uma segunda mais específica, voltada para a organização da biblioteca escolar.

Cosson sugere etapas para a produção da leitura literária. Na *introdução* da proposta, o docente faz uma apresentação do autor e da obra e ressalva a importância desses instrumentos facilitadores. Depois, na leitura, o autor destaca o quanto ela é única para cada indivíduo. E, por último, a *interpretação*, Cosson comenta sobre o letramento literário. Foi interessante entender um pouco sobre como é diferente o modo de compreensão de um determinado texto, pois lembro como os meus professores queriam ver a gente colocando as mesmas respostas nas atividades e nas provas, como se o conhecimento fosse único, como se a gente não tivesse a capacidade de compreender determinados assuntos e de expor livremente nossas opiniões.

O autor propõe, nesse cenário do letramento literário, pensar essa fase de interpretação em dois momentos distintos:

[...] m interior e outro exterior. [...] O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura. É o que gostamos de chamar de encontro do leitor com a obra. [...] O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. (COSSON, 2014, p. 65).

Em junho, comecei a ler *Contos e Lendas dos Vikings*, escrito por Lars

Haraldson, para trabalhar na vivência prática do PIBID – Ensino Religioso, junto com o grupo. Foram escolhidas três histórias em que buscamos deixar as mensagens a respeito do bem e do mal – nem todo mal é totalmente mal, há algo bom que pode vir desse mal. Nessa visão entendi que existem diferentes culturas – fazendo-me entender o porquê que temos que respeitar as outras pessoas, as suas tradições e religião. Além de estimular a criatividade e a curiosidade, despertou a vontade de ler mais. Gostei muito de conhecer e trabalhar com esses contos. Encantei-me ao narrar as histórias para as crianças, pois ao perceber o entusiasmo delas, ao querer saber mais sobre aquele contexto novo, me dava mais vontade de poder mostrar como o mundo é vasto de conteúdos interessantes e importantes para o desenvolvimento de cada indivíduo.

Os contos utilizados são: *O tesouro dos Deuses* o qual aborda o surgimento dos objetos que dão poder aos deuses Odin, Thor e Freyr. No conto acontece que Loki prega uma peça de péssimo gosto em Sif, a mulher do deus Thor, deixando-a careca. Thor ao ficar sabendo do que havia acontecido fica “*fulo da vida*”, não tendo dúvida alguma de que o culpado era seu irmão Loki, e quase o mata. Loki parte para a terra dos anões para consertar o estrago, onde foi falar com os artesões Eitri e Brokk. Os dois desafiados pelo o deus das travessuras, que bota a sua cabeça em prêmio em troca de objetos magníficos em tempo recorde, tanto para Sif como para os deuses Odin, Thor e Fryar. No final, Loki, mesmo esperto, paga um seu preço alto, pois termina com a boca costurada.

O segundo conto foi *A fortaleza dos deuses e Sleipnir, o cavalo de oito patas*, o qual conta sobre o surgimento da fortaleza, dos oito mundos e do Sleipnir. O conto inicia com uma antiga profecia, na qual os gigantes um dia passariam pelo Bifrost, deflagrando uma batalha terrível que assinalaria o crepúsculo dos deuses. Os deuses tratam de se proteger construindo uma fortaleza com a ajuda de um humano e seu cavalo Svadilfari em troca de algumas exigências. Loki convenceu Odin que ele não conseguiria realizar a construção no tempo determinado e assim não perderia Freya, a deusa da beleza. Loki toma uma atitude, por pressão dos deuses, transformando-se numa égua e tirando a única ajuda do homem. A partir disso foi descoberto que o homem era um gigante disfarçado. No final, Loki aparece com seu filho *Sleipnir*, o cavalo de oito patas e dá para o seu pai Odin.

A última história é *O roubo do Mjöllnir*, a qual conta como o martelo de Thor foi roubado e o quanto esse objeto era importante para o deus. A história acontece quando Thor acorda e percebe que seu martelo chamado *Mjöllnir* fora roubado. Procurando ajuda de Loki, que se metamorfoseia em água e descobre que o martelo está nas mãos do gigante, que pede em troca a mão de Freya. Loki tem a ideia de enganar o gigante se vestindo de mulher, sendo que, no primeiro momento Thor recusa, mas percebe que é a única saída. Thrymi fica desconfiado das atitudes da futura mulher, mas Loki sempre tem bons argumentos e resolve as dúvidas. No final, Thor consegue seu *Mjöllnir* de volta e dá uma surra nos vilões.

Também tive que ler alguns capítulos do livro *O Sagrado e o Profano e Mito e Realidade* do autor Mircea Eliade, para a construção do artigo que foi apresentado no Seminário de Formação de Professores para o Ensino Religioso – SEFOPER¹, em Belém do Pará. Foi muito bom porque já tinha estudado com eles, e pegá-los novamente me deu a oportunidade de relembrar a importância do que é mito, como é visto pelas pessoas religiosas como forma fundamental para o meio social. Os textos não são fáceis de compreender, mas são necessários para a nossa formação como cientista da religião, porque mostra basicamente a fórmula essencial para conhecer o desenvolvimento de todas as religiões. O mito, na concepção de Eliade (2000),

[...] conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento (ELIADE, 2000, p. 11).

O Mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do tempo, *ab initio*. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois os personagens dos mitos não são seres humanos: são deuses ou heróis civilizadores. (ELIADE, 2000, p. 84).

A função mais importante do mito é, pois, “fixar” os modelos exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho, educação etc. (ELIADE, 2000, p. 87).

¹ Comunicação apresentada durante o Seminário de Formação de Professores para o Ensino Religioso – em Belém, na Universidade do Estado do Pará, cujo texto final foi publicado nos Anais do Evento.

Ainda tem os livros que peguei emprestado do projeto *Virando a Página*²: *Seja líder de si mesmo*, de Augusto Jorge Cury; *Minha Bíblia*, texto de Lois Rock e *Contos tradicionais do Brasil para crianças*, de Luiz da Câmara Cascudo, com objetivo de complementar o conhecimento literário para a utilização na prática em sala de aula. Os três, sem exceção, me fizeram lembrar como é importante ter um tempo só pra gente, de ler textos que despertem o prazer, porque às vezes só ler textos acadêmicos e obrigatórios, seja aluno ou professor, desgasta o nosso entusiasmo pela leitura e nos deixa, muitas vezes, estressados e incomodados.

O livro de autoajuda de Augusto Cury, *Seja líder de si mesmo*, mostra, em oito capítulos, a importância de sairmos da repressão que nos atormenta inconscientemente para descobrir quem somos, no intuito de poder lidar com nossos pensamentos e emoções, com o objetivo de que possamos deslocar da plateia para construir nossa história, no palco, como autor principal. Ao decorrer do texto, ele aponta os educadores, familiares e psicólogos como os grandes culpados por muitas doenças psíquicas da sociedade, pelo fato de não treinar o indivíduo a gerenciar sua própria mente. Então, dá algumas explicações e técnicas para auxiliar na compreensão do que é mente e como podemos nos ajudar a ser melhores, mais críticos e com menos medo. Nas considerações finais, o Cury enfatiza tudo que já tinha posto no livro, procurando, de forma dramática, a partir de exemplos, estimular, nós leitores, a buscar melhorias. E, concluo, elogiando essa obra que muito me acrescentou como pessoa e que me ajudará no futuro a ser uma melhor profissional da área educacional.

Já o livro *Minha Bíblia* está dividido no Antigo Testamento e no Novo Testamento, contendo uma linguagem clara para ser entendida por crianças em desenvolvimento, no aprendizado da leitura. A obra esclarece, de forma bem resumida, os fatos principais do cristianismo e de como acreditar e ter fé em Deus é importante. Além disso, utiliza-se do artifício das gravuras, que são maravilhosas por expandir a imaginação do leitor iniciante.

Os textos existentes no livro: *Contos tradicionais do Brasil para crianças* são uma forma muito eficaz para trabalhar vários contextos de maneira diferenciada e divertida. Isso ocorre porque envolve bastante a imaginação, por conter personagens de animais, fatos fora da realidade, que no final tem uma

² Projeto de Extensão do Curso de Ciências da Religião cujo objetivo é abrir as páginas de um livro acadêmico e ler em coletivo. As atividades acontecem uma hora antes do expediente das aulas.

mensagem subliminar positiva. Podem ser utilizados em qualquer nível escolar pelos professores, ajudando o aluno a escrever melhor, a desenvolver mais a sua leitura, a estimular a criatividade e a criticidade, além de ajudar na formação dos valores, da moral e do caráter do indivíduo em relação a si mesmo e ao outro.

Um pouco sobre os contos da obra: *O touro e o homem* conta uma história de um Touro que nunca tinha visto um homem e vai a sua procura porque queria saber se ele é realmente o mais valente e descobre que é. *O bem se paga com o bem* narra a história de uma onça que caiu em uma armadilha preparada pelos caçadores e, apesar de o homem ajudá-la a onça faz de tudo pra comê-lo, mas quem sai na pior é a própria onça. *Uma lição do rei Salomão* mostra um pai que educou muito bem seu filho, dando-lhe a letra, menos o conhecimento do mundo, o coloca em prova, porém, o filho volta decepcionado. *A menina enterrada viva* conta a história de um viúvo que tinha uma filha boa e bonita, e sua vizinha tinha uma filha feia e má. A vizinha passava de boa até virar madrasta e sua maldade é tão grande que quando o pai viajou, ela, com raiva, enterra a menina no quintal. *Frei João sem cuidados* conta que um frade caridoso e simples e chamado pelo rei para responder a três perguntas, mas quem vai em seu lugar é o pastor, o qual responde direito todas as perguntas e, por fim, na narrativa, *O macaco perdeu a banana* tem-se o macaco comendo uma banana, mas a deixa cair num oco de uma árvore e pede ajuda, contudo ninguém quer ajuda-lo e, no desenrolar da história, o personagem principal acaba conseguindo o que quer.

Finalizo este trabalho lembrando minha epígrafe, por meio da qual procuro enfatizar que para ser borboleta não é fácil, pois a metamorfose é lenta e demorada, mas afirmo que minha experiência como leitora tanto no curso de Ciências da Religião quanto como bolsista do subprojeto Pibid rendeu uma aprendizagem significativa para minha formação pessoal e profissional, porque me ajudou a expor um lado literário meu que estava adormecido. Tive a oportunidade de mobilizar um conhecimento essencial para a área que escolhi exercer e, colocá-lo em prática, foi afirmar para mim o quanto eu quero isso para a minha vida profissional. Hoje me sinto mais preparada para lidar com as diversas situações existentes na sala de aula, procurando dar a minha melhor contribuição para a formação desses futuros cidadãos. E prometo a vocês ser

uma bela borboleta, em outras palavras, uma professora eficiente para mediação escolar dos brasileiros a um mundo melhor.

Referências

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil para crianças**. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildon. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

CURY, Augusto Jorge. **Seja líder de si mesmo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2010.

HARALDSON, Lars. **Contos e lendas dos Vikings**. São Paulo: Companhias das letras, 2006.

ROCK, LOIS. **Minha Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2007.

Meu diário de leitura



O diário de leitura

É um grande desafio
Só de pensar em escrever
Chega a dar um calafrio
Após, vem a emoção
Preenchendo o vazio.

A leitura nos eleva
Voamos para o além.
O pensamento pede passagem
Para partida também
Vai buscar um refrigerio
Para aqueles que não têm.

Agradeço por ser parte
Deste projeto legal.
O Pibid nos direciona
Para o mundo cultural
As tantas leituras feitas
Só elevam a moral.

Pensei que fosse leitor
Quando entrei na faculdade
Mas logo compreendi
O quanto era de balde

Precisando melhorar
Para nossa utilidade.

Passei por entrevista
Nesta, tinha muita gente
Para passar pela prova
Não se admite demente
O sujeito tem que ser bom
Com tudo gravado na mente.

A banca era composta
Por três figuras descentes
Mulheres de alto nível
E bastante competentes
Isso me deixou alegre
Fiquei bastante contente.

Diante de uma banca dessas,
O corpo todo se treme,
A ansiedade cresce,
Os olhos ficam perene,
Vou dizer o nome delas
Augusta, Araceli e Irene

As leituras começaram
Com *Produção textual*,
Um texto que nos ensina
A não escrever mal
A produzir um artigo
Para a conclusão final.

As notas de teoria
Vieram logo a seguir
E nesse mesmo tempo
Passamos a produzir
Resumos de um capítulo
Para a coordenação corrigir.

Um auxílio importante
Que ninguém imaginava
Veio com outro projeto
De nome *Virando a página*,
Com leitura semanal
Para quem se habilitava.

Uma roda de leitura
Coisas do nosso agrado
Com discussão dos assuntos
Para nos deixar afiados
De início, Peter Berg
Com o seu *Dosset Sagrado*.

Logo após veio Eliade,
Com *Sagrado e Profano*.
Acredito ser essa ordem
Penso que não me engano
O cara é bom no assunto
Comenta as festas do ano.

Mas antes de tudo isso,

Conhecemos o Edgar
Com a *Cabeça bem Feita*.
Uma leitura sem par
Esse foi tema de prova
Fazendo a turma pensar.

Entre livros e artigos
Nunca para a leitura
O material é farto
Sempre cresce em altura
Para nós um privilégio
Aumentando a cultura.

De mitologia a fábulas,
Lemos tudo que nos vêm
Não podemos perder tempo
Com coisa que não convêm
O assunto aqui é sério
É na linha como trem.

Dos congressos que participei,
Alguns quero destacar
Um foi à Região Norte
Cidade Belém do Pará
São experiências novas
Que breve vamos precisar.

Na viagem para o norte
Pra capital do Pará
Conhecemos a cultura

Com a dança popular
Da culinária experimentamos,
Maniçoba e tacacá.

Visitei o Ver-o-Peso
Excelência do comércio
A Basílica de Nazaré
Com católicos bem confessos
O portal do Amazonas
Símbolo de beleza e progresso.

O *Sagrado* em Patativa
Juntamos ao Letramento
O assunto ficou riquíssimo
Em beleza e conhecimento
Apresentamos no SEFOPER
Esse é o nome do evento.

O trabalho foi em grupo
Reuni-me com os meninos
Lívia, Paulo e Cíntia
Wesley, eu e Nino
Uma equipe muito boa
O artigo ficou tinindo.

O trabalho ficou tão bom
Mas a quem não acredita
Também nos surpreendeu
Essa tão grande conquista
Pois o mesmo ganhou fama

Foi publicado em uma revista.
No CONERE, em Recife
Foi uma confirmação
Do que o Pibid faz
Por nossa educação
Impulsionando o Ensino Religioso
Trazendo renovação.

Apresentamos um artigo
Cujo tema foi Cordel
No contexto da sala de aula
Com título *Uma Viagem ao Céu*
Do autor Leandro Gomes
Esse grande menestrel.

Pisando em terra estranha
Andando com cuidado
O cordel é interessante
Deixa a gente empolgado
Que literatura nobre
Que tema instigado.

As muitas leituras feitas
Neste tema encantador
Nos deixaram inspirados
Carregados de amor
O pibidiano não teme
Projeto desafiador.

Do sertão à sala de aula
Foi outra leitura feita
Para escrever o artigo
Com linguagem mais perfeita
Conhecimento matuto
Quem conhece não rejeita.

Leitura Literária na Escola

Não poderia faltar
O livro azul traz dicas
Boas para aproveitar
Se você ainda não tem,
Uma dica: vá comprar

Com a Bandeira do Terezinha,
Era aquela animação
Poucas vezes esteve na mala
Sempre tremulado nas mãos
Eita escola bacana
Berço da educação.

O Pibid é o combustível
Que eleva a moral
As leituras nos conduzem
Ao conhecimento geral
Um projeto audacioso
Do Governo Federal.

Foram vários os eventos
Que pude participar

De Mossoró à João Pessoa
Do Recife ao Pará
Em todos sou vencedor
Porque soube aproveitar.

Visitei escola indígena
No Rio Grande do Norte
Lá na tribo do KATÚ.
Povo destemido e forte
Isso muito me alegrou
Sou um sujeito de sorte.

Com carinho agradeço
Irmãos meus de caminhada.
Coisa boa é ter amigos
Experientes na estrada
Recebam o meu abraço
Obrigado, camaradas.

Referências

COSSON, Rildon. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

BRITO, Antônio Iranildo Alves. **Patativa do Assaré**: porta voz de um povo. São Paulo: Paulus, 2010.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Diário de Leitura



Cintia Eliziário de Barros

Hoje descobri que é nas memórias onde se abrigam os encantos e re-encantos que vivenciamos na escola. E é de memória em memória que aprendemos ser professores.

Cíntia Eliz

Essa produção tem por objetivo realizar um relato pessoal, informando de qual forma a leitura vem transformando minha compreensão de mundo e quais suas contribuições mais significativas em minha carreira acadêmica. Sendo este diário de leitura uma iniciativa da coordenação do subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do Curso de Ciências da Religião/UERN, do qual faço parte como bolsista, pretendo deixar aqui expressa uma visão geral sobre letramento literário e acadêmico e sua importância para a educação escolar contemporânea.

Diante dessa minha experiência no PIBID, tive a oportunidade de redescobrir a leitura, e através da obra *Diário de Leitura* (MACHADO, 1998), aprender a construir meu próprio diário foi simplesmente encantador; ficarei ainda profundamente marcada pela obra de Patativa, que me mostrou uma nova maneira de exercer o Ensino Religioso Pluralista, interdisciplinar e transdisciplinar, com o intuito de colaborar com os jovens de nosso país, em sua construção como agentes sociais, por uma educação inclusiva e humanista.

Pensando na literatura e sua importância na docência, fomos orientadas a ampliar nossas práticas leitoras, voltando nosso olhar, inicialmente, para a seguinte questão: *O que leio? Como leio? E qual a utilidade que essa leitura propicia no meu cotidiano acadêmico?*

Acredito que todos, de alguma forma, temos uma relação formal ou não com a leitura desde o início de nossas atividades educativas e não apenas quando fomos alfabetizados. Sendo assim, eu não poderia deixar de argumentar

sobre o processo de leitura em minha vida, sem antes trazer à memória um pouco das minhas primeiras experiências no caminho da leitura.

A chegada da leitura literária em minha vida ocorreu durante a infância e ela veio de maneira muito sutil, não havia muito contato com a literatura em meu ambiente familiar, mas os livros estavam ali presentes, alguns, relacionados a assuntos religiosos, outros nem tanto; entre eles, existiam os que estavam ali, apenas como artigo de decoração sobre o mobiliário. Dentre os quais havia uns pequenos discos de vinil que relatavam histórias bíblicas; falando assim, até é possível suspeitar que uma coisa não tem relação com a outra, porém, nessa coleção, havia diversas ilustrações, as quais muito despertaram meu interesse.

Afinal, em se tratando de criança, é pertinente lembrarmos que a leitura deve conter algum atrativo, para que o hábito, ou melhor dizendo, a prática de leitura literária venha se estabelecer com maior impacto e naturalidade.

A cada vez que eu ouvia os discos, encantava-me com a narrativa, e esse encantamento não era por motivação religiosa, nem mesmo por influência familiar, mesmo porque não fazíamos parte de nenhuma instituição religiosa, era sim, pela junção das ilustrações com a narrativa que aguçavam minha imaginação, a ponto que chegava praticamente entrar na história e vivê-la de perto. E, assim, foi o início do meu contato com a leitura literária.

No decorrer dos anos escolares, meu interesse cresceu, sempre tendo maior afinidade com disciplinas que envolviam leitura. Depois de alguns anos, concluí o Ensino Médio e logo deixei os livros, justamente por ter faltado aquele atrativo mencionado anteriormente. A motivação na adolescência é entender por quais razões a leitura pode ser uma ação frutífera na vida do estudante e, em alguns casos, ela não acontece de forma eficiente; talvez por esse motivo, a prática de ler foi ficando cada vez mais um pouco de lado.

Para uma jovem de origem simples, já não via mais a leitura com tanto entusiasmo, e o motivo que marcou esse esfriamento foi a dificuldade em adquirir livros, por ser um bem de alto valor monetário agregado, pelo menos para a realidade do jovem brasileiro, e para minha realidade naquele momento, e também por não mais vislumbrar perspectiva de ascensão social através da leitura.

Além disso, os livros disponíveis na biblioteca da escola estavam ali

quase como peças de exposição, não podíamos tocar, para não sujar, e levar pra casa então, nem se mencionava! Os livros podiam apenas ser apreciados e admirados por suas lindas imagens ilustradas na capa.

Após 10 anos fora da sala de aula, decidi tentar o Vestibular e, para minha surpresa, fui aprovada.

Ao ingressar na Universidade, em 2013, deparei-me com um outro nível de leitura, com conteúdos bem mais específicos voltados a minha área de formação: Licenciatura em Ciências da Religião. Tais leituras me exigiram um pouco mais de esforço para compreendê-las. As disciplinas, bem específicas da área, não faziam parte do meu cotidiano. Filosofia, Sociologia, entre outras, pareceram-me, no início, bem difíceis de compreender. A leitura já não era aquela agradável e encantadora que relatei no começo de nosso diálogo, porém uma leitura um tanto que exaustiva, pois já havia muito tempo que eu tinha concluído o Ensino Médio, e devido às tarefas do cotidiano e pelas frustrações vividas na escola, eu abandonei a prática de ler por um longo período.

Após o primeiro contato com a leitura acadêmica, aos poucos fui me adaptando às especificidades necessárias para uma efetiva assimilação dos conteúdos no curso, mas, a princípio, foi bem difícil, essa atividade era feita com aquele velho conceito: *leio, pois sou obrigada*.

Durante os dois primeiros semestres do curso me dei conta que pouco a pouco ocorria naturalmente uma mudança na maneira como eu conduzia essas leituras, apesar de ainda só encontrar estímulo quando a necessidade de compor notas no currículo estavam presentes.

Foi no terceiro semestre que tive uma mudança de postura em relação a isso: diante de um novo desafio proposto, que me traria uma nova visão de mim mesma, enquanto leitora, e também me possibilitaria conhecer novas formas de contemplar essa necessidade do mundo acadêmico.

Nesse período, eu ingressei no PIBID, no subprojeto do qual faço parte, cujo tema central *O letramento literário no contexto escolar* é a meta principal para desenvolver o letramento no contexto do Ensino Religioso. Isso pelo fato de ser uma disciplina nova no currículo atual brasileiro, por ter seu *status* alterado para um Ensino Pluralista, dizendo em outras palavras, *reformada* a fim de propiciar aos educandos uma formação no sentido do conhecimento religioso

do ponto de vista fenomenológico, e não mais confessional como acontecia no princípio de sua implantação no Brasil, nos períodos entre Colônia e Império até datas recentes das práticas educativas brasileiras.

Confesso que apesar de ter uma inclinação para literatura e ter certo conhecimento prévio sobre letramento, cheguei a considerar a proposta muito desafiadora, pelo fato de o Ensino Religioso ser uma disciplina que dispõe de pouco material pedagógico, além da carga horária disponível na rede pública de ensino para ministrar as aulas ser bem pequena em relação a outras disciplinas.

A primeira obra a que nos dedicamos foi do autor Rildo Cosson, *Letramento Literário: teoria e prática*. Sem dúvida, suas contribuições foram muito impactantes em meu crescimento acadêmico, pois sua influência foi marcante na recriação da minha percepção de mundo e de minha prática leitora; penso que o conhecimento nunca será algo acabado, mas, sim, uma obra em constantes re-criações e reinvenções ao longo da minha jornada acadêmica e, em breve, da carreira docente.

Acredito que, provavelmente, antes de ter vivenciado essa experiência, eu me encontrava na mesma situação dos três jovens da fábula citada na introdução do livro de Cosson.

De modo geral, sintetizo o que compreendi dessa parte do livro: havia três sábios, os quais foram convocados pelo imperador, com o objetivo de educar o seu filho caçula para sucedê-lo. Para que este não estudasse sozinho, designou como companheiro um outro filho e, para acompanhá-los, um servo. Esses sábios recusaram a realizar a tarefa, por acreditar que: um dos jovens considerava que não necessitava de quem o ensinasse, sendo este aliado da arrogância, o segundo jovem considerava que qualquer aprendizado lhe seria inútil, sendo o mais indiferente dos educandos, o último jovem nada sabia, sendo este, um exemplo da ignorância.

Dessa forma, o autor inicia sua obra demonstrando quais as maiores dificuldades na arte de ensinar: a *arrogância*, a *indiferença* e a *ignorância*. Não se trata aqui de adjetivos empregados com a finalidade de classificar quais tipos de estudantes iremos nos deparar, mas sim que antes de nos tornarmos educadores, de fato, necessitamos estar com as mentes e os corações abertos ao aprendizado contínuo, bem como prontos a transformar o ensino em uma

missão, sendo que nosso maior alvo será melhorar o ensino e a aprendizagem.

Em suma, tornar possível o conhecimento transformador de realidades. Ao me deparar com essa reflexão, tive um pouco de dificuldade de entender sua proposta, afinal, estaria o autor delimitando as características essenciais de um bom aprendiz? Ou até mesmo afirmando que o processo ensino-aprendizagem é para poucos privilegiados?

Não, de forma alguma! O que ele pretende, na realidade é, de uma maneira simples, nos mostrar que o aprendizado não é possível de se concretizar sem que o aluno se torne atuante nesse movimento, ele é a parte fundamental nessa realização do saber, e a missão do professor é conduzi-lo nesse processo. O professor deverá se posicionar como intermediador.

Foi então que percebi que não é possível se tornar um educador, sem estar aberto a novos conhecimentos, e que é preciso se reinventar, e através das leituras propostas no PIBID, dei início a essa jornada de transformação a qual, certamente, será contínua em minha carreira.

Com base nisso, sou levada a pensar que a tarefa de conduzir ao aprendizado, requer antes de tudo sensibilidade em relação aos aspectos sociais, econômicos, biológicos e emocionais dos aprendizes, não sob o pretexto de tolher ou justificar se o método não obtiver êxito, mas com o propósito de criar condições favoráveis ao melhor aproveitamento das propostas de ensino.

Rildo Cosson demonstra essa sensibilidade, quando faz a seguinte afirmação “Uma proposta de ensino da literatura básica para professores que desejam fazer da literatura uma prática significativa para si e para seus alunos” (COSSON, 2014, p. 11).

Trabalhar a literatura significa despertar no aprendiz outras habilidades que, na maioria das vezes, encontram-se escondidas, ou, até mesmo, trazer à superfície competências cognitivas que se encontravam submersas, pois o desenvolvimento intelectual é contínuo e, muitas vezes, manifesta-se de acordo com a intensidade em que é provocado.

Considero o letramento literário na sua prática como uma ação humanizada e humanizadora, propiciada pela escola, por permitir o conhecimento ou a construção dele, tornar-se vivo em cada indivíduo. Entendi que se pode letrar de diversas formas, mesmo não sendo uma interpretação tão nova, pelo contrário,

o autor afirma que o letramento literário vem a ser uma *reinvenção da roda*, explicando que o tema sempre existiu, e assim é possível nos apropriarmos de suas ideias, e imaginar um novo cenário para as aulas de literatura, nas mais diversas disciplinas e, em especial, no Ensino Religioso não proselitista, se pensarmos na realidade de formação em que estou inserida.

Segundo Cosson (2014, p. 11), essa seria a concepção de letramento literário: “Trata-se não da habilidade em ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas”.

Há, portanto, vários níveis e diferentes tipos de letramento. Com base nesse conceito, já não devemos utilizar meios insuficientes de avaliação, visto que nos encontramos diante de um novo paradigma educacional e dos saberes; o letramento não compreende apenas a decifração do código e, em muitos casos, a alfabetização nem se faz presente, ou seja, o indivíduo não necessita obrigatoriamente ser alfabetizado para ter habilidades de compreensão linguística. Ser letrado compreende um pouco mais que saber ler e escrever, mas também compreender o mundo em que se está inserido. De acordo com o autor,

É necessário que sejam sistematizados em um todo que permita ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para eles e para a comunidade em que estão inseridos, uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos (COSSON, 2014, p. 46).

O exemplo dessa afirmação surge em nosso projeto de atuação no ambiente escolar na escolha de um grande poeta para a leitura literária. Popularmente conhecido como Patativa do Assaré, nordestino, mas precisamente natural do Estado do Ceará, filho de agricultor, que frequentou apenas alguns meses a escola primária e, nem por isso, foi impedido de ser autodidata e se tornar um grande nome da cultura popular brasileira.

Patativa trouxe para minhas experiências literárias grandes contribuições que me permitiram repensar alguns aspectos da literatura. Antes de meu ingresso no PIBID, permanecia em mim uma multidão de preconceitos culturais, estes sempre estimulados pela sociedade em que só se considera como belo e

proveitoso, na gama do conhecimento, aquilo que é erudito, ou de uma linguagem polida por expressões muitas vezes difíceis de compreender o real sentido.

Popularmente conhecido como poeta matuto, sua obra carregada de elementos sagrados, sua criatividade literária e linguística, em representar através do cordel sua visão de mundo, muito politizada sobre tudo que está à sua volta, e sua habilidade em se fazer compreendido por todos que o ouvem e leem, considero suas poesias uma obra prima, que deixou suas marcas na literatura brasileira e em minha jornada acadêmica.

No planejamento das aulas a serem ministradas pelo supervisor do PIBID que acompanha o grupo do qual faço parte, Patativa entrou, permitindo que ampliássemos nossa concepção de arte, literatura de cordel e preconceito linguístico. Adentro nessa temática que foi de suma importância em minha pesquisa, pois quase todas as poesias de Patativa não foram escritas obedecendo aos padrões da língua culta, pelo contrário, são repletas de ausências de normas gramaticais, porém com profundo conteúdo, que permeia a religiosidade do homem do campo. Suas poesias permitiram-me fazer uma releitura de mim mesma, e percebi que nas palavras de um homem simples, também se encontram encantos.

Uma das referências acadêmicas que deu forte apoio a nossa proposta, extraímos da obra de Antônio Iranildo Alves de Brito (2010). Para minha formação, a leitura dessa obra foi simplesmente incrível, por ver uma dissertação de mestrado, tratar a trajetória literária de Patativa.

A redescoberta do sagrado, essa é a definição a que pude chegar através da obra de Brito. O sagrado que se pretende demonstrar aqui se trata de um conceito peculiar, o qual muito é utilizado pelas Ciências das Religiões, quando se quer falar do que é mais importante para o homem enquanto ser histórico, é o que transcende sua existência. Conforme Brito (2010, p. 17),

Sobrenatural entendido como a capacidade de imaginação religiosa do homem, por meio da qual ele enfrenta o sagrado como uma realidade imensamente poderosa, misteriosa, temerosa, e pauta a vida com esses significados.

Assim, encontramos o apoio necessário para iniciarmos nossas atividades com os alunos dos 7^{os} anos. A proposta do grupo foi trazer as poesias de Patativa

para a sala de aula de uma forma bem criativa, de modo que, após lerem e compreenderem as poesias, os alunos descreveriam sua interpretação por meio de pinturas em telas, elaborando uma *releitura* dos textos lidos.

As atividades foram acolhidas com entusiasmo e, logo, os alunos da escola Municipal Terezinha Paulino³ estavam envolvidos com a vida e obra desse autor tão importante da literatura nordestina brasileira. Porém, no princípio, houve um pouco de resistência em relação à escrita peculiar de Patativa, “*repleta de erros gramaticais*”, os alunos não entendiam como aquele assunto poderia estar sendo trabalhado em sala de aula, e passei a perceber o quanto o preconceito linguístico é operante. Também percebi o quanto nos limita ver em outras esferas da nossa cultura, a riqueza de aprendizado como puder ter em Patativa do Assaré.

Marcos Bagno, em *Preconceito Linguístico o que é e como se faz*, transcorre sobre oito mitos atuantes na língua portuguesa, dentre os quais escolhi o mito de número oito para refletir melhor sobre a obra de Patativa.

Marcos Bagno diz o seguinte: “[...] o mero domínio da norma padrão não é uma fórmula mágica que, de um momento para o outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente” (BAGNO, 2008, p. 91). Foi nesse livro que encontrei respaldo para argumentar com meus colegas a respeito da escrita e da fala de Patativa e, assim, poder conduzir os alunos a essa visão, de que o que realmente importa em uma obra literária ou no decorrer de uma leitura é se você a pode compreender e interpretá-la em sua totalidade. Entretanto, isso não significa que a norma culta esteja sendo deixada de lado, ou que se pretenda invalidar o seu papel, mas sim mostrar que ela não é uma barreira intransponível no caminho do aprendizado e muito menos um “[...] instrumento de ascensão social” (BAGNO, 2008, p.89)

Sob essa perspectiva, defino a obra literária de Patativa do Assaré com um olhar de afinidade pelo conteúdo que traz em suas poesias exatamente pela forma linguística adotada ser extremamente popular, e também pela sua sensibilidade em transmitir através das mais diversas expressões o sagrado, não sob a forma institucionalizada, ou fazendo menção de uma deidade específica, mas o sagrado na forma compreendida por seus personagens. O que torna sua obra mais encantadora é a simplicidade linguística característica marcante por suas limitações acadêmicas, mas que não o impediram de se tornar um

³ Escola Parceira do PIBID-Ensino Religioso/Ciências da Religião/UERN.

importante nome da poesia brasileira, mestre em literatura de cordel.

Apesar de características estruturais específicas, a poesia é um gênero literário que permite uma interpretação plural e acredito que, por essa razão, os alunos do 7º ano com quem trabalhamos não encontraram dificuldades em interpretar o sagrado em Patativa.

Por fim, a conclusão a que cheguei diante das leituras propostas durante esses meses que tenho participado do PIBID, é que existem mais de uma possibilidade de se apresentar a literatura na escola, e no Ensino Religioso por meio da leitura literária, encontramos um caminho novo, para explorar as concepções do sagrado em sala de aula, sempre lembrando que o Ensino Religioso deve respeitar a pluralidade e diversidade presente no Brasil, conforme prevê a LDB 9.394/96.

Rildo Cosson, Marcos Bagno e Patativa do Assaré me mostraram que existem outras possibilidades de aprender e ensinar literatura, como citei, no início desse relato, o conhecimento não é algo pronto e cristalizado que não possa ser modificado no decorrer de nossas vivências acadêmicas e docentes, pelo contrário, ele está em constante movimento e se manifesta em nossa maneira mais peculiar de se relacionar, a saber, por meio da linguagem.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. 50. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

BRITO, Antônio Iranildo Alves. **Patativa do Assaré**: porta voz de um povo. São Paulo: Paulus, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: Teoria e Prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

MACHADO, Ana Rachel. **O Diário de Leituras**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Diário de Leituras: meu aprendizado na prática da leitura para o Ensino Religioso

Dione Maria Pinheiro Oliveira

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática.

Paulo Freire

Durante o segundo semestre de 2014, iniciei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – Ensino Religioso/Ciências da Religião, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. No dia 15 de agosto, adquiri algumas obras para trabalhar em cima de seus conceitos. Iniciei com a leitura do livro *Letramento literário*, de Rildo Cosson.

A partir do livro em questão, elaborando conhecimentos do quanto a leitura é importante, pude constatar que as minhas ideias ficaram de fácil acesso à exteriorização, ou seja, consegui manifestar meu interesse pela leitura. Isso se deu a partir da compreensão que se tornou mais sólida, por meio de embasamentos teóricos bem fundamentados.

Nesse primeiro momento, dia após dia, com a construção da leitura, pude entender que o autor nos mostra o processo de letramento através de textos literários. O livro trata diretamente do entendimento do gênero literário, para a formação de docentes. Cosson (2007) atua com demonstrações de exemplos para um entendimento do que é e onde encontrar o gênero literário.

Como a literatura está presente nos mitos, nos contos e nas lendas, a identificação desse gênero é de suma importância para a formação de qualquer docente. Além da literatura contida nos textos, Rildo Cosson instiga ao fato de podermos trabalhar a interdisciplinaridade com a Língua Portuguesa. Ele apresenta uma proposta de formação que orienta para além da sala de aula, enfatizando que o letramento literário é fundamental no processo educativo, se quisermos formar leitores que sejam capazes de experimentar toda força

humanizadora da literatura e não apenas aprender a ler melhor. Cosson chama atenção, também, para a escolha dos textos literários. Conforme ele propõe: “O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício” (COSSON, 2007, p. 16). Para o autor,

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita pela palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor (COSSON, 2007, p. 17).

Rildo Cosson defende também que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição; na verdade, esta depende daquela. Para ele, a literatura deve ser ensinada na escola: devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, a responsabilidade é da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, mas sim “[...] como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização” (COSSON, 2007, p. 23).

Assim, no letramento literário não podemos simplesmente exigir que o aluno leia a obra e ao final faça uma prova ou preencha uma ficha, pois a leitura é construída a partir dos mecanismos que a escola desenvolve para a proficiência da leitura literária. O autor, na construção de seus pressupostos teóricos, trabalha com teorias linguísticas sobre o processamento sócio cognitivo da leitura, discutindo questões importantes como decodificação, interpretação, construção de sentido de um texto. Após a breve apresentação teórica, Cosson mostra as quatro etapas da sequência básica: a *motivação*, que consiste na preparação do aluno para que ele *entre* no texto. Normalmente, essa etapa se dá de forma lúdica, com uma temática relacionada ao texto literário que será lido e tem como objetivo principal incitar a leitura proposta. Já na *introdução*, é feita a apresentação do autor e da obra. A terceira etapa é a *leitura* do texto em si, que deve ter um acompanhamento do professor. A última etapa é a *interpretação*, que, para o autor, dá-se em dois momentos, um interior e outro exterior.

Com base na teoria desenvolvida pelo autor, é interessante observar que, para que o aluno tenha prazer na leitura, ele precisa passar pelo letramento

literário. A escola tem papel fundamental nesse momento e talvez seja ela, de fato, a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores. Leitores que sejam críticos e cidadãos atuantes de fato. Cosson (2007, p. 65) defende que:

Na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

O autor procura nos mostrar como fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no Ensino Básico para além das práticas tradicionais. Prazerosamente ele nos mostra a relação entre literatura e educação, propõe a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugere oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário. A vantagem de poder ler esse livro é podermos perceber que para os professores do Ensino Religioso é de grande importância, com relação às leituras, as formas de como ensinar, através da ludicidade e da pesquisa.

Com relação ao meu aprendizado sobre a prática da leitura, posso afirmar que os resultados foram vários, como por exemplo, cito o meu crescimento na escrita e na fala, tendo em vista que antes eu não tinha a prática da leitura e, depois de começar a ler as obras literárias indicadas pela Professora Araceli Sobreira Benevides, a minha compreensão e o meu interesse só aumentaram. Após ler o livro *Letramento literário*, de Rildo Cosson, estou bem mais centrada na leitura, sabendo que é de muita importância para a minha formação acadêmica.

A partir do momento em que passei a ler o livro de Cosson (2007), uma das coisas mais interessantes que achei diz respeito ao que o autor narra, no início da obra: uma fábula sobre um imperador chinês, que volta de uma longa e estafante batalha e, preocupado com o futuro do seu império, intenciona encontrar um sucessor, pois já estava velho. Para isso, indicou dois de seus filhos e um servo para que aprendessem todas as artes de governar com o mais sábio chinês. No entanto, este e outros sábios se recusaram a executar tal tarefa alegando que teriam que ensinar para a arrogância, a indiferença e a ignorância juntas. Desse modo, com relação ao que tem a ver com o ensino, o Cosson

(2007) diz que o livro foi escrito para combater essas situações e que não foi feito para especialistas; mas sim, para professores que almejam fazer do ensino das questões práticas que são desenvolvidas em sala de aula: da literatura uma prática significativa para si e também para seus alunos. Seu livro trata, também, do processo de letramento que se faz através de textos literários e apresenta uma proposta de formação de uma comunidade de leitores que vai além da sala de aula e da escola.

No livro, Cosson primeiro provoca reflexões sobre o lugar da literatura na sociedade, procedimentos que efetivam a proposta do letramento literário no processo de avaliação dentro da perspectiva do letramento literário. Cosson mostra desafios de se trabalhar com o diferente, como propostas de oficinas de letramento literário.

Essa prática de leitura contribuiu e muito para eu pôr em prática tudo o que aprendi, e com relação ao PIBID, percebo nitidamente que contribuiu muito na elaboração das pesquisas e na construção teórico-prática do nosso projeto supervisionado pela professora Themis Andréia de Mello. Nesse sentido, ressalto o que autor sobre o letramento literário e o que essa prática provocou no grupo, durante os meses de estudo e aprofundamento das questões práticas que são desenvolvidas em sala de aula: “A prática do letramento literário é como a invenção da roda. Ela precisa ser inventada e reinventada em cada escola, em cada turma, em cada aula” (COSSON, 2007, p. 120).

No dia 18 de agosto, estive presente pela primeira vez na Escola Municipal Ivonete Maciel⁴ para me apresentar como bolsista do PIBID e integrante do grupo para iniciar os trabalhos em equipe que desenvolvemos em um momento posterior. Logo após, dia 22 de agosto, participei do encontro do grupo para darmos continuidade à elaboração de um artigo científico destinado para ser apresentado na II Semana de Ciência, Tecnologia e Inovação da UERN.

Em seguida, no dia 25 de agosto, comecei a leitura sobre a *Mitologia Nórdica*. De acordo com a minha compreensão, a mitologia nórdica é uma coleção de crenças e histórias compartilhadas por tribos do norte da Germânia, sendo que sua estrutura não designa uma religião no sentido comum da palavra, pois não havia nenhuma reivindicação de escrituras que fossem inspirados por

⁴ Escola Municipal de Natal/RN, parceira do Subprojeto Pibid Ensino Religioso – Ciências da Religião.

algum ser divino. A mitologia foi transmitida oralmente e, principalmente, durante a Era Viking. O atual conhecimento sobre ela é baseado especialmente nos *Eddas* e em outros textos medievais, escritos um pouco depois da cristianização. Compreendi, através da leitura, que a religião ajudou os Vikings a dar sentido a um mundo perigoso. Muitas das aventuras, jornadas e histórias passadas oralmente foram compiladas pelo poeta islandês *Snorri Sturluson* (1179 – 1241), no livro de *Eddas* em prosa. Como afirma Boulhosa, vemos que:

Todas as edições modernas da Edda em prosa baseiam-se na ideia do texto original e nenhuma delas reflete o testemunho dos manuscritos medievais, que apresenta textos muito diferentes entre si. Portanto, a própria ideia de uma única Edda em prosa é uma construção moderna (BOULHOSA, 2004, p. 14).

Dando continuidade com a obra do autor Haraldson, no *livro Contos e Lendas dos vikings*, 2007, cito algumas delas, tais como: *Sleipnir, o cavalo de oito patas*, *O roubo de Mjöllnir e Thor, o Deus do Trovão*. A partir daqui vou contar um pouco sobre cada uma dessas obras, considerando aquilo que achei mais interessante: são novos conhecimentos que pude aproveitar para embasar quase todo o artigo que produzi juntamente com o grupo do PIBID. Vejamos:

De todos os deuses, Thor é o herói mais característico do tempestuoso no mundo dos vikings. Barbudo, franco, indomável, cheio de vigor e energia, ele põe toda sua confiança em seu braço forte e suas armas simples. Ele caminha a passos largos pelo reino dos deuses, um símbolo apropriado para o homem de ação (DAVIDSON, 2004, p. 61).

Na versão que eu li, Loki ficou desaparecido por um bom tempo depois de sumir na floresta com o cavalo Svadilfari desaparecido. Esse momento foi o tempo de ter Sleipnir. Quando voltou para Asgard trazendo Sleipnir, Loki percebeu que Odin ficou maravilhado com o cavalo de oito patas, então Loki, esperto que só ele, logo tratou de presentear o deus com Sleipnir na esperança de que este esquecesse de suas traquinagens. Sendo essa a explicação de como Odin ganhou o cavalo mais veloz do mundo. Enquanto que a história *O roubo do martelo de Thor* achei muito interessante, porque segundo a lenda, um dia Thor foi dormir e quando acordou haviam roubado seu martelo, o *Mjöllnir*. Thor ficou louco e foi atrás de Loki, para ver se ele descobria quem tinha roubado

o seu martelo. Ele descobre e recupera seu martelo, além de se vingar de quem o roubou.

Essa obra é uma das mais emocionantes e lindas, em minha opinião, que já li. A história de Thor, o deus do trovão, ficará eternizada em minha memória, pois ele era um guerreiro, e como a maioria dos deuses, adorava fazer disputas pelo poder, sendo sempre o campeão. Era considerado o herói mais característico do mundo dos vikings, além ser uma das divindades mais conhecidas e cultuadas do panteão escandinavo ou nórdico, de acordo com Oliveira (2004).

Outro livro que li, foi o da *História das Crenças e das Ideias religiosas*, de Guatama. Nessa obra, *Sidarta Gautama* é considerado o mais brilhante e também o fundador do budismo, no século 6 a.C., isto é, há mais de 2.600 anos. A história desse personagem é mesclada de lendas, pois naquela época não havia a preocupação de fazer registros de fatos. Sabe-se que o príncipe Sidarta (aquele que realiza todos os desejos) nasceu em Lumbini, região localizada nas planícies de Terai, no norte da Índia, território hoje pertencente ao Nepal. Era filho dos reis da dinastia Sakia. Sua mãe, a rainha Maya, morreu sete dias após o parto.

Em setembro, tive ainda a oportunidade de fazer parte da elaboração de um artigo científico, que foi publicado no XIII Seminário Nacional de Formação de Professores para Ensino Religioso – SEFOPER, em Belém/PA. Procurei desenvolver uma parte discutindo sobre a mitologia nórdica e sobre Thor. Houve algumas dificuldades, tais como a escrita do trabalho científico, muita leitura para embasamento teórico, vários encontros na escola para discussão etc., mas fui cada vez mais aprendendo com o grupo de pesquisa e procurando acertar, mediante as dificuldades e os erros que encontrei ao longo dessa minha jornada.

Desde então, fui me tornando ciente de minha grande satisfação em participar desse projeto, de meus conhecimentos com relação às obras e do prazer em poder mostrar um pouco do meu aprendizado e expor as obras que li. Com relação ao artigo científico, tive a oportunidade de elaborar as considerações finais, focando no que o grupo havia desenvolvido. E, tenho certeza, que o letramento literário contribuiu muito para minhas vivências como aluna e futura professora do Ensino Religioso, porque até então tinha algumas dúvidas no que achava sobre a compreensão da leitura e sua prática no cotidiano da escola.

Foi através do PIBID que eu passei a vivenciar mais experiência para o meu futuro e desenvolvi o início da minha vida profissional como docente. Através dele, tenho procurado ter um grande desempenho para poder obter qualidade como uma futura educadora do Ensino Religioso. Mesmo encontrando dificuldades passei a superá-las para poder desenvolver os nossos trabalhos, atuando na área da educação que é de suma importância para licenciandos. Enquanto leitora, minha expectativa é de continuar com esse projeto junto ao grupo para ampliar nosso trabalho, bem como adquirir mais conhecimentos para minha vida, não só no âmbito escolar, mas na vida pessoal.

Referências

BOULHOSA, Patrícia Pires. Breves observações sobre a Edda em Prosa. **Brathair** v. 4, n. 1, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

DAVIDSON, Hilda. **O deus do trovão: deuses e mitos no norte da Europa**. São Paulo, Madras, 2004, p. 61-77.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HARALDSON, Earl. **Contos e lendas dos Vikings**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

Perspectivas de um saber acadêmico



Até onde vai a esfera moral. — Ao vermos uma nova imagem, imediatamente a construímos com ajuda de todas as experiências que tivemos, conforme o grau de nossa retidão e equidade. Não existem vivências que não sejam morais, mesmo no âmbito da percepção sensível.

Friedrich Nietzsche

Como a leitura literária está presente em minha vida? Caro leitor, quero deixar claro que nunca tive um diário de leitura, não por ausência deste, porém os diários que eu ganhava da minha mãe, eu preferia transformá-los em cadernos de desenho, mesmo tendo vários. O motivo é por que amo desenhar. Mas, voltando à questão inicial, particularmente sempre gostei de ler, pois é o mundo no qual me encontro. Lembro que, quando criança, amava ler o livro *As mil e uma noites*, de Julieta de Godoy Ladeira, livro que mais li. Sherazade me deslumbrava com suas histórias. Contudo, hoje, confesso que não recordo de quase nada, só de que gostava desse livro.

Atualmente estou no sexto período do curso Ciências da Religião e sou bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, pelo Subprojeto de Ciências da Religião/UERN – *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental*. Esse subprojeto tem por objetivo construir ferramentas metodológicas que possam dar suporte à ausência de materiais pedagógicos para o Ensino Religioso. Para a execução dessa ação, os bolsistas precisam inserir em seu cotidiano práticas de leitura literária e acadêmica, por esse motivo

terei como desafio a construção deste diário, para registrar minhas experiências formativas mais significantes.

Assim, questiono novamente: *como a leitura está presente em minha vida?* Foi com essa pergunta que comecei a descoberta de como eu cresci. Entretanto, primeiramente, acredito ser necessário desenvolver o conceito de literatura, pois, só assim, poderei ter argumentos para dar respostas à pergunta com que abro este diário. Então, o que é literatura? Dos livros que pesquisei, este conceito é o mais amplo:

A literatura é a arte de criar obras estéticas em linguagem verbal: oral ou escrita. Da mesma maneira que o pintor cria um quadro trabalhando com cores e formas e que o músico cria composições musicais a partir do som e do ritmo, o escritor usa as palavras para expressar suas ideias e sentimentos. A literatura de um país é o conjunto das obras criadas por seus escritores. Ela retrata e revela usos e costumes, tradições, enfim a cultura e o modo de ser de uma nação. (CÓCCO, 1995, p. 57).

Maria Fernandes Cocco expressa a concepção da literatura, percebendo que todo conhecimento se desenvolve socialmente. Assim, literatura reflete a construção ideológica de uma sociedade, sua cultura, seus costumes e hábitos. Como estabelece a autora, a literatura é um produto coletivo de inserção no desenvolvimento da cultura.

Todavia, gostei mais dessa concepção: “Literatura é linguagem, é a arte da palavra. Conhecê-la equivale a compreender um pouco de nossa história e de nossa condição humana” (CEREJA; MAGALHÃES, 2005, p.10). Gostei especificamente dessa, porque compõe de forma diversificada a complexidade da criação humana.

Existem divergências sobre o que é literatura e qual a sua função? É possível perceber que não há um consenso sobre o que é literatura, nem sobre o seu papel.

Agora, sabendo um pouco sobre o que é literatura posso argumentar sobre como a literatura está presente em minha vida. Afinal, como a leitura literária está presente em minha vida? Inicialmente, fiz indagações repetitivas sobre essa pergunta, e me dei respostas sem sentido. Porém, acredito que as formas literárias que estão contidas em letra de música, em peça teatral, em obras literárias estão em um mundo de significados que é jogado literalmente

para nossa realidade social.

Com a concepção do que é literatura, posso dizer que a literatura sempre esteve presente na minha vida. Está enraizada na cultura pelas diversas formas de expressões humanas, seja na arte, em contos, em mitos, em histórias, em lendas, sendo transmitidas oralmente ou pela escrita.

A cultura me transmite socialmente possibilidades de encarar o mundo literário. Carregamos um aparato de significados transmitidos historicamente, por este motivo, a leitura literária esteve e está presente em minha vida fortemente.

Nesse momento, no mês de abril do ano de 2014, comecei a ler um livro que se denomina *Clássicos de verdade: mitos e lendas greco-romanos*, tendo a apresentação e a organização de Ana Maria Machado. Esse livro é composto por dez histórias greco-romanas. Tendo quatro dos maiores autores clássicos da literatura universal, o autor romano Ovídio, Esopo, que foi um escravo grego, o romano Apuleio e o grego Plutarco. Percebi que todas as histórias fundamentam ensinamentos morais representando a tradição greco-romana.

A primeira narrativa é *Júpiter a os Lenhadores*. Esta conta uma história de um lenhador que estava perto de um rio cortando a lenha com seu machado e ele escapuliu de suas mãos e caiu na água. O lenhador se lamentou desesperado por ter perdido sua ferramenta, pois com a ajuda dela, o homem levava o sustento para a família. Júpiter, um deus, ouviu suas preces, colocou a mão dentro da água e retirou na primeira vez um machado de ouro, depois um de prata e o lenhador afirmou que nenhum deles era o seu machado. Com cuidado, Júpiter guardou o machado de prata junto com o de ouro na margem do rio. O deus colocou novamente a mão dentro da água e retirou a ferramenta velha do lenhador. Feliz, o mortal agradeceu ao deus. Satisfeito com a honestidade do lenhador, Júpiter deu também a ferramenta de prata e a de ouro para ele. Saltitante, o homem foi embora. O lenhador contou o que tinha acontecido, quando encontrou um grupo de colegas, ficaram espantadíssimos com tanto ouro e prata. Um deles ouviu a conversa e foi saindo de mansinho em direção ao rio. Fez a mesma coisa que o seu amigo tinha dito e fingiu que sua ferramenta tinha escorregado de sua mão, deixando-a cair na água. Sentou na pedra ao lado e começou a chorar. O deus Júpiter ouviu e resolveu ajudar. Buscou um machado de ouro e este homem afirmou que era o dele. Zangado com a ganância e a falta de honestidade dele,

Júpiter jogou o machado de ouro e o verdadeiro machado do lenhador para o fundo do mar para sempre.

Essa história, na minha concepção, mostra a dependência das ferramentas que nós criamos para facilitar as atividades. E, é claro, sempre ressaltando uma ideia moral, nesse caso, é a necessidade da presença da verdade em qualquer situação.

A segunda é *O Urso e os Viajantes*. É a história de dois amigos que estavam viajando por uma estrada quando, de repente, aparece um urso. Um vê de longe e corre para uma árvore ao lado da estrada e o outro não tinha força para subir, então se jogou no chão e finge que está morto. Quando o urso chegou perto, cheirou o homem por toda parte. Ele prendeu a respiração e fingindo estar morto, o urso foi embora. Depois, seu amigo desceu da árvore e perguntou o que o urso tinha dito no ouvido do homem. Ele disse para o amigo que o urso tinha dito que era para nunca viajar com quem foge no primeiro sinal de perigo.

Nessa narrativa é visível a astúcia dos viajantes, um em conseguir dominar seu corpo para sobreviver e o outro, por encontrar um meio para fugir do perigo. Acredito que o ensinamento moral seja a ideia de que em toda viagem, há uma imprevisibilidade, por isso, devemos ter ao nosso lado alguém de confiança.

A terceira é *A gansa dos ovos de ouro*. Essa história mostra um casal de camponeses que tinha uma gansa que quase todo dia botava um ovo de ouro. Certo dia, eles resolveram matar a gansa, porque achavam que dentro dela existia uma máquina de fazer ovos de ouro, mas, quando mataram a ave, descobriram que não havia nada de diferente das outras gansas. O casal nunca mais pegou e nem ganhou um ovo de ouro.

Nessa história, podemos ver que o conhecimento da natureza e das coisas que explicavam a realidade não é mais suficiente. Existe uma necessidade em estabelecer uma resposta objetiva para a realidade. Mas também que a ambição demasiada do homem pode levá-lo ao fracasso.

A quarta história é *O leão velho*. Um leão que estava ficando velho e fraco para caçar resolveu usar a astúcia e fingiu que estava doente e ficou dentro de uma caverna deitado. Quando os animais entravam na caverna, eram devorados. Mas um dia apareceu uma raposa; esperta, ela viu pegadas que só entravam na caverna e pensou, então, que quem entrava não saía. Assim, disse que não ia

entrar lá, virou as costas e foi embora. O leão foi desmascarado.

Acredito que essa história destaca a necessidade de prudência em relação as nossas escolhas e atitudes, pois uma ação mal sucedida pode mudar totalmente o rumo das coisas.

A quinta é *Teseu e o Minotauro*. Havia na ilha de Creta um rei cruel chamado Minos que aterrorizava seus súditos, perseguia e aprisionava quem discordava dele. Todos os anos, os povos submetidos a seus domínios deviam enviar-lhe como tributo sete virgens e sete rapazes, para serem devorados pelo Minotauro, um monstro metade homem e metade touro, que vivia nos porões do palácio real. Teseu, filho de Atenas decidiu libertar sua terra dessa barbaridade. Com a ajuda da apaixonada Ariadne, filha de Minos, que lhe deu uma espada e um novelo de lã para marcar os lugares no palácio, Teseu conseguiu matar o monstro. Fugiu com todos, mas, na primeira parada da embarcação, esperou a jovem dormir e foi embora. Ariadne casou com o deus Dionísio. Teseu teve outras aventuras, contudo, no final de sua vida, teve que se exilar em outro reino, onde acabou sendo traído e assassinado.

Acredito que essa narrativa mostra a forte presença implícita ou explícita da deusa Palas Atenas, a deusa da sabedoria e da inteligência. Como essa deusa luta pelas causas justas ela sempre é uma esperança para o povo oprimido.

A sexta história é *Dédalo e Ícaro*. O labirinto onde vivia o Minotauro em Creta tinha sido construído por Dédalo, um arquiteto e artesão maravilhoso, inteligente e engenhoso, hábil em todas as artes. Dizem que tinha sido ele quem ensinou a Ariadne o truque do novelo de lã. Dédalo foi trancado numa torre que ficava numa das extremidades do palácio e que se abria para um pátio sobre o mar, bem no alto de um rochedo. Dédalo constatou que só poderia fugir pelos ares. Reuniu todo material necessário e construiu asas para si e para Ícaro. E saíram voando, elevando-se nos céus. Eufórico com o voo, Ícaro foi se esquecendo dos conselhos do pai (*Não voe muito baixo, para que a umidade do mar não empene as asas. Nem muito alto, perto do sol, porque o calor intenso pode ser perigoso. Fique perto de mim*) e começou a se afastar de sua companhia, tentando ir cada vez mais alto. Dessa forma, o calor começou a derreter a cera que prendia as penas e as asas e foram se soltando, tirando o equilíbrio do rapaz. Dédalo chamou Ícaro, pois percebeu que existiam asas flutuando na água, seu filho

estava desabando. Porém, Dédalo continuou voando até a Sicília onde construiu um templo para Apolo, um deus.

Esse mito simboliza a capacidade do homem em transformar a natureza em função de seus próprios interesses. Mostra também como essas ferramentas pode facilitar a liberdade, entretanto tudo demasiadamente pode levar a ruína.

A sétima história é *Cupido e Psique*. O deus do amor, que os gregos chamavam de Eros e os romanos de Cupido, geralmente era representado como um rapaz ou menino de asas de ouro, munido de um arco com o qual atirava a esmo suas flechas. Ao ser atingido por uma delas, a vítima se apaixonava. Na narrativa, houve uma vez um rei e uma rainha que tinham três filhas lindíssimas, principalmente a mais moça, chamada Psiquê. Era tão bonita que as pessoas começavam a tratá-la como se fosse uma deusa. Em vez de fazer oferenda nos altares de Vênus (a deusa do amor e da beleza), cantavam para Psiquê, jogavam flores em seu caminho e levavam presentes para ela. Vênus viu e ficou furiosa e pediu ajuda ao seu filho Cupido para se vingar. Queria que ela se apaixonasse por alguém desprezível que a tratasse muito mal. Cupido obedeceu a sua mãe e esperou Psiquê adormecer, aproximou-se dela para flechá-la. Mas ao ver tamanha beleza, ficou contemplando Psiquê. Ela abriu os olhos e ele se assustou e se feriu com a ponta de uma seta, apaixonou-se por ela, e Psiquê correspondia o amor, pois também tinha sido tocada com a flecha. O jovem deus escondeu a amada levando-a para um palácio suntuoso, onde ia visitá-la todas as noites, escondido pela escuridão. Proibiu que Psiquê tentasse vê-lo. Eles viviam felizes, mas ela sentia saudades das irmãs e pediu a ele que pudesse ter visitas. Ele não negava nada para ela. As irmãs com inveja davam maus conselhos, dizendo que ele era um monstro porque não queria ser visto. Psiquê ficou curiosa e resolveu vê-lo, sem querer ela deixou cair sobre ele uma gota do óleo da lamparina, ele acordou, e percebeu que ela tinha traído sua confiança, ele desapareceu voando no céu. Ela ficou e procurou por ele em todo o mundo, mas Vênus a perseguia. Então, Psiquê resolveu falar com Vênus e pedir clemência. Todavia, Vênus só colocava dificuldades no caminho de Psiquê e, um dia, muito curiosa caiu na armadilha de Vênus que a fez adormecer, em um sono parecido com a morte. Porém, Cupido pediu a Zeus que o ajudasse. Zeus levou Psiquê para o Olimpo. Psiquê tomou-se imortal e ficou com Cupido para sempre.

Essa lenda nos revela que a curiosidade é irresistível, e investigar o desconhecido é perigoso. Também deixa a ideia da Lei do retorno, pois Cupido foi ferido por sua própria flecha.

A oitava história é *Eco e Narciso*. Eco era o nome de uma ninfa muito tagarela, que conversava muito e sem pensar. Não conseguia ouvir em silêncio quando alguém estava falando. Um dia, fez isso com a ciumenta deusa Juno, quando ela andava furiosa pelo bosque, procurando o marido Júpiter, que brincava com as ninfas. A tagarelice de Eco atrasou a poderosa Juno, que disse que, a partir daquele momento, a língua de Eco só iria servir para o mínimo, a jovem só poderia repetir apenas as últimas palavras do que alguém dissesse. Sua voz deixou de expressar suas próprias palavras. Um dia, ela se apaixonou por um rapaz que se chamava Narciso e dizem que foi o homem mais bonito e deslumbrante que já existiu. Eco o seguia por toda parte. Um dia Narciso se perdeu dos amigos quando passava no bosque. Ele perguntou: *tem alguém aqui?* Ela disse: *Aqui*. Narciso pediu para ela aparecer. Feliz ela saiu do meio das árvores e correu para abraçá-lo, repetindo o final do que ele tinha dito. Mas ele fugiu dela, gritando que preferia morrer a deixar que ela o trocasse. Eco saiu correndo envergonhada para se esconder no fundo da caverna. Sofreu tanto com essa dor de amor que foi emagrecendo, até perder o corpo e desaparecer por completo. Ficou reduzida apenas a uma voz, repetindo as palavras dos outros – isso que nós chamamos de Eco. Narciso continuou sua vida sem nunca se importar com os outros, brincando com o sentimento alheio. Até que alguém que ele fez sofrer muito, rezou para Nêmesis – a deusa do destino. Ela pediu que ele pudesse amar tanto, mas que seja impossível que ele conquiste o amor. Nêmesis achou junto e resolveu atender ao pedido. Havia no fundo do bosque um laguinho de águas cristalinas e tranquilas, ali nenhum animal ia beber água e não caíam folhas ou galhos secos – um verdadeiro espelho. Era cercado por uma grama verdinha e macia. Um dia, no meio de uma caça ele com sede resolveu tomar um pouco de água. Deitado na margem com a cabeça debruçada sobre o lago ficou encantado pelo bellissimo reflexo que via. Nunca tinha se visto em um espelho e não sabia que era a sua própria imagem. Imediatamente se apaixonou, ficou maravilhado por tanta beleza. Os amigos chamaram-no para ir embora, mas ele ficou olhando o reflexo. Narciso ficou muito tempo ali sem

comer, nem dormir, admirando aquele ser porque estava apaixonado. Chorou, e suas lágrimas caíram sobre a imagem, que chorava com ele. A única resposta que tinha era de Eco, sempre escondida. Sem conseguir sair dali Narciso ficou desesperado, se arranhou todo, puxou os próprios cabelos. A imagem fazia o mesmo. Ao perceber que ia morrer suspirou e disse: Adeus; fechou os olhos, deixou a cabeça cair sobre a grama. Na água o rosto sumiu. Só Eco respondeu, adeus! O amigo o encontrou morto. Quando vieram pegar o corpo para o funeral ele não estava mais lá. Em seu lugar nascera uma flor perfumada e linda, com uma estrela de pétalas brancas em volta de um miolo amarelo. Para sempre chamada de Narciso.

Particularmente essa narrativa me fascina por ser trágica. Ela revela uma realidade diferente em comparação às outras histórias de amor que são contadas. O interessante desse mito é a imagem do auto admirador.

A nona história é *A tapeçaria de Aracne*. Contavam que Palas, a deusa da sabedoria, que mais tarde os romanos chamariam de Minerva, ensinava todos os segredos de fiação e tecelagem a uma moça chamada Aracne. Aracne era de origem humilde, mas se tornou tão habilidosa com fios e tramas, que até as ninfas dos bosques e dos rios vinham vê-la trabalhar. Quanto mais atenção atraía, mais Aracne se ofendia com os elogios a Palas e negava qualquer mérito à deusa. Até que, certo dia, acabou desafiando a deusa para numa competição que em que a melhor vencesse. E disse que se ela vencesse poderia fazer o que quisesse com ela. A deusa se disfarçou e foi visitar Aracne sob a forma de uma velha, aconselhou-a a respeitar a experiência e sabedoria dos anciãos e reconhecer a superioridade dos deuses. Aracne foi ríspida, dizendo que não queria conselhos. A velha deixou cair o disfarce e se revelou Palas. Aracne manteve o desafio. Durante muito tempo uma belíssima tapeçaria foi surgindo em cada tear. Palas procurou o mínimo defeito na obra de Aracne, não conseguiu encontrar uma única falha. Com raiva, bateu várias vezes com seu bastão na testa da tecelã. Não suportando a dor, Aracne passou um fio no pescoço para se enforcar. Mas a deusa teve pena e a segurou suspensa no ar dizendo que ela tinha má índole e era vaidosa, mas disse que tinha que respeitar a arte de Aracne. Ao partir disso, borrifou-lhe uma poção que fez o cabelo da moça cair, a cabeça e o corpo encolherem, os dedos crescerem, e a transformou para sempre numa

aranha, condenada a fabricar fio e teia até o final dos tempos. Sempre com perfeição incomparável.

Esse mito simboliza a forte autoridade dos deuses sobre o homem. Mais uma vez a força e a presença da deusa Palas Atenas. Nessa narrativa temos a noção de ser uma condenação estar dentro de um corpo que não seja humano. A ideia de ficar limitado ao *eu*, à subjetividade e à fala como um castigo.

A décima história é *Píramo e Tisbe*. Vivia na Babilônia um rapaz chamado Píramo, o mais belo dos jovens de seu tempo. Bem ao lado da casa dele, separada apenas por um muro, vivia Tisbe, a mais linda jovem do Oriente. Sendo vizinhos, acabaram se encontrando e ficando amigos. Mais que isso, em pouco tempo aquela amizade virou amor e começaram a falar em casamento. Porém, as famílias não queriam aquela união e proibiram o namoro. No muro que separava os dois quintais havia uma rachadura, que tinha virado uma fresta. Eles descobriram essa fresta e logo notaram que podia ser um canal para suas vozes. Passavam o dia todo murmurando ao lado do paredão. Quando não estavam aguentando mais, resolveram que, naquela noite, cada um tentaria esgueirar-se, passar pelos guardas e escapular de casa. Depois que fugissem, iriam encontrar-se fora da cidade. Para não se perderem, marcaram um encontro junto a um túmulo que havia no campo, ao lado de uma imensa amoreira — porque a sombra da árvore podia ajudar a escondê-los, no caso de eventuais olhares indiscretos. E, bem pertinho havia uma fonte de água fresca. Envolta num véu, Tisbe chegou ao local combinado e sentou-se debaixo da amoreira. Mas daí a pouco, apareceu uma leoa que acabava de caçar e, ainda com a boca gotejando sangue, vinha beber água na fonte que tinha perto. À luz da lua, Tisbe viu o animal se aproximando e correu para se abrigar numa caverna próxima. Na corrida, deixou cair o véu. A leoa encontrou o tecido e avançou sobre ele, rasgando o pano e o deixando todo sujo de sangue. Depois, bebeu água e foi embora. Píramo só conseguiu chegar um pouco mais tarde. Viu o véu de Tisbe estraçalhando e ensanguentado. Achou que ela tinha sido devorada por um leão e se sentiu culpado, porque a convenceu a ir sozinha de noite a um lugar perigoso e não conseguiu chegar a tempo para estar lá a sua espera. Chorando, abraçado ao véu de Tisbe, sacou a espada e a enterrou no próprio peito. Tisbe voltou, olhando em volta à procura dele, e quando viu Píramo no

chão, morto e coberto de sangue, ficou fora de si. Batia no peito, beijava o rosto dele. Ao distinguir que as mãos do rapaz seguravam seu véu rasgado e a espada estava fora da bainha, percebeu o que ocorrera. Segurou então a espada com firmeza e se lançou sobre ela para morrer também, no aço ainda quente do corpo amado. Com tristeza, os deuses guardaram para sempre a lembrança dos dois nos frutos da amoreira – cor de sangue antes de amadurecer, e preto de luto no apogeu da doçura, quando ficam no ponto para serem colhidas. No amanhecer, as duas famílias constataram a que ponto sua intransigência tinha levado os dois namorados, e, assim, consentiram que Píramo e Tisbe ficassem unidos para sempre e guardaram as cinzas dos dois namorados em uma mesma urna.

Acredito que esse mito simboliza a ideia de amor eterno. Uma ideia romântica sobre o amor proibido, aquela ideia de que o risco torna mais fascinante, todavia essa história não acaba com um final feliz para quem gosta de viver na terra.

Achei relevante ter como arquivo um pequeno resumo das histórias, pois percebo o quanto elas são ricas na questão de princípios morais, mostrando um pouco da herança greco-romana. Percebo também que o conhecimento dessas narrativas possibilita uma adaptação para outras obras. Como por exemplo, o caso da lenda de amor de Tísbe e Píramo, com a qual é possível fazer uma analogia com a de *Romeu e Julieta*.

O fantástico não foi somente ler, mas foi perceber que eu já tinha lido essas histórias na minha infância. Eu não tinha lembrança de ler nada de mitos e lendas greco-romanos, mas quando li a lenda de *Dédalo e Ícaro* me veio um *insight*. Pensei logo em um menino voando com azas de anjo. Depois, fui olhar o resquício do livro que ainda resta na minha estante, tive uma boa sensação ao lembrar algo esquecido da minha infância.

A lenda que mais gostei foi *Eco e Narciso*. Fascinou-me compreender como o indivíduo pode se deslumbrar com sua própria aparência. Uma contemplação do seu ser. O admirador na história se volta para a beleza, mas sei que essa autodestruição pode acontecer por qualquer outro sentimento como, por exemplo: a ganância, a vontade de poder, a rotina exorbitante da vida, o individualismo demasiado e até mesmo o amor excessivo. Todas essas coisas que nos permeiam e nos faz perder o sentido de nossa verdadeira existência.

Finalizando minha concepção sobre essa obra, eu pude perceber que é possível usar esse livro para a disciplina do Ensino Religioso, tendo como referência os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso* que contém os eixos de conteúdos para disciplina do Ensino Religioso, visando o quinto eixo, o *Ethos* e também o primeiro: *Cultura e tradições religiosas*. Por isso, esse livro seria indicado para ser usado no contexto escolar.

“*Por que é necessário eu ser leitora literária, para ser professora de Ensino Religioso no Ensino Fundamental brasileiro*”? – acredito que é responsabilidade profissional, ter o compromisso social em estabelecer condições e capacidade para preparar o aluno para a sociedade. Também me perguntei várias vezes: *qual a importância da literatura*? Penso que seja para mostrar que não existe apenas um modo de ler. Sendo assim, a literatura é um saber necessário, por ser uma produção humana.

Não deixo de citar também os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso - PCNER, que me possibilitaram ligar os conteúdos dos eixos temáticos com a literatura para a sala de aula.

No mês de maio, li um livro de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*, com a tradução de Monteiro Lobato. Pesquisei sobre o autor para que eu pudesse conhecer um pouco mais da obra. Charles Ludwidge Dogson, mais conhecido como Lewis Carroll, nasceu na Inglaterra em 1832 e morreu em Guieford, em 14 de Janeiro de 1898. É o autor de *Alice no País das Maravilhas*, publicado pela primeira vez em 1865. Filho de um pastor anglicano, Carroll teve dez irmãos e cresceu em um ambiente cheio de crianças, onde aprendeu a contar histórias. Seu pai pretendia que ele também se dedicasse à vida religiosa, mas o interesse por geometria, álgebra e lógica fez com que fosse convidado a dar aulas na Universidade de Oxford. Enquanto foi professor, publicou vários livros de matemática e alguns poemas. Nessa época, conheceu Henry Liddell, que veio a ser seu grande amigo. Liddell era pai de Alice, fonte de inspiração para *Alice no País das Maravilhas*.

Cosson ressalta que a literatura nos diz o que somos e nos incita a querer e expressar o mundo por nós. As indagações existenciais de Alice são fantásticas para trabalhar com adolescentes, como destaque, nos trechos abaixo:

— Meu Deus! Como tudo me parece estranho hoje! No entanto

até ontem as coisas corriam como de costume. Será que me trocaram por alguma outra criatura durante a noite? Estudemos o caso. Será que sou a mesma Alice de ontem? Se não sou, então quem sou? Eis o grande problema (CARROLL, 2005, p. 25).

Pode me dizer que caminho devo seguir? (Alice).

— Isso depende do lugar para onde você quer ir — respondeu com muito propósito o gato.

— Não tenho destino certo.

— Neste caso qualquer caminho serve.

— Servirá, se conduzir a algum lugar. — disse o gato — se você andar depressa e chegar (CARROLL, 2005, p. 71).

Fiquei indagando sobre o título. O que é um país das maravilhas? Levar essa palavra “*maravilha*” para um termo universal? *Maravilhas* de quê e para quem? Ainda lembrei-me do que aprendi em um curso com o professor Arturo, da UFPB. Segundo ele, apenas devo extrair da obra o que ela me proporciona, pois eu poderia cair no *achismo*. Por isso, fico apenas com a explicação de que esse livro é um clássico que propicia uma leitura extraordinária de uma menina que vive muitas aventuras.

Nele, o personagem que mais gosto é o Chapeleiro, o tido como louco. Eu gosto do contexto do personagem, um homem que todo tempo toma chá, por pensar que são cinco horas, mesmo tendo consciência de que seu relógio está quebrado. Porém, o seu dilema é pensar que está brigado com o tempo. Alguém já brigou com o tempo? Pergunto quem nunca brigou? Esse personagem me fascina por estar sempre em conflito consigo.

Enquanto que Alice é um enigma. Mas ela me fez rir bastante com sua forma de se expressar. “Ninguém dá a mínima importância para as ordens de sua Majestade. Você não passa de uma simples carta de baralho!” (CARROLL, 2005, p. 143). E “Sou dona da minha boca e da minha palavra! Calo ou falo quando quiser! — retrucou Alice, furiosa” (CARROLL, 2005, p. 143). Não consigo compreender muita coisa dela. Por exemplo, por que ela gosta tanto de coisas extraordinárias? O que a incitou para encontrar o País das Maravilhas? Foi somente por curiosidade? E o que a fez sair de lá? Foi a convicção ou medo? Tudo foi um sonho? “Tive um sonho tão comprido e interessante” (CARROLL, 2005, p. 143). Toda história foi um sonho longo? Acredito que era esse o objetivo do autor, possibilitar indagações particulares sobre a obra. Essa obra me faz pensar que não há conhecimento absoluto. Talvez seja esse o motivo do livro

ser um clássico.

Posteriormente, como orientação reflexiva sobre minha formação leitora, a coordenadora do projeto nos incitou, com o seguinte questionamento: “Como apresentar a literatura, através de seus autores, aos alunos?” Ela solicitou que tomássemos como base os posicionamentos de Rildo Cosson, para elaborar um texto expositivo-argumentativo de, no máximo, duas páginas em que houvesse uma reflexão sobre a introdução de práticas de letramento no contexto escolar.

Segundo minha compreensão leitora sobre o autor e outras experiências, inicialmente é necessário ter um planejamento para saber o que quer passar para o aluno, assim, os procedimentos desejados terão pouca chance de erro. Em seguida, estabelecer objetivos geral e específico é essencial para saber como desenvolver o conteúdo escolhido na sala de aula. Lembrando que é de extrema importância saber articular o objetivo ao conteúdo e não o contrário.

A totalidade do conteúdo do texto literário só é possível através da concepção ou leitura na íntegra da obra. Como estabelecem Souza e Cosson:

Devemos escolher o texto no seu suporte original, ou seja, o livro infantil. Respeitar a integralidade da obra também é importante, pois não podemos retirar ou soltar partes do texto que, por alguma razão, achamos inadequadas para nossas alunas (SOUZA; COSSON, 2011, p. 103).

Pois é de grande relevância apresentar a literatura completa para os alunos, porque possibilita a construção de um saber mais abrangente. Estabelecer apenas parte do texto é desmerecer a ideia principal da obra, por esse motivo, é necessário respeitar a obra, como aponta Rildo Cosson:

[...] é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola à leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a construir essas leituras, tais como a crítica ou a história literária (2014, p. 23).

Os procedimentos da apresentação da leitura do texto como eu já tinha explicado, devem nortear o professor em suas estratégias de ensino para seu público alvo, os alunos.

Desse modo, tendo os objetivos traçados, agora, é necessário pensar sobre como mobilizar os saberes de modo que o desenvolvimento da aprendizagem

dos textos literários possa proporcionar: “[...] o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos” (COSSON, 2014, p. 17). Este é o objetivo esperado ao apresentar a leitura completa dos textos literários.

Cosson estabelece uma forma de introduzir práticas de letramento literário no contexto escolar com propostas de oficinas para o professor adaptar em seu trabalho. Com o objetivo de estabelecer uma ação do aluno em relação aos significados das obras literárias, o aluno se torna um leitor ativo que se reconhece no seu contexto social, identificando sua cultura e tendo a capacidade de “[...] manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive” (SOUZA; COSSON, 2011, p. 106).

Em seguida, conjuntamente ao início das atividades pedagógicas do Subprojeto PIBID, comecei a ler sobre a mitologia Nórdica a partir do mês de julho, porque também foi necessário para a elaboração de um artigo científico produzido pelo grupo do qual faço parte, no subprojeto. Li um livro ótimo para referencial teórico, escrito por Maria Fernandes Candido, *Mitologia germano-escandinava: do caos ao apocalipse*. Essa obra trata de um tema bastante interessante para quem é aluno do curso de Ciências da Religião, pois complementa a compreensão sobre a mitologia nórdica. Nesse livro, encontrei artigos sobre a mitologia nórdica, também encontrei conteúdos sobre os deuses e ainda explicações dos nomes específicos dessa mitologia, além da função dos deuses. O autor clássico Georges Dumézil (1959), citado por Candido (2007), estabelece a tríplice função religiosa dos deuses:

Os deuses sacerdotes ou de primeira função estariam associados à sabedoria. São divindades que governam, que são líderes de seus respectivos panteões. Os deuses guerreiros ou de segunda função dizem respeito à guerra. Quanto aos deuses camponeses ou de terceira função, estes são associados com a fertilidade e a sexualidade (CANDIDO, 2007, p. 37).

Essas funções propiciam o conhecimento sobre as estruturas básicas entre a mitologia e a sociedade nórdica. O personagem do deus Thor, apesar de ser da estirpe dos Ase, é “[...] uma divindade de primeiro escalão” (CANDIDO, 2007, p. 39), entre os deuses nórdicos, era também da estirpe dos vanes – deuses relacionados ao sexo e à fertilidade. Sendo assim, “[...] devido a sua ligação com as chuvas e à fertilização dos solos que proporcionavam boas

colheitas” (CANDIDO, 2007, p. 62).

Esse livro foi um dos melhores que li sobre essa temática, pois é uma coleção de artigos e também tinha o assunto sobre o deus principal do conteúdo que seria trabalhado no artigo.

Existe ainda outro livro ótimo que recomendo, denominado *Deuses, monstros, heróis: ensaios de uma mitologia e religião viking*, de Johnni Langer. Apesar de não o ter lido totalmente, foi muito importante para complementar minha pesquisa sobre essa mitologia. A diferença deste para o de Candido é que Langer destrincha a relação entre mito e sociedade, com a preocupação de retornar os valores verídicos do mito para a cultura dos nórdicos e entender sua permanência no tempo presente. De acordo com esse autor,

Para o imaginário ocidental, os vikings sempre foram vistos como bárbaros cruéis, assolando e destruindo as costas europeias durante a Alta Idade Média. Apesar de estudos acadêmicos escandinavos desde o século XIX demonstrarem outras facetas desta cultura, foi somente a partir dos anos 1960 que a historiografia contemporânea iniciou uma nova concepção sobre os nórdicos (LANGER, 2009, p. 13).

Esse livro trouxe uma nova aprendizagem por enfatizar especificamente a cultura nórdica. Essa é uma cultura bastante complexa, principalmente no que tange à arte, à compreensão mitológica e religiosa, mas também à estrutura social. Foi bastante desafiador estudar temas da Era Medieval. Hoje em uma sociedade contemporânea tenho dificuldade em compreender a teologia da prosperidade, imaginem o quanto foi difícil ler sobre o sacrifício humano, mesmo sabendo que era uma prática de controle social dos nórdicos. Para os povos nórdicos,

Os sacrifícios humanos eram raros e circunstanciais na religiosidade viking. A maioria das vítimas, oriundas da própria sociedade nórdica, era composta por escravos, criminosos e, em menor escala, crianças, em rituais sempre associados ao deus Odin, geralmente por meio de enforcamento, fogo e trepanação por lança (LANGER, 2009, p. 24).

Para complementar o referencial teórico da mitologia escandinava, eu li o livro do autor Lars Haraldson – *Contos e lendas dos Vikings*. Essa obra é composta

por contos dessa mitologia. Foi retirada desse livro a narrativa principal para o artigo – O roubo de Mjollnir. Compreendi que é possível trabalhar articulando ao quinto eixo organizador dos conteúdos dos PCNER – o Ethos. Sendo possível também distinguir os valores morais dessa cultura em relação à da mitologia grega. Os contos retratam uma característica específica dessa mitologia que é a ausência do dualismo – bem e mal. O que existe é o equilíbrio dessas duas características em todos os deuses, essas forças vivem juntas.

Por fim, creio que minha experiência como leitora tanto no curso de Ciências da Religião quanto como bolsista do subprojeto PIBID rendeu uma aprendizagem significativa para minha formação pessoal e profissional, porque me fez perceber o quanto é relevante a leitura literária.

Quando entrei na Universidade, havia deixado de lado os livros literários, mas agora retomei as leituras (confesso que não com tanta frequência). Porém, o mais importante foi esse processo de construção da prática literária com o desafio de elaborar um material pedagógico para a prática com o Ensino Religioso. A vivência no contexto escolar do Ensino Fundamental, tendo como orientação o letramento literário com base nas narrativas nórdicas tornou-se uma experiência inesquecível. Participar do Projeto de Iniciação à Docência foi compreender características do sistema educacional e ter a relevância de um ensino interdisciplinar. Pude elaborar novos conhecimentos, com minhas leituras, levá-los para a sala de aula e mobilizar saberes embasado por narrativas que antes não conhecia com profundidade, por isso, compreendo que cresci.

Dessa forma, percebi como a leitura literária e a leitura acadêmica me permitiram compreender a responsabilidade de ser professora. A experiência formativa do PIBID me proporcionou um panorama da prática educativa. E também eu tive a oportunidade de conhecimentos da sala de aula que somente a questão empírica oferece.

Concluindo, deixo para vocês perspectivas de um saber acadêmico.

Referências

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: linguagens**. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005. p. 21-34.

CÓCCO, Maria Fernandes; HAILER, Marcos Antonio. **Alp, 8: análise, linguagem**

e pensamento: a diversidade de textos numa proposta socioconstrutivista: língua portuguesa. São Paulo: FTD, 1995. p. 45-59.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO - FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso**. 9. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

HARALDSON, Lars. **Contos e lendas dos Vikings**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

LANGER, Johnni. **Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking**. Brasília: Editora Universal de Brasília, 2009. p. 1-77.

MACHADO, Ana Maria (Org.). **Clássicos de verdade: mitos e lendas greco-romanos**. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

MEDEIROS, Martha. **Lewis Carroll**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.lpm.com.br/site/default./> Lewis Carroll>. Acesso em: 13 maio 2014. Blog: L&PM.

PETERSEN, Bruno Kneblewski. et al. Mitologia Nórdica e as Diferentes Mitologias Pelo Mundo. **Revista Eletrônica**. v. 3, set. de 2012.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. In: UNESP. **Caderno de Formação: Formação de professores didática dos conteúdos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. Cap. 8, p. 101 – 107. V. 10.

Menina do campo, mãe de santo, professora de Ensino Religioso em formação, idas e vindas na diversidade e, agora, construindo-me como leitora literária



Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e do que ignoro algo que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer ainda o que não sei.

Paulo Freire.

Após alguns anos fora da sala de aula, voltei a estudar no ano de 2012. Confesso que, de início, foi apenas para satisfazer a vontade de algumas pessoas do meu ciclo de amizade e a minha curiosidade de entender porque que as pessoas escolhem determinada religião, junto com a vontade de conhecer melhor a minha própria religião, optei pela Licenciatura em Ciências da Religião. Enfim, lá estava eu, aluna da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, escrevendo um novo capítulo no livro da minha vida.

Nasci no dia 16 junho de 1970. Sou natural da cidade de João Câmara/RN, no entanto, morei parte da minha infância em uma comunidade chamada Baixa do Quinquim no município de Touros. Tenho mistura sanguínea de negro com índio, pois meu pai é descendente de quilombo e minha mãe descendente indígena. Vivíamos todos da roça. Aos 10 anos de idade, fui morar em São Paulo na casa de familiares, mas tive que retornar dois anos depois, porque minha mãe passava por sérias complicações de saúde. Apesar de tantas idas e vindas sempre estudei, minha mãe sempre foi muito atenta aos meus estudos, falava que era a única riqueza que poderia me dar.

Na roça sempre tive uma vida tranquila, adorava acordar cedo sentir o

cheiro da terra, tínhamos uma rotina bastante intensa, porém muito prazerosa. Gostava de tudo que vinha do campo limpa mato, plantar, colher, ajudava minha avó a tirar leite do gado, apartar os bezerros, mas o que mais me deixava alegre era mesmo quando fugia uma rês do pasto e nós, eu e minha avó, tínhamos que ir atrás, sempre a cavalo, era muito bom, isso me fazia me sentir livre. Na época da colheita, era maravilhoso, divertido, durante o dia, estávamos todos no roçado colhendo os frutos de mais um ano de trabalho. À noite ficávamos todos em volta de um paiol de milho ou de feijão a debulhar. Lembro das minhas tias, irmãs da minha avó, hoje já falecidas, contando anedotas, histórias de trancoso e, quando chegavam os violeiros na cidade ou os ciganos que armavam suas tendas nas terras da minha avó, era uma festa, chamava a atenção da vizinhança e todos vinham assistir as cantorias. Hoje escrevendo essas linhas, relembro minha infância, vejo o quanto era feliz, e como esses acontecimentos foram importantes na minha formação pessoal.

Nesse mesmo período outras questões me afligiam, criada em uma família extremamente católica, eu tinha uma forte atração pela umbanda, coisa que não foi bem aceita pelos meus familiares. Quando minha mediunidade começou a fluir, muitas mudanças começaram a surgir. Primeiro, minha rotina diária sofreu alterações, pois, com minhas visões, comecei a ter medo de andar sozinha, via sempre o vulto de uma senhora já velha a me perseguir, com isso, eu entendia que ela queria me carregar. Nesse meio tempo, minha avó cuidou em intensificar minhas idas à igreja católica e me fazia rezar todas as noites, dizendo ela que assim a velhinha ia embora e me deixaria em paz, mas de nada adiantava. Nesse sentido, eu entendia que deveria fazer escolhas e, assim o fiz. Optei em seguir minha vida religiosa. Enfrentei o desapareço da família, passei a caminhar com os meus próprios pés em busca do meu caminho espiritual.

No ano de 1982, dei início à minha iniciação na umbanda e, posteriormente, em 1996, no candomblé. Passei a viver exclusivamente para o *religioso*, nada mais importava; na verdade, achava que não precisaria de mais nada. Em 1998 um dos meus irmãos de santo, João de lemanjá teve uma grave doença e eu desesperada, pedi a lemanjá que devolvesse a saúde dele que em troca eu construiria uma casa de santo que levaria seu nome. Meu irmão se restabeleceu e, assim nasceu a Roça Gegi lemanjá Ogunté, no bairro do Golandim, Zona

Norte de Natal. Dois anos depois, Oya, meu orixá de ori (cabeça) revela através de Ifá (orixá da adivinhação) que eu deveria agora fundar uma casa que fosse ela (Oya) o orixá patrono. Assim veio a fundação da Roça Gegi Obéotógundá, esse no bairro Nossa Senhora da Apresentação, também na zona norte de Natal, no qual estou na direção até hoje e onde já foram iniciados dezenas de filhos e filhas de santo.

Até que em 2012, por tanta existência de um amigo, Josemar Fernandes, resolvi fazer o ENEM, esse foi o grande salto da minha vida, obtive uma boa colocação, também fiz o vestibular da UERN, no qual obtive tive aprovação. Mas não foi tão simples, meu ingresso na universidade significava também mudanças na minha vida pessoal e na rotina religiosa com os afazeres e responsabilidades a mim atribuídos. Além do que eu também tinha engajamentos com os movimentos sociais e com o Movimento dos Sem Terras – MST, no qual eu estava na condição de acampada no ano de 2012. Mais uma vez aqui veio o meu amor pela vida do campo, e a minha vontade de voltar para as minhas origens.

Apesar do esforço em tentar conciliar minhas atividades dentro e fora da UERN, não deu certo, e mais uma vez vieram as escolhas, então, escolhi a faculdade. Decidi sair do acampamento, mas não da terra, com as amizades feitas no acampamento arrendei um pedaço de terra e quando chega o inverno, procuro manter um pequeno plantio para o qual vou, uma ou duas vezes por semana e ou sempre no final da semana. Assim, continuo minha vida no campo que é onde me sinto bem.

Do campo para a Licenciatura – transformando-me em professora leitora

Minha escolha pelo curso de Ciências da Religião deu-se pela curiosidade de querer entender porque as pessoas tanto se dedicam a certa religião e porque ignoram outras, me tomei como exemplo nesse fato. Enfim, chegar à universidade foi mais um degrau na escada da vida, outros ainda viriam.

Já no segundo período do curso, tive conhecimento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, cujo objetivo é o incentivo à formação de professores para a educação básica e a elevação da qualidade do ensino na escola pública. Logo me interessei pelo programa e aqui estou

relatando um pouco do muito que tem sido importante essa experiência em minha vida.

Todos os livros mencionados abaixo foram lidos por mim após minha integração ao PIBID. Tive acesso a alguns na biblioteca da UERN e ou na biblioteca do PIBID, com exceção dos livros *Letramento Literário*, *Diário Leitura*, *Resumo* e *Produção textual na Universidade* os quais adquiri com recursos próprios. Enfim, o importante é que, ao fazer parte desse Programa de Incentivo à Docência na Universidade, estou conhecendo novos horizontes e tendo acesso a um mundo novo, o mundo da leitura, contribuindo assim para o fortalecimento da minha aprendizagem.

O início desse diário de leitura aconteceu no ano de 2014, quando entrei para o Programa de Iniciação à Docência – PIBID, no subprojeto de Ciências da Religião, intitulado *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso*.

Como parte das propostas formativas do Subprojeto, tive acesso a algumas obras interessantes que me auxiliaram nesse período de formação, como por exemplo, *Letramento literário*, *Diário de leituras*, *Leitura e Produção Textual na universidade* e *Resumo*. É de grande importância para nós, acadêmicos, o estudo dessas obras, que vão nos nortear como futuros profissionais de Ensino Religioso em sala de aula.

Comecei meu diário de leitura no mês de abril com a obra *Letramento Literário*, de Rildo Cosson (2007), são inúmeras as vantagens de ler a obra de Cosson: a metodologia desenvolvida pelo autor ajuda-nos a conhecer um pouco do âmbito escolar, buscar, na teoria, e ver, na prática, os norteadores para o letramento literário dos educadores e sua função na vida profissional. Rildo Cosson mostra-nos como se trabalha o texto com os discentes, através de estratégias e técnicas para o ensino da leitura, e de oficinas e dinâmicas, para serem vivenciadas em sala com os alunos.

É importante ler outros autores e buscar outras obras para se fazer uma comparação dos pensamentos desses autores sobre um determinado tema.

Não estou tendo momentos chatos, mas cansativo sim. Cosson tem uma linguagem muito clara e objetiva em seus pensamentos e em suas obras.

O que está sendo bom são os conhecimentos construídos, com todos os autores e obras que tenho a oportunidade de pesquisar e as várias técnicas

que podem ser aplicadas em sala de aulas com os alunos. Quando cheguei ao Pibid, não tinha ideia do que iria acontecer nem tão pouco imaginava as transformações que iriam ocorrer em minha vida através da leitura, eu não tinha a prática da leitura como algo constante em minha vida, na verdade não gostava de ler, principalmente livros volumosos ou de difícil compreensão.

Primeiro, com o curso de Ciências da Religião, me interessei por alguns autores filósofos como Durkheim, Freud, Jung entre outros, depois veio o Pibid, novas leituras, novos autores, nova forma de ler. Ler por prazer, ler com entendimento, de fato.

Conhecer esses autores me levou a abrir novos conhecimentos e, de fato, me fez entender o valor de ser um bom educador (a).

Cosson inicia sua obra narrando a história de um imperador chinês que volta de uma batalha preocupada com o futuro de seu império, pois o mesmo estava velho e sabia que deveria pensar em um sucessor. Como tinha dezenas de filhos, essa era uma tarefa bastante difícil. Convocou o mais importante sábio de seu império para ensinar aos escolhidos a arte de governar, mas este alegou não poder cumprir tão importante tarefa, e, assim, o imperador chamou o segundo, o terceiro, obtendo dos mesmos a mesma recusa. Indignado, o imperador quis saber o motivo de tantas recusa por parte dos sábios do império. Após conversarem entre si, eles lhe responderam que aquela seria uma tarefa impossível, pois seus escolhidos eram dotados de arrogância, indiferença e ignorância, portanto, virtudes inimigas de qualquer educador.

Segundo Cosson, as escolas vivem essa mesma dificuldade com os alunos, os professores de outras disciplinas, os dirigentes educacionais e a sociedade, quando a matéria é literatura. Estes acham já dominar o conhecimento de tudo que lhes interessam. O autor defende o ensino da literatura na escola básica, da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas, diz ainda haver vários níveis e diferentes tipos de letramento. Nesse contexto, o processo de letramento que se faz, via textos literários, compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Para tratar sua proposta de letramento literário, Cosson divide o livro em três partes: Na primeira, apresenta algumas reflexões sobre o lugar da literatura em nossa sociedade e o porquê de sua

importância. Na segunda parte, trata dos procedimentos que efetivam a proposta de letramento literário. Apresenta ainda a necessidade de um método para se trabalhar a literatura na escola, indicando atividades coordenadas de ensino e aprendizagem com o objetivo de construir comunidades de leitores.

Na terceira parte, faz uma reflexão sobre o desafio de se trabalhar com o *diferente* em uma escola que resiste a mudanças e propõe de oficinas para o professor adaptar em seu trabalho com o letramento literário.

De acordo com Cosson, não é possível aceitar que a simples atividade de leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária. “Os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmo. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos e grande parte dele são adquiridos na escola.” (COSSON, 2006, p.26). Ler implica trocar de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visão do mundo entre os homens no tempo e no espaço. É preciso estar aberto a multiplicidade do mundo e a capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa.

Abrindo-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto. O bom leitor é aquele que agencia com o texto os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. (COSSON, 2012, p.27).

Comecei a ler o livro *Produção textual na universidade*, escrito por Désirée Motta e Graciela Rabuske (2010) no mês de abril de 2014. Livro muito bom de ser lido, de fácil entendimento. As autoras detalham como deve ser elaborada uma boa resenha. No terceiro capítulo, elas tratam de como deve ser feito um projeto de pesquisa, a partir daí passam a esclarecer formas acadêmicas para construção de um bom artigo. Dessa forma, em todos os capítulos, as autoras abordam um gênero específico do domínio acadêmico, aliam práticas e reflexões resultando em uma obra para ser estudada e utilizada para o letramento acadêmico.

As pesquisadoras enfatizam que o volume cumpre dois objetivos:

Primeiramente, oferecer a escritores iniciantes subsídios que

os auxiliem no processo de produção de textos acadêmicos no contexto de pesquisa comumente experimentado na universidade. Além disso, tentamos atender à necessidade de professores de leitura e redação acadêmica de contar com um material sistematizado para desenvolver as habilidades comunicativas de alunos /escritores (MOTTA; RABUSKE; 2010, p.10)

É importante salientar que, ao final de cada capítulo, as estudosas intercalam dicas e sugestões de atividades, uma vez que, conforme elas ressaltam, para aprender a escrever, *só escrevendo*. Além disso, utilizam ao longo da obra, exemplos de artigos e resumos de diferentes áreas do conhecimento como biologia, medicina, linguística aplicada, entre outras.

Dessa forma, aos poucos, venho construindo meus conhecimentos para que, em um futuro próximo, tenha também um bom desenvolvimento que me possibilite escrever meus próprios artigos. Aos poucos também meu processo da escrita vem se desenvolvendo e minha autonomia vai se construindo. Para isso, acredito ser importante a prática da leitura silenciosa e oral. Os encontros do *Projeto de Extensão Virando a Página*⁵ têm me ajudado muito. A convivência com meus colegas me auxilia bastante também.

Comecei a ler o livro *Resumo*, escrito por Anna Rachel Machado, Eliane Lousado e Lília Santos Abreu, no mês de maio de 2014.

De cara já gostei. As autoras, na apresentação do livro, mencionam um famoso escritor professor do departamento de Linguística da PUC-SP e também Membro do Comitê Assessor da Secretaria de Educação Superior (SESU), onde este faz um comentário que me chamou atenção. Segundo as autoras, num de seus famosos escritos, o grande escritor argentino Jorge Luis Borges nos lembra que o livro é como o rio de Heráclito: um curso fluido, tão diferente de si mesmo a cada momento quanto nós mesmos, que, a cada vez que o adentramos, somos outros.

E é verdade. Esse livro traz um olhar mais divertido de como trabalhar com resumos acadêmicos e outros gêneros como críticas, resenhas, contracapa, etc. Traz exercícios-problemas nos quais estica a curiosidade do leitor em querer ler,

⁵ Projeto de Extensão coordenado pela professora Araceli Sobreira Benevides no curso de Ciências da Religião e que consiste em encontros semanais para a leitura de obras acadêmicas, com o objetivo de ampliar as práticas de letramento acadêmico dos universitários desse curso de licenciatura.

responder aos questionários, além de pedir para que o leitor faça uma avaliação de sua aprendizagem sobre o tema resumo, enfim, adorei, vai ser muito útil não só para o PIBID, mas para todo o curso de Ciências da Religião e para minhas escolhas futuras.

Muita coisa que aprendemos na escola é esquecida com o tempo, pois não a praticamos. Com as orientações dadas pelos livros lidos através do PIBID vejo que tais conhecimentos se fixam de forma a não serem esquecidos posteriormente. Dúvidas que temos ao escrever podem ser sanadas pela prática de se ler; agora entendo que ler melhora a escrita, pois a leitura torna nosso conhecimento mais amplo e diversificado. Hoje sinto mais segurança em fazer um resumo e entendo a diferença entre resumo e resenha. Tenho ainda dificuldades de interpretação da leitura, acredito que isso se dá pelo fato de ter passado tanto tempo longe dos livros.

Em seguida, comecei a ler as *Aventuras Extraordinárias dos três mosqueteiros de pau*. Este livro é ótimo, iniciei sua leitura também no mês de maio, escrito por Fergan Di Ferenzona (2006). Um clássico nacional, estou achando muito interessante, é muito parecido com o clássico *Dom Quixote de La Mancha* (adoro as aventuras de Dom Quixote) histórias engraçadas e fantasiosas envolvendo seres encantados, monstros, castelos, piratas... Enfim, sempre é muito divertido de ser lido.

Adorei.

Os três mosqueteiros foram à sala busca a herança para ser dividida entre eles. Trouxeram para o quarto tudo quanto tinha pertencido aos desventurados cavaleiros. Com grande alegria, começaram a abrir as malas, nas quais encontraram de tudo: armas, roupas, pedras preciosas e, por fim, um saco de moedas de ouro. À vista de tanto dinheiro, os mosqueteiros começaram a dançar uma valsa diabólica de sua própria invenção, e com tal algazarra dançavam, que o dono d casa veio ver se eles estavam doidos. (FERGAN, 2006, p. 22).

Os contos são ótimas ferramentas para trabalhar com o Ensino Religioso, pois trata dos valores e sentimentos negativos e positivos, a dedicação ao outro, amizade, sonhos. Permite que o professor trabalhe com os alunos a importância da amizade e da boa convivência e o respeito ao diferente.

Em agosto, comecei a ler *Contos e lendas do Egito Antigo*. Escrito por Brigitt Évano (1998), com ilustração de Marcelino Truong e tradução de Eduardo Brandão, é um livro muito bom de ler, porque conta a vida dos Deuses egípcios, dos faraós e dos homens comuns, histórias de um passado distante, mas muito parecido com os dias atuais. Histórias que contam o surgimento de grandes civilizações e que são hoje narradas de formas bastante divertidas, que nos levam a fazer uma maior reflexão sobre o sagrado e sua importância na vida das pessoas. Dessa obra, registro a seguinte citação:

O Deus de cabeça de falcão recebe as insígnias de seu cargo: a coroa branca, que representa a sabedoria dele sobre a terra do Egito inteira, e um disco de ouro com plumas multicores em volta, símbolo de sua vitória sob Set, o deus vermelho. (ÉVANO, 1998, p. 63-64)

No final do livro, existe um dossiê em quadrinhos que narra a importância do Nilo, como se dividiam as classes sociais e como estas se organizavam em sociedade, além de ilustrar diversos deuses. Tudo me faz reconhecer a riqueza cultural de um povo até então desconhecido por mim e me atizou a curiosidade para saber mais sobre seus costumes e crenças e também como vive o Egito atual, e qual a relação desse povo com seus antigos deuses. Creio que é necessário um maior aprofundamento literário da minha parte em relação à cultura desses povos, tenho certeza que será muito gratificante entender melhor toda essa riqueza cultural e religiosa, entendo que as crenças religiosas dos antigos egípcios tiveram uma importante influência no desenvolvimento da sua cultura, embora nunca tenha existido entre eles uma verdadeira religião, no sentido de um sistema teológico unificado. Como se sabe, a fé egípcia baseava-se em diversos mitos antigos, no culto à natureza e a inumeráveis divindades.

Religião do Egito Antigo – minhas aprendizagens mais recentes

Em agosto de 2014 dei início à leitura do livro de Moustafa Gadalla, intitulado *Cosmologia Egípcia* (2013). Maravilhoso! Cada vez mais me encanto com tudo que vem do Egito. O povo egípcio tinha, porém, como guia o *Livro dos Mortos*, o qual lhe orientava e guiava na estrada que o conduzia a Osíris,

ajudando-o a transpor todos os desafios e as adversidades que os separavam da esfera de venturas; seguindo suas instruções, ele se transformaria em um Espírito Santificado. Era um estímulo para os egípcios saberem que as divindades também detinham imperfeições e qualidades inerentes ao Homem, com a diferença de que eram mais sábios e poderosos. Um dos pilares dessa religião é acreditar na vida após a morte, ou melhor, dizendo, na imortalidade. Através dessa ideia, nós podemos entender o porquê da mumificação, que era uma maneira de conservação dos corpos.

No mês junho, comecei a ler o livro *Religiões da Humanidade*, escrito pelo Pe. Waldomiro O. Piazza (1977). Esse livro faz uma síntese das diversas religiões existentes, atentando aos dados mais característicos de cada religião estudada. Nesse sentido, o autor faz uma reflexão sobre a ideologia ou mensagem de cada religião, de forma positiva, por entender que o fenômeno religioso, como fenômeno iminentemente humano, merece uma reflexão interessada. Dessa forma, Piazza agrupa as religiões em quatro grandes sistemas, conforme o seu significado mais profundo, e hoje universalmente aceito: Religiões de Integração, de servidão de libertação e de salvação. Abaixo, esquematizei assim minha compreensão desse texto:

- Religiões de Integração: encontrada entre os povos primitivos, nos quais a organização social vai além da forma tribal;
- Religião de Servidão: aquelas em que os deuses aparecem como grandes senhores do céu, da terra e das regiões inferiores, as quais os homens devem serviços e homenagens, em troca de benefício imediato;
- Religião de Libertação: comum a muitas religiões, apresentada de diversos modos em conformidade com a concepção geral do mundo;

Depois, anotei mais essas características:

- no monoteísmo, a libertação tem sentido moral, pois depende da observância de certos mandamentos divino (judaísmo);
- no panteísmo, a libertação tem sentido cósmico, pois depende da identificação do homem com a divindade (hinduísmo);

- no monismo, a libertação tem sentido psicológico, pois depende do esforço do homem para superar as contingências de sua natureza (budismo).

Segundo o autor,

Em todas as religiões aparece a crença na vida além-túmulo como resposta a vários problemas humanos todos ligados ao fenômeno da transcendência pessoal do homem. Isto é, o homem tem consciência de que é um fenômeno complexo, pois participa em muitos sentidos da realidade físico-biológica dos animais, mas também os supera por sua capacidade de ordenar esta realidade segundo certos interesses racionais e certas normas éticas. (PIAZZA, 1977, p.422).

O PIBID me abriu um leque de conhecimento que veio a somar e contribuir para o fortalecimento da minha aprendizagem pelo fato de ser muito importante para o Curso de Licenciatura em Ciências da Religião, pois permitiu a nós, discentes, antecipar as experiências da docência, e assim nos deu condições de avaliar possíveis problemas que iremos enfrentar, quando estivermos efetivamente em sala de aula. O que está sendo bom são os conhecimentos construídos, com a leitura de todos os autores e obras que tive a oportunidade de pesquisar, além das várias estratégias que podem ser aplicadas em sala de aulas com os alunos. Cosson foi um dos autores lidos que defende o ensino da literatura na escola básica, da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas; cabe ao educador fazer uma exploração no sentido de promover o interesse do aluno pela leitura e para a mobilização dos conhecimentos produzidos no espaço escolar e também nos espaços da formação docente.

Como *yalorisá* (mãe de santo) de religião de matriz africana, percebo a grande contribuição da religião do candomblé como englobador dos eixos temáticos do Ensino Religioso, pois encontramos o Ethos, o Sagrado, a Ética e a Cultura. Diante das diversas leituras aqui citadas neste diário, estou conseguindo ao longo do curso, desenvolver melhor a leitura e a escrita, pois como já havia citado antes, há muito tempo estava fora das salas de aulas, e o curso de Ciências da Religião tem sido de grande valia no meu desenvolvimento acadêmico e pedagógico.

Como alguém que veio do campo, vivenciando conflitos diversos e

momentos que deram diferentes rumos à vida, e, diante de tudo aqui por mim exposto, concluo que este momento da minha vida junto às experiências e oportunidades que a formação docente está me proporcionando, veio como um divisor de águas. Certamente, ao final do curso, estarei mais fortalecida, pois alcançarei resultados exitosos e transformadores não apenas na minha vida acadêmica, pessoal ou religiosa, mas também como profissional da educação que pretendo ser.

Referências

BRIGITT, Évano. **Contos e lendas do Egito Antigo**. Tradução de Eduardo Brandão – São Paulo: Companhia de Letras, 1998.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: contexto, 2007.

FERGAN, Di Ferenzola. **Aventuras Extraordinárias dos três mosqueteiros de pau**. São Paulo, 2006.

GADALLA, Moustafa. **Cosmologia Egípcia – O Universo Animado**. São Paulo: Editora Madras. 2013.

MACHADO, Anna Rachel. **Diário de leitura: a introdução de um novo instrumento**. São Paulo: Martins fontes, 1998.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADO, Eliane; SANTOS-ABREU, Lília. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOTTA-ROTT, Désireé; RABUSKE, Graciela. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

PIAZZA. Pd. Waldomiro O. **Religiões da Humanidade**. São Paulo: Editora Loyola. 1977.

Diário de leituras - Contar meus contos



Francinete Alves de Medeiros

Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.

Paulo Freire

Eu iniciei a escrita deste diário no início do semestre de 2014.1 com a chegada dos livros base que orientam o início da proposta do PIBID Ensino Religioso – Ciências da Religião/UERN. São eles: *Letramento literário*, *Diário de leituras*, *Leitura*, *Produção Textual na Universidade* e *Resumo*.

Essa experiência com o Diário de Leitura veio para contribuir com a formação do docente em Ciências da Religião, que ministrara as aulas de Ensino Religioso. Utilizei como referência para o modelo de estrutura do meu diário, as referências das páginas 172 e 177 do livro de Anna R. Machado.

Iniciei o diário de leituras com a obra de Rildo Cosson, *Letramento Literário*. Rildo Cosson é mestre em Teoria da Literatura, doutor em Letras e pós-graduado em Educação. Foi professor da Universidade Federal do Acre, Universidade Federal de Pelotas e Universidade Federal de Minas Gerais. É autor de diversos livros, entre os quais *Letramento literário: teoria e pratica*, pela Editora Contexto. Tem organizado livros, publicado artigos e participado de congressos nacionais e internacionais sobre letramento político e letramento literário. Atualmente é professor do Programa de Pós-graduação do Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (CEFOR) da Câmara dos Deputados, e pesquisador do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Faculdade de Educação da UFMG.

Na introdução de seu livro, *Letramento Literário*, Cosson (2007) narra uma fábula que conta a história de um imperador da China que volta de uma longa

e estafante batalha. Preocupado com o futuro do seu império, preocupa-se em encontrar um sucessor, pois já estava velho.

O livro trata diretamente do entendimento do gênero literário, para a formação de docentes. Cosson atua com demonstrações de exemplos para um entendimento do que é, e onde encontrar o gênero literário. Como a literatura está presente nos mitos, nos contos, e nas lendas, a identificação desse gênero é de suma importância para a formação de qualquer docente. Além da literatura contida nos textos, Cosson nos instiga ao fato de podermos trabalhar a interdisciplinaridade com a língua portuguesa.

Independente da estratégia usada para introduzir a obra, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos alunos. Aqui vale a pena levar a turma a uma biblioteca para a retirada do livro diretamente da estante. Se os livros não estão na biblioteca, mas sim na estante da sala de aula, pode-se fazer uma pequena cerimônia para separar a leitura daquela obra das atividades usuais. Nos casos em que se usa uma cópia ou reprodução, convém deixar os alunos manusearem o original do professor. (COSSON, 2007, p. 60).

Na vivência prática com PIBID em sala de aula, a professora Fátima, da escola onde estou atuando como bolsista, explorou na íntegra o letramento literário, tanto em suas oficinas pedagógicas, como em sala de aula com as leituras dos textos com temática de Ensino Religioso, como foi o caso com o Islamismo, quando utilizou a exibição do filme *O príncipe do deserto*, mas com um olhar literário à luz das Ciências da Religião em toda a sua narrativa.

No mês de maio de 2014, iniciei a leitura da seguinte obra *Contos de Fadas*, de autoria de Charles Perrault. Nascido em Paris no dia 12 de janeiro de 16 de maio de 1703. Foi um escritor e poeta francês do séc XVII, que estabeleceu bases para um novo gênero literário, o conto de fadas, além de ter sido o primeiro a dar acabamento literário a esse tipo de literatura, feito que lhe conferisse o título de “pai da literatura infanto juvenil”. Suas histórias mais conhecidas são *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O Gato de botas*, *Cinderela* e *O pequeno polegar*. Contemporâneo de Jean de La Fontaine, Perrault também foi advogado e exerceu algumas atividades como superintendente do Rei Luiz XIV de França. A maioria de suas histórias ainda hoje são editadas, traduzidas e distribuídas em diversos meios de comunicação, e adaptadas para várias

formas de expressão, como o teatro, o cinema e a televisão, tanto em formato de animação, como de ação viva.

Com isso, destaco que:

- (1) O livro de Perrault trata sobre contos de fadas;
- (2) A leitura é prazerosa;
- (3) Seus contos são conhecidos mundialmente, dentre eles meus preferidos são: O Gato de Botas, Pele de Asno e A Bela Adormecida.
- (4) Ler seus livros é uma viagem direta para à infância
- (5) O livro não chega a 100 páginas, e sua linguagem está muito bem compreensiva.
- (6) Li o livro em dois dias, pois tive que alternar sua leitura com outros livros, pois estou com uma lista enorme de obra para ler.

Essa obra trata de um tema bastante interessante para quem é aluno de Ciências da Religião. Isso porque, segundo esse autor, a ideia de conto e fábula é um excelente instrumento de apoio pedagógico ao futuro docente.

O conto de *fadas*, encontra-se em uma época mítica, em que essas criaturas mágicas faziam parte do imaginário de toda uma era, e que até mesmo em dias atuais em algumas regiões do mundo, ainda é possível encontrar pessoas que creem nessa magia e encantamento. Com isso, é possível lançarmos uma visão de mito e magia, a qual interessa ao Cientista da Religião. Em nossos estudos na academia, temos uma variedade de autores que trabalham o conto mítico na formação das sociedades e dos costumes, com isso, esse pequeno volume de Perrault traz essa contribuição para minha formação leitora, mas de forma literária. Assim, encontrei subsídio para trabalharmos esses mitos e fábulas com os temas transversais e pensei, que por ser de fácil interação, pode ser lido para os alunos do Ensino Fundamental I e II.

Em junho, comecei a ler o livro *Manual de Orientação: estágio supervisionado*, para a elaboração do meu relatório de estágio, para a disciplina de Estágio Supervisionado I, ministrada pela docente Maria Augusta Torres, minha orientadora de estágio.

A autora dessa obra indica que:

O estágio, quando visto como uma atividade de que pode trazer imensos benefícios para a aprendizagem, para a melhoria do ensino e para o estagiário, no que diz respeito a sua formação,

certamente trará resultados positivos. Estes tornaram-se ainda mais importantes quando se tem consciência de que as maiores beneficiadas serão a sociedade e, em especial, a comunidade a que se destinam os profissionais egressos da universidade. (BIANCHI, 1998, p. 16).

Muito interessante essa citação, pois combina com a fase que justamente vivo agora no PIBID.

Iniciei em julho a releitura do livro *Resumo*, de Anna Rachel Machado. Que prazer em lê-lo novamente!

Publicado entre 2004 e 2007, a *Coleção Leitura e Produção de Textos Técnicos e Acadêmicos* de autoria de Anna Rachel Machado, é composto por quatro volumes e tem como principal objetivo suprir a falta de material didático disponível para produção dos gêneros textuais mais utilizados na escola e no meio universitário. O primeiro volume, *Resumo*, refere-se à leitura e à produção de resumos, gênero muito utilizado, tanto no ensino médio como em diferentes atividades acadêmicas e profissionais. Vamos às minhas análises e considerações: Livro fininho, de cor verde com bege, de apenas 69 páginas, mostra e discute o gênero resumo de uma maneira bem legal.

Eu já o conhecia, ele foi apresentado pela minha professora de *Leitura e Produção de Textos*, a professora Klébia, em meu outro curso, na ocasião, Pedagogia. Quando comecei a lê-lo, me perguntei: *acho que já li este livro*, então recorri a meus arquivos de Pedagogia, e lá estava a Xerox dele que a professora mesmo dia em que ele chegou, assim que fui buscá-lo na livraria Saraiva, ele foi meu companheiro dentro do ônibus. Esse livro trouxe uma nova aprendizagem para minha formação, com sua elaboração do passo a passo para o resumo, esse pequeno volume me foi de grande valia. Essa obra está me ajudando na elaboração dos meus resumos acadêmicos, pois nela, estão contidas instruções do passo a passo para a elaboração de um bom resumo. Como por exemplo, os gêneros acadêmicos, a sumarização, a compreensão e avaliação da escrita no corpo do resumo. Todos esses, somados, enriquecem o conhecimento e a experiência na elaboração desse gênero acadêmico tão presente em nossas vidas. E ainda irá me servir e muito porque no ritmo acadêmico, é constante a solicitação de desse gênero, seja nos estágios ou em atividades avaliativas das disciplinas, e, portanto, essa obra serve-nos como guia para não perdermos a sintonia daquilo que lemos com o que temos de dizer sobre o que lemos.

Quando cheguei em casa, vi que tinha usado junto com o livro *Redação Científica*, de Medeiros. Li o livro e realizei os exercícios e o guardei em minha biblioteca. Resumindo: *Resumo* - amei o livro, melhor que a Xerox!

Ainda em junho, fiz uma releitura do livro de Durkheim, *Dizer o nome do livro*, para uma melhor compreensão do componente curricular de Práticas celebrativas, ministrado pelo Mestre Jocafi Filho, no sétimo período desta licenciatura. O objetivo principal da disciplina é fazer com que o discente construísse e vivenciasse, na prática, a vivência com práticas de várias religiões. Para mim, um autor fundamental na construção desse entendimento é Durkheim, como neste seu volume, ele trata da construção da sociedade, isto me ajudou na reflexão e entendimento de como as sociedades através de seus processos socioculturais, chegaram ao exercício das praticas celebrativas.

Durkheim é considerado o pai da sociologia, tendo sido fundador da escola francesa, posterior a Karl Marx, que combinava a pesquisa empírica com a teoria sociológica.

Educação é a ação exercida sobre as crianças pelos pais e professores. Tal ação é constante, geral. Não há período na vida social e nem mesmo, por assim dizer, momentos durante o dia em que as novas gerações não estejam em contato com os mais velhos e, por conseguinte, não recebam influencia educadora. Esta não se faz sentir só nos breves instantes em que pais ou professores comunicam conscientemente, por meio do ensino propriamente dito, os resultados de suas experiências. (DURKHEIM, 2010, p. 59).

Que livrinho gostoso! Durkheim foi muito feliz ao elaborá-lo. O livrinho não sai da minha bolsa. Como ele é *um livro pocket*, posso carregá-lo para todo canto. Este tem sido meu companheiro no ônibus. O livro e obra de Durkheim nos levam à reflexão da sociedade, e nos dão o norte de como as sociedades chegaram ao que são hoje. Mesmo tendo sido escrito há mais de cem anos, este livro secular é o que vivemos hoje, tanto na sociedade escolar, quanto na sociedade capitalista, pelo fato de que suas ideias fazem parte dessas realidades. Anotei essa citação da obra:

Se o objeto de estudo da sociologia são esses fatos sociais, então a educação constitui-se em dimensão fundamental da análise sociológica: é um fato social, coletivamente produzido, que ultrapassa as escolhas e preferências pessoais. Deve, então, como todos os outros fatos sociais, ser estudada como coisas realidades externas ao indivíduo, cujas características, necessidades e funções não coincidem necessariamente com o que pensamos sobre elas, resultantes de nossos desejos, do senso comum, dos nossos preconceitos e sentimentos. (DURKHEIM, 2010, p. 11).

Por fim, creio que minha experiência como leitora tanto no curso de Ciências da Religião quanto como bolsista do subprojeto Pibid rendeu uma aprendizagem significativa para minha formação pessoal e profissional, porque me possibilitou colocar algumas leituras em dia, pois já estava com muitas acumuladas. Gosto muito de comprar livros sempre que posso, pois a cópia, me deixa desconfortável, como aprendi com uma outra professora minha, a professora Suzyneide S. Dantas: os fragmentos retirados de livros não conseguem construir nosso referencial teórico, e nada se compara a ler o livro na íntegra. E tenho hoje, também mais uma professora musa inspiradora que, para mim, em particular, devido minha experiência com a professora Susy, veio a reforçar e me fazer descobrir novos caminhos, e a olhar novos horizontes, com certeza, todos temos muito a agradecer pela dedicação e empenho da Doutora, prof.^a Araceli Sobreira. Para mim, a experiência em participar de todos os benefícios que o programa proporciona a seus discentes, *é a cereja do bolo*.

Essa experiência como bolsista do PIBID está sendo muito importante em minha formação como futura docente do Ensino Religioso, pois a vivência antecipada em sala de aula, a convivência com outros colegas de períodos diferentes, as leituras feitas no ambiente da licenciatura e em casa, as atividades proporcionadas pelo projeto, como a produção de artigos, e a participação em eventos científicos, vêm enaltecendo a formação docente e enriquecendo o meu currículo.

Referência

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.
PERRAULT, Charles. **Contos de fadas**. 2 ed São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

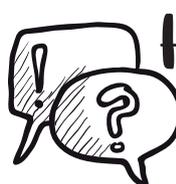
MACHADO, Anna Rachel. **Diário de leitura:** a introdução de um novo instrumento. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia da Educação.** São Paulo: Hedra, 2010.

BIANCHI, Anna Cecília de Moraes. **Manual de orientação:** Estágio supervisionado. São Paulo: Pioneira, 1998.

MACHADO, Anna Rachel. **Resumo.** São Paulo: Parábola editorial, 2004.

Ler e Aprender: uma experiência de formação acadêmica/profissional e pessoal

 **Hugo Marcelino Silva do Nascimento**

Não conheço nenhuma fórmula infalível para obter o sucesso, mas conheço uma forma infalível de fracassar: tentar agradar a todos.

John F. Kennedy

Sou Hugo Marcelino Silva do Nascimento, aluno do curso de Ciências da Religião, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Ciências da Religião/UERN – do Subprojeto *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leituras e material pedagógico para o Ensino Fundamental*.

Irei descrever um pouco da minha formação, enquanto leitor literário, e um pouco da minha perspectiva a partir da nova visão construída na vivência como bolsista do subprojeto do Curso de Ciências da Religião/ UERN.

A Leitura literária esteve pouco presente em minha vida, mas foi de forma significativa a sua entrada. O primeiro passo realmente que me lembro e resgato de maneira significativa que dei, foi quando, na 4^o série do antigo Ensino Fundamental I, ganhei minha primeira coleção do projeto do Governo Federal *Literatura em minha casa*. A partir desse primeiro incentivo, a professora realizava troca das coleções dos livros entre os alunos, e toda semana escolhia um livro para a leitura coletiva em classe. Até gostava das trocas. Certo dia, ela obrigou todos a lerem um livro para contar a história, lembro que foi a maior tortura.

Em uma manhã, li uma novela dessa coleção, mas se me perguntassem o que saberia do livro, do que se tratava, nem poderia responder. Foi uma espécie

de leitura obrigatória, as primeiras de muitas ao longo da minha trajetória. Mas, nessa mesma época, havia pequenos textos que eu gostava de ler, era uma coleção de clássicos bíblicos. Cada vez que minha mãe visitava o Alecrim⁶, eu pedia para ela trazer um clássico desses. Gostava de ler, porque a história era curta e tinha muitas gravuras e ficava com a imaginação fértil de como teria sido realmente aquele episódio. Ainda guardo alguns livros dessa coleção até hoje em casa, mas como recordação do que leitura. Até então, como já mencionado, a leitura literária tomou um espaço pouco significativo na minha vida, tornando-se mais por práticas obrigatórias do que pelo prazer próprio.

Em outro período da minha vida, tive mais uma experiência com coleções de livros literários. Certo dia no ano de 2012, ao navegar nas redes sociais pela internet, vi através de um perfil de uma amiga, que ela tinha solicitado uma coleção de livros literários do banco Itaú, *Coleção Itaú de livros infantis*. No mesmo momento, fui procurar saber como faria para adquirir a coleção e, assim, logo mais chegou à minha casa. O livro não foi pensado tão somente para minha leitura, mas sim na expectativa da oportunidade de poder trabalhar, no futuro, com as crianças em sala de aula, ou em alguma oficina. Achei o máximo essa ideia da Fundação Itaú Social, de poder sonhar com um Brasil mais leitor, de proporcionar uma criança leitora através desse belo projeto.

Retrocedendo um pouco no tempo, um dos livros que recordo que li por obrigação, foi no ano de 2008, indicado pela professora de Língua Portuguesa, que se encarregava de passar também literatura no 2º ano do Ensino Médio. Hoje percebo que essa forma de vivenciar a literatura em sala de aula, era para sanar a deficiência das faltas das aulas da carga horária de conteúdo de cunho literário. Isso porque, como ela se encarregava de ensinar as duas disciplinas, preocupava-se mais em passar as regras gramaticais de Português do que a Literatura.

Uma outra dessas ocasiões da leitura por obrigação em minha vida foi da leitura para o Vestibular; nessa época já estava no terceiro ano do Ensino Médio e me lembro de uns dos livros que li, foi *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, pois estava em edital para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, que acabei nem chegando a fazer, e, daí, fui prestar vestibular da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –

⁶ Bairro de Comércio Popular da cidade de Natal/RN.

UERN para o curso do qual faço parte atualmente.

Após esses episódios, procurei pela leitura de livros que trouxessem algo de retorno pessoal para mim; adorava sessão de autoajuda. Foi então que conheci autores como César Romão e Augusto Cury. Nesse exato ponto em que estava, não lia nada mais de cunho literário, somente leituras que se remetessem ao mundo acadêmico.

Porém, com o início do subprojeto PIBID do Curso de Ciências da Religião, e minha inserção nele, neste ano de 2014, pude perceber, através das atividades propostas, que não teria como evitar esse recomeço literário em minha vida.

Apesar de, no início, não achar tão simples, no processo de encontros de formação com os alunos e a professora coordenadora, à medida que ela ia explicando, eu imaginava que não daria conta da quantidade de atividades que eram propostas. Mas tudo deu certo, pois ela deixava espaço e tempo, na Universidade, para nos organizar na leitura e, em casa, formei o meu próprio horário para ler também.

O meu horário preferido era à noite, depois das 23h, pois já não havia tanto movimento dentro de casa, e nem na vizinhança. Tive bastante tempo para ler no recesso do meio do ano, em junho, período de Copa do Mundo que foi realizado em nosso país e na minha cidade Natal/RN. Apesar de ter passado por problemas pessoais, com problemas de saúde e a perda da minha avó paterna, consegui dar conta das propostas de leituras.

Daí, aos poucos, fui entendendo a necessidade dessa postura de formação de um novo leitor, para poder dar total sentido ao projeto ao qual estava sendo inserido.

Diante de todo esse contexto, procurei caminhos para mudar a minha realidade de prática leitora. E objetivei o enriquecimento da construção do saber, através desse processo do novo mundo de aprendizagem em que estava entrando. A partir desse momento, entendi que esse novo saber era importante para mim, não somente para a parte como profissional do Ensino Religioso que almejo ser, mas o quanto também é válido para a vida pessoal esse despertar da curiosidade do mundo através da leitura. Ressalto, nesse ponto, a importância da prática de leitura para os profissionais da Educação, porque a leitura instiga a pesquisa, sendo ela a entrada principal para o conhecimento. Com esses fatos

descritos, compreendi bem o significado da leitura como processo inicial para formação do cidadão. Sendo assim, percebi ainda que em mim foram geradas a oportunidade e a capacidade de poder aprender a trabalhar em sala pelo desenvolvimento de boas estratégias metodológicas para formar novos leitores no ambiente escolar, através das práticas de formação que o projeto PIBID em mim plantou.

As minhas leituras acadêmicas foram iniciadas através de um dos livros de formação indicado pela professora coordenadora, *Resumo*, de Anna Rachel Machado, Eliane Gouvêa Lousada e Lília Santos Abreu-Tardelli (2004). Enquanto os demais livros encomendados por mim, para a formação teórica do projeto não chegavam, fui fazendo uma leitura geral dessa obra.

Após a chegada dos demais livros aguardados, que eram *Produção Textual na Universidade* de Désirée Motta-Roth, Graciela Hendges Rabuske (2010), e *Letramento Literário*, de Rildo Cosson (2014), entendi melhor, nesse período, entre o mês de junho e julho de 2014, a necessidade de uma preparação leitora para a atuação enquanto bolsista desse projeto. Neste trecho, Rildo Cosson, autor de *Letramento Literário* retrata a sua visão de leitura, dizendo que

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e espaço (COSSON, 2014, p. 27).

Com essa afirmação, chamo a atenção para minha própria experiência leitora, em que ler não foi um papel totalmente passivo, mas, sim, uma colocação ativa, pois, nesse contexto prático, construí alguns sentidos meus em relação à leitura, como a captação de novas ideias, baseadas na relação de sentindo e até sentimentos, entre autor e leitor, e a reflexão final das obras, crescendo como leitor.

Um dos livros que li, de sentindo religioso, do qual também irei falar mais adiante, pude refletir em qual nível minha vida, meus sentimentos estavam ligados ao *sagrado*. Essa, para mim, foi uma das experiências mais significativas durante essa prática, como leitor, no projeto, fazendo dessa uma prática reflexiva. No trecho, abaixo, Cosson continua a descrever a experiência de leitura, explicando

que

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz a passagem de sentidos entre um e outro. (COSSON, 2014, p. 27).

Durante a parte em que colocamos nossas ações/atividades do projeto em prática na comunidade escolar, percebi que é necessário que nossos alunos venham interagir com a leitura total dos textos. Pelo fato de concordar com Cosson, o qual indica que “[...] devemos ter sempre em mente que a leitura literária é um processo que vai se aprofundando à medida que ampliamos nosso repertório de leitura [...]”. (COSSON, 2014, p. 115). Dessa mesma maneira, compreendo que os textos devem ser completos, não pequenos fragmentos, e devem ser pensados em uma perspectiva conjunta à escrita dentro e fora do contexto escolar. Compreendo que, assim, o leitor apreende diferentes tipos de textos e de linguagem literária, estabelecendo relações entre elas, fazendo uso da leitura e da escrita como prática social. É, nesse sentido, que a leitura de Letramento literário mudou nossa visão de mundo, porque seu autor compreende que:

No exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais Intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção. (COSSON, 2014, p.17).

Desse modo, justifico, em minha vida, as leituras preferenciais pelos clássicos infantis, a partir daquilo que aprendi nesse novo espaço de leitor-professor em formação. Aquelas obras remetiam-se à magia e ao encantamento do mundo encantado, criativo a que essas leituras podem encaminhar, mesmo para leitores em fase adulta.

Ainda dialogando com esse pensamento de Cosson e com a experiência em sala, vivenciada a partir do início do mês de setembro 2014, na Escola Municipal Professora Ivonete Maciel, sob a supervisão da professora Themis Mello, membro também do subprojeto de Ciências da Religião, pude perceber

que o contato dos alunos com as atividades propostas, através do tema estudado e planejado para entrar em sala de aula – Mitologia Nórdica –, fez-se um trabalho muito significativo para letrar literariamente a criança. Essa forma didático-metodológica, por sua vez, deixou as aulas de Ensino Religioso mais dinâmicas, avaliado, assim, pela professora de sala, nas suas falas com o grupo, ou quando os alunos iam ao seu encontro pelos corredores da escola e a questionavam de quando seria a próxima aula, extremamente ansiosos.

Essas práticas no ambiente escolar possibilitaram a um processo de letramento não somente com texto, mais também através das oficinas para maior absorção da temática trabalhada com os alunos.

Isso justifica o papel do professor no processo de inserção de práticas leitoras no mundo escolar, conforme ainda indica Cosson (2014). Para ele, “[...] o professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final” (COSSON, 2014, p. 26).

A partir da temática trabalhada da mitologia nórdica, foram realizados juntamente com a professora coordenadora de sala, os procedimentos necessários para aplicação das atividades/oficinas, após a exposição das narrativas míticas. Atividades estas como jogo dos sete erros e a apresentação do filme *Thor* (BRANGH, 2011), trabalhado comigo em turmas dos 4º e 5º anos.

Tudo foi voltado para a interpretação do fenômeno religioso em sua dimensão mítica, buscando aplicar os valores contidos nessa narrativa, temática para a formação social e educativa do aluno.

Nesse sentido, Cosson (2014, p. 103) propõe:

É importante que o professor também tenha em mente que seu propósito é promover o letramento literário, mostrando o seu aluno um caminho de leitura que poderá ser transposto para tantos outros textos que ele venha a ler mais tarde ou julgar necessário.

Entendo que ele sugere que se trabalhe a interdisciplinaridade em sala através dos textos literários. Nesse contexto literário, vejo que é uma tarefa para todos aqueles profissionais da Educação, incluindo os profissionais de Ciências da Religião que atuam com o Ensino Religioso, que trabalham com leitura e escrita, desenvolver práticas de leitura a partir de uma aproximação significativa

com os livros, com atividades interessantes, que despertem o interesse, a curiosidade e o prazer para a leitura, não deixando somente para os professores de Língua Portuguesa ou de Literatura essa tarefa.

Desse modo, entendo também que “[...] A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos” (COSSON, 2009, p. 17). Nessa perspectiva, citada por Cosson, acredito que foi essencial à minha experiência como bolsista, ampliar minha visão sobre o tema estudado e trabalhado com o grupo e nas minhas práticas de leituras pessoal. Foi um trabalho árduo se pensar em me tornar leitor ativo, principalmente por quem não tem essa prática antes. Entretanto, aos poucos, a ideia foi sendo introduzida em meu cotidiano e tomou forma para mim.

Como resultado dessas leituras para essa formação, como leitor e como pesquisador, foi a contribuição que tive dessa aprendizagem para a escrita do artigo científico *Uma construção metodológica para o Ensino Religioso: o mito do roubo do mjiöllnir de Thor*⁷, entre o mês de agosto e o início de setembro de 2014, em parceria com o grupo supervisionado pela professora Themis. Posteriormente, a professora e eu apresentamos os resultados dessa ação no Seminário Nacional de Formação para professores de Ensino Religioso, evento realizado em Belém do Pará, no mês de novembro.

Toda a preparação para essa experiência acadêmica foi orientada, primeiramente, pela leitura de *Conto e Lendas dos Vikings*, de Lars Haraldson (2006). A experiência desse autor foi fundamental para estabelecer uma compreensão ativa com a temática da obra. Assim, ele comenta sobre sua formação: “Sou historiador. Estudei as artes e tradições dos povos nórdicos que dominavam a Europa entre 800 e 1050 da nossa era: os vikings” (HARALDSON, 2006, p. 219).

Nesse livro, são mostradas narrativas mitológicas nórdicas, as quais retratam sagas e contos apresentados num passado distante e fabuloso, cujos personagens não pertencem ao mundo cotidiano, racional. O livro é composto por 12 Contos, um mapa, posfácio e a bibliografia. Selecionei o seguinte enunciado da obra, que registra a descrição do panteão nórdico, segundo as suas tradições religiosas:

⁷ Comunicação apresentada durante o Seminário Nacional de Ensino Religioso – em Belém, na Universidade do Estado do Pará, cujo texto final foi publicado nos Anais do Evento.

No tempo dos Vikings, o mundo dos deuses era intimamente ligado ao mundo dos homens. Os deuses eram muito numerosos: Odin, um velhote caolha de barba branca e comprida, pai de todas as divindades; Thor, deus do trovão, temido por seus acessos de cólera; Tyr, o deus da guerra, que não hesitou em sacrificar a própria mão para salvar seus amigos de uma criatura pavorosa... E muitos outros mais (HARALDSON, 2006, p. 7).

Muitas das aventuras, dessa mitologia eram contadas oralmente, até quando foram compiladas no livro de *Edda em Prosa*, de Snorri Sturluson (1179 - 1241).

Também li a pesquisa científica de Boulhosa (2004), *Breves observações sobre a Edda em Prosa*, para elaborar o trabalho acadêmico que seria o resultado de uma de nossas ações pedagógicas como disse acima. Segundo esse autor, essa obra – *Edda em Prosa* – é considerada hoje de uma autoria incerta, estabelecendo a ideia do texto original. Segundo o autor: “[...] Todas as edições modernas da *Edda* em prosa baseiam-se na ideia do “texto original” e nenhuma delas reflete o testemunho dos manuscritos medievais, que apresentam textos muito diferentes entre si [...]” (BOULHOSA, 2004, p. 14). [Grifos do autor].

A Mitologia Nórdica pertence à cultura dos povos escandinavos que se encontravam na Islândia, Noruega, Suécia, Irlanda e Norte da Alemanha. O artigo *Religião e magia entre os Vikings: uma sistematização historiográfica* mostra que sua devoção era realizada em ambientes que remetessem à natureza, como: “[...] bosques, fontes, poços, locais altos, montanhas” (LANGER, 2005, p. 61).

Com as leituras dos contos e dos artigos citados, entendi melhor como se estabelecia a mitologia e foi mais fácil levar para a sala de aula contos, como *O tesouro dos Deuses* retirados do livro de Haraldson. Esse conto destaca como, em certa vez, Loki aprontou com Sif a esposa de Thor, conhecida por seus lindos e longos cabelos louros. Loki com inveja de Thor e Sif, raspou o cabelo dela.

Trabalhamos também com o conto *O roubo do Mjölmir*; neste conto, Thor, o deus nórdico, fica furioso ao acordar e perceber que seu martelo não estava mais ao seu lado, sendo que este foi roubado por um gigante. Logo, Thor tira satisfação com sua esposa Sif, questionando: “Como?! Quem ousou roubar meu *Mjölmir*, meu martelo mágico? Vou quebrar a cabeça do larápio, se ele cair nas mãos erradas” (HARALDSON, 2006, p. 135).

Dessa forma, pude assimilar e compreender mais o mundo mitológico, para trabalhar em sala com a ajuda da professora supervisora do Pibid, os valores, as atitudes e a concepção de mundo dos povos nórdicos – tão cativante para as crianças de Ensino Fundamental.

A recepção das crianças e a curiosidade foram aumentando à medida que eles se envolviam com o mundo nórdico pela leitura dos contos. Elas queriam conhecer melhor outros personagens como Loki, irmão do deus Thor. Assim, estabeleci com a professora coordenadora, no nosso planejamento, de passar o filme *Thor* para essas turmas, com intuito de envolver mais os alunos nessa fascinante mitologia.

Para mim, também, além dos alunos, foi super construtivo assistir ao filme e compreender mais a visão desse mundo mitológico, o qual era, antes, totalmente desconhecido. Toda essa proposta do letramento com essa temática me mostrou uma nova visão sobre os deuses e a descoberta de uma nova mitologia, pois só conhecia, até antes de entrar no projeto, a grega.

Toda essa proposta teve como intuito final de letrar, como orienta Cosson (2014, p. 23): “[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. Com base nessa mesma afirmação, percebo o papel da universidade e das ações leitoras na minha experiência com o letramento acadêmico e literário, através do projeto do PIBID e do acesso aos demais livros lidos no período de abril a julho de 2014.

Outra leitura que fiz em agosto desse ano, na tentativa de entender melhor o Mito, foi *Mito e Realidade*, de Mircea Eliade (1972) – obra recomendada a todo estudante do Curso de Ciências da Religião. Através dessa leitura que, embora não tenha sido do livro completo ainda, mas sim somente dos capítulos iniciais, ajudou-me a entender que os mitos narram os acontecimentos primordiais, em consequência dos quais, o homem se converteu no que é hoje. Para o autor, “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1972, p. 9). Nesse sentido, compreendi que conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas.

Esse foi um dos conhecimentos mais complexos que li e que tive dificuldade de interpretar. Entretanto, ajudou-me a clarear alguns pontos que estava em

dúvidas para escrita do artigo científico.

As demais leituras de cunho literário descritas abaixo foram realizadas geralmente dentro do espaço do PIBID na Universidade e, outras, em casa.

A pequena sereia versão mini clássicos, obra lida em 05 de abril de 2013. O livro foi escolhido no primeiro momento da reunião na sala do PIBID, quando foi proposto o *Diário de Leituras*, como atividade de reflexão sobre a formação dos pibidianos. O livro é de fácil linguagem e compreensão e me chamou bastante atenção pelo fato de lembrar minha infância, pois conhecia a história por desenhos animados na TV. É considerado um clássico infantil e conta a história de quatro lindas sereias que viviam no fundo do mar com seu pai o rei Netuno.

A pequena princesa, ao tomar seu banho de sol, vê um barco e ela se aproxima dele, vendo um lindo jovem – Eric - que se afoga logo após a uma terrível tempestade; ela irá salvar a sua vida e apaixona-se pelo jovem.

Para resolver seu problema e vivenciar um grande amor, a sereia resolve procurar a bruxa velha do mar, para poder se transformar em humana e acaba sendo amaldiçoada pela bruxa que rouba a sua belíssima voz, transformando-se em uma jovem, numa tentativa de ludibriar o príncipe. O príncipe decide se casar com a jovem de bela voz e, quando a princesa descobre tudo, vai até ela, pega o colar que está com falsa princesa e, assim, quebra a maldição: a bruxa volta a ser o que era e a pequena sereia conta toda a verdade para o príncipe. Eles, então, decidem se casar e vivem felizes para sempre.

A grande lição desse conto por mim percebida revela a aceitação em sua verdadeira forma, também mostra a função dos pais de proteger os filhos por mais chato que pareça, pois ela só foi enfeitada pela bruxa por não obedecer a seu pai.

O mágico de Oz, leitura realizada em 15 de abril de 2014, faz parte da Coleção Clássico Infantis. Mesmo tendo como público alvo, as crianças, percebo que o conto tem um caráter alegórico e possui vários significados dizendo muito mais do que parece. O livro tem como estrutura uma linguagem simples e de fácil compreensão. Foi escolhido também no primeiro encontro de formação, na estante da sala do PIBID, e decidi ler porque ainda não conhecia a história toda, só tinha ouvido durante a minha vida, pequenas coisas sobre alguns personagens da obra, e não entendia a história.

O *Mágico de Oz* conta a história de Doroth, possivelmente uma órfã que vivia numa fazenda no campo com seus tios e seu cachorro chamado Totó. Num dia um furacão acaba por se centralizar bem sobre a casa de Doroth. Ela e seu cachorro foram se esconder debaixo da cama, sendo levados juntos com a casa por muito tempo pelos ares até chegarem à terra de Oz. Ao sair para procurar seus tios, a menina dá conta que está em outras terras.

Quando ela chega lá, encontra uma fada, e lhe explica que ela matou a Bruxa Má do Leste, ao aterrissar com sua casa em cima dela. Doroth apanha, então, os sapatos da feiticeira. Em seguida, a fada boa beija a garota na testa e aparece um círculo de proteção para que ela ficasse segura durante suas aventuras em direção à Cidade das Esmeraldas, que é onde o mágico de Oz vive. Ela precisa encontrar esse todo poderoso mágico para pedir que ele lhe ajude a voltar para sua cidade. No meio do seu percurso para chegar à Cidade das Esmeraldas, Doroth encontra outras três figuras incríveis: o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão Covarde. E esses três personagens se juntam à menina para também encontrar Oz e, cada um, pedir algo para ele: o Espantalho quer um cérebro para pensar como os homens, o Lenhador de Lata um coração para amar e o Leão Covarde quer coragem para ser o destemido Rei dos Animais.

No meio de tantas aventuras que o livro narra no fim, Doroth consegue, finalmente, chegar à sua casa com Totó, ao calçar os sapatos da bruxa má e bater o pé três vezes. Assim, retorna feliz para ficar junto com seus tios, lembrando com carinho de seus três amigos que ficaram no mundo mágico.

O *Mágico de Oz*, através da simplicidade (também de vocabulário), no desenvolver da história, passou para mim, grandes lições, a principal diz respeito à amizade posta como um pano de fundo na narrativa. Bem como também eu compreendi que às vezes a força para ter tudo o que você deseja está dentro de você ou no simples apoio dos amigos. Nenhum lugar, por mais sedutor e bonito que seja, é como o nosso lar.

Li ainda *Bom remédio*, em 24 de abril de 2014, obra escolhida no primeiro encontro de formação do PIBID. É um livro de fácil compreensão com pequenos textos em suas páginas aliados a ilustrações assim como também os demais livros que foram lidos e comentados já nesse diário, criando um universo de sensibilidade e de imaginação a mim leitor.

A leitura foi me conduzindo e resgatando lembranças do meu universo infantil. Essa obra me proporcionou um mundo maior de sentimentos, emoções e expectativas, quando o garoto já com o seu gato consultado vai fazer o que o *médico bacana* recomendara, assim como o garoto o intitula no final do livro, e faz a maior bagunça, mas vai valer à pena, pois curou seu animal do intestino ruim. A leitura, na visão de futuro professor, pode proporcionar um bom plano de aula sobre os animais, a importância deles para natureza e a valorização e o cuidado com todos, por ensinar o amor e o respeito aos bichinhos.

A leitura de *A cabana* foi realizada entre maio e junho desse ano. A escolha do livro foi de algum tempo depois, não foi no mesmo dia dos outros. O meu interesse por esse livro se deu pelo fato de ser um pouco mais denso e diferente dos outros e por de ter sido bastante comentado e vendido há certo tempo atrás. Esse livro está dividido em prefácio, dezoito capítulos, posfácio, uma parte dedicada aos agradecimentos do autor. Cada capítulo possui sob o título uma citação de autores distintos. *A Cabana* conta a história de Mackenzie Allen Phillips, casado com Nan, com quem teve cinco filhos: Jon, Tyler, Josh, Katherine e Melissa.

Logo no segundo capítulo, entendo que ele viveu muito tempo em um imenso mar de dor e sofrimento, ocasionado pelo sequestro, sumiço e possível morte de Melissa, sua filha mais nova, isso porque não houve enterro, pois não se tinha achado o corpo, somente houve um culto fúnebre em memória.

Certa manhã gelada de inverno, assim como é mostrado no capítulo I do livro, Mack recebe um misterioso bilhete, no qual "*Papai*" o convidava a retornar à cabana. Pensando ser uma brincadeira de mau gosto, ele retorna à casa, porém, no trajeto de volta ele escorrega e se fere. Já em sua sala-de-estar, ele resolve checar se o tal bilhete era uma brincadeira de seu carteiro, mas, para sua surpresa, o carteiro sequer conseguira chegar à sua rua, dada as condições do trajeto ocasionadas pela nevasca. Ele continuou cheio de dúvidas, imerso numa dor profunda e paralisante, entrega-se à grande tristeza, um estado de desespero, ausência e raiva que, mesmo após quatro anos do desaparecimento da menina, insiste em não diminuir. Procurando um meio de aplacar seu sofrimento, Mack atende ao chamado e volta ao seu cenário de horror.

Chegando lá, a sua vida dá uma nova reviravolta. Deus, Jesus e o Espírito

Santo estão à sua espera para um *acerto de contas* e, com imensa benevolência, travam com Mack surpreendentes conversas sobre vida, morte, dor, perdão, fé, amor e redenção, fazendo-o compreender alguns dos episódios mais tristes de sua história. Tudo isso faz com que ele se torne outra pessoa, uma pessoa mais compreensível, não tão rancorosa, mais alegre e, acima de tudo, faz com que ele deixe de vez a grande tristeza.

Por fim, o livro mostra que ele encontra o corpo de Missy na cabana, embrulhado numa manta, enterra-o, num jardim cheio de flores bonitas e com cores vivas.

Depois da sua *missão* estar concluída, despede-se de Deus, Jesus e Espírito Santo, e estas três pessoas dão-lhe uma bebida quente, e Mack quando acaba de beber, sente-se tonto e cheio de sono e cai no chão como se tivesse desmaiado. Quando acorda, observa que a cabana estava como a encontrou, sombria e fria. Conforme vai se levantando, tenta lembrar-se do que acontecera, mas havia certos pormenores de que ele não se lembrava mais, mentalizando-se de que aquilo tudo fora um sonho.

Quando volta para casa, ele entra em contato com as autoridades e relata o sonho que teve, indicado que tinha a certeza onde estava o corpo de sua filha; os policiais assim o fazem e encontram o corpo da menina e, mais tarde, corpos de outras crianças que tinham sido assassinadas por um mesmo homem.

Acima relatei um pouco do que entendi de forma resumida. Uma parte que me chamou atenção foi que Mack surpreendeu a todos com um grande aprendizado ao dizer que queria voltar para morar com a sua família e, ao mesmo tempo, não se afastar de Deus, pois, ele estava em toda parte, principalmente no seu coração. Isso para mim pode ser retratado tanto no seu lado pessoal, de ligação e experiência com o sagrado e transcendente, quanto podemos levar fortemente para o Ensino Religioso a melhor compreensão pela busca do divino, do sagrado, transcendente, mostrando que ele pode estar em todos os locais, não somente em templos religiosos. Percebo que o livro põe alguns conceitos teológicos, abre uma ponte muito forte entre trindade e soberania divina e coloca em questão a visão sobre Deus e o sofrimento da humanidade.

Por fim, creio que minha experiência como leitor tanto no curso de Ciências da Religião quanto como bolsista do subprojeto PIBID rendeu uma

aprendizagem significativa para minha formação pessoal e profissional, pois me despertou novamente para ser um leitor literário ativo, através do processo de formação com as minhas primeiramente leituras feitas dos livros infantis, o que me causou certa emoção, expectativas, posicionamentos entre outros sentidos e sentimentos remetendo a uma ótica da fantasia com a lente da imaginação, para compreender a importância de letrar o indivíduo.

Hoje posso dizer que valeu a pena ter enfrentado todo o desafio do projeto. Ele serviu para mim como uma experiência nova, gratificante e muito enriquecedora; foi muito prazeroso participar das atividades, dos seminários, cada viagem feita com o grupo, enfim, de tudo que foi proposto. Sabemos que o trabalho coletivo nem sempre satisfaz a todos, mas da minha parte estou satisfeito com todos os resultados.

Fico feliz de ter esta oportunidade de crescer enquanto estudante e futuro profissional e até mesmo como pessoa, por ter mais responsabilidades em minha vida. De compreender, entender a fundo como letrar um aluno, de aprender metodologias novas e saber lidar melhor no comando de uma sala de aula no futuro.

Referências

ANDERSEN, Hans Christian. **A pequena sereia**. Claranto Editora, s/d.

BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz**. Bahia Artes Gráfica, 2008.

BELINKY, Tatiana. **Bom remédio!** Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

BOULHOSA, Patrícia Pires. Breves observações sobre a Edda em Prosa. *Brathair* v. 4, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.boulhosa.net/Edda_em_Prosa.pdf> Acesso em: 24 ago. 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HARALDSON, Lars. **Contos e lendas dos Vikings**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

LANGER, Johnni. **Religião e magia entre os Vikings: Uma Sistematização Historiográfica**, 2005. Disponível em: <http://www.julianus.org/textos/JLanger_magia_viking.pdf> Acessado em: 03

set. 2014.

MACHADO, Rachel Anna; LOUSADA, Eliane Gouvêa; TARDELLI, Lília Santos Abreu. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

YOUNG, William P. **A cabana**. Tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2012.

Pibidiário

Layane Karla da Silva Santos

No impossível é que está a realidade.

Cecília Meirelles

Bem, o primeiro livro do meu Pibidiário foi *Letramento literário*, de Rildo Cosson (2009) Comecei a lê-lo devido a meu ingresso no Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à docência (PIBID) – Ciências da Religião/UERN, que nos seria muito oportuno, pois o tomaríamos como alicerce para nosso trabalho pedagógico.

Em minhas leituras, ao ler Cosson, pude absorver que devemos levar em conta a inserção de metodologias simples que possam seduzir e despertar o interesse do aluno pela literatura, a fim de instigá-lo a desvendar o mundo por meio da leitura, pois grande parte dos mecanismos de interpretação que usamos, são aprendidos na escola. Segundo o autor, “É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e a capacidade da palavra dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa” (COSSON, 2009, p. 27).

É de extrema relevância para nós, como professores, inserimos como prática de ensino, o letramento literário em sala de aula. Para isso, faz-se necessário escolher leituras com as quais os alunos já estejam familiarizados, para que possam explorar e ampliar seus conhecimentos. Mas como tornar o letramento literário uma prática para um aluno que está acostumado com livros didáticos, os fazendo criar um visão distorcida do que a literatura realmente pode os proporcionar? Para Cosson (2009, p. 28), “[...] A leitura literária, praticada na escola, também chamada de análise literária, destruíra a magia e a beleza da obra ao revelar seus mecanismos de construção”.

Segundo o autor, os livros didáticos fazem com que a literatura acabe sendo vista como uma prática cansativa, chata, e desnecessária. O que em parte não é uma mentira, geralmente leituras didáticas são, sim, chatas e cansativas,

e muitos alunos leem mais por obrigação do que por prazer à leitura. Isso resulta na perda do interesse pela literatura. Muitos dirão: *para que literatura, se ela não será útil para a entrada do aluno na Universidade?* Pensamentos assim fazem muitos alunos não terem a prática de ler textos literários. Cosson (2009) enfatiza a importância da leitura não só para que possamos ter domínio da escrita, como escritores, mas para que possamos desfrutar do infinito conhecimento, para que possamos ser leitores críticos e pensantes.

Fiz também a leitura do livro *Conversas sobre Educação*, de Rubem Alves (2009), capítulos 1 e 2. Alves procura estimular a postura de um educador que seja provocativo com a capacidade de impulsionar o aluno ao raciocínio. Alves mostra que, com a curiosidade, podemos apreender, dispendo do mundo a nossa volta, seja em situações do cotidiano, nas quais somos obrigados a aprender alguma coisa, que até então não sabemos, ou até mesmo ao observar a natureza. Ele ainda critica ao que a escola destrói: os desejos dos alunos, por impor os desejos dos outros, assim como a curiosidade passará. Por outro lado, o autor sugere que o ser humano é dotado de percepções particulares sobre o mundo que o cerca. Sendo assim, é natural que existam as mais diferentes maneiras de aprender. Para ele, “Uma das tarefas mais alegres do educador é provocar, nos seus alunos, a experiência do espanto. Um aluno espantado é um aluno pensante [...]” (ALVES, 2009, p. 44).

Por fim, li uma obra de literatura infanto-juvenil intitulada *Contos de enganar a morte*, de Ricardo Azevedo (2003). De uma maneira geral, esse livro apresenta a morte como tema central dos contos, mostra a morte de uma forma descontraída e engraçada, com figuras todas feitas pelo próprio autor, e percebe-se a presença de várias expressões populares. O objetivo dessa leitura dentro do PIBID foi a elaboração de atividades a serem desenvolvidas, como jogos educativos relacionados ao tema *morte* do conto de Azevedo, e que teve a orientação do supervisor e professor de Ensino Religioso, Francisco Melquiades Falcão Leal. A elaboração dos jogos foi de extrema contribuição para meu aprimoramento como graduanda do curso de Ciências da Religião, melhorando a minha formação e também minha atuação como futura professora de Ensino Religioso.

A temática da morte, tratada no conto, leva-nos a enxergar a morte

em diferentes contexto sociais, e mostra o quanto esse tema é algo presente e natural da vida. A obra de Ricardo Azevedo foge do lado melancólico, para o lado cômico. O autor, no desenrolar dos contos, ultrapassa a seriedade de como o tema morte é tratado na sociedade e procura, através do riso, provocar a reflexão sobre valores morais e éticos. Por mais que o ser humano lute contra a morte, ela acaba vencendo, pois afinal é uma (ou a única) certeza na vida de cada indivíduo.

Finalizo aqui meu pibidiário ressaltando a importância das leituras acima para a minha formação; primeiramente, a importância de ler, as leituras foram de extrema contribuição teórica, para meus trabalhos junto ao PIBID, principalmente, para meu amadurecimento profissional e pessoal. Foram tantos conhecimentos compartilhados e leituras significativas.

Cada autor contribuiu para meu primeiro ano como pibidiana: Cosson, pelo suporte teórico para o meu primeiro artigo, intitulado *Letramento literário a partir de Ricardo Azevedo: os contos de enganar a morte em aulas de ensino religioso do Ensino Fundamental I*⁸, que discute a importância do letramento literário em aula de Ensino Religioso a partir dos contos populares de Ricardo Azevedo. Esse artigo foi elaborado em parceria com a equipe supervisionada por um dos professores de Ensino Religioso da rede municipal de Natal/RN.

Posso dizer que senti prazer ao ler o livro *Letramento Literário*, cujo autor enfatiza que a escola não deve escolarizar a literatura, evidenciando a falência do ensino da literatura; pela ausência da leitura efetiva de textos literários nas escolas; que a literatura só cumprirá seu papel humanizador quando não for mais distorcida pela escolarização. O autor adverte que, antes de qualquer coisa, o professor deve tomar a literatura como uma experiência e não como um conteúdo a ser avaliado, esta deve ser uma atividade constante que visa diagnosticar os avanços e as dificuldades dos alunos, sendo o letramento literário fundamental no processo educativo se quisermos formar leitores que sejam capazes de experimentar a força humanizadora da literatura, e não apenas aprendam a ler melhor. Cosson ainda nos chama a atenção para a organização pedagógica literária na sala de aula, o qual orienta desde a seleção da obra literária; a sistematização metodológica, com etapas como: motivação, introdução, leitura,

⁸ Comunicação apresentada durante o Seminário Nacional de Ensino Religioso – em Belém, na Universidade do Estado do Pará, cujo texto final foi publicado nos Anais do Evento.

interpretação, expansão e avaliação; as técnicas para trazer o texto literário para o contexto vivenciado pela criança. Por isso recomendo *Letramento literário: teoria e prática*, a todos os graduandos, futuros professores.

Rubem Alves, por citar o que eu já sabia: a aprendizagem está presente na nossa vida, quando apreendemos a observar tudo a nossa volta por mera curiosidade, não sendo necessariamente no ambiente escolar que se aprende.

E aos contos de Ricardo Azevedo, pelo prazer de me fazer dar boas risadas, e de, na prática, poder desenvolver com base em um de seus contos (*O homem que enxergava a morte*) um material pedagógico para meu trabalho com as crianças: jogos educativos. A fim de introduzir de uma maneira lúdica, no universo das crianças, noções básicas de moral e ética, com base no conto, através dos jogos desenvolvidos por meu grupo dentro do PIBID.

Desse modo, essa experiência me possibilitou incentivar a prática da leitura por meio de um de seus divertidíssimos contos infantis, além do tema *morte* que está inserido dentro no contexto do Ensino Religioso e, principalmente, dentro do contexto social dos alunos. A elaboração dos jogos me permitiu desenvolver um ensino descontraído e proveitoso na escola, usando metodologias simples e de fácil compreensão; vi alunos empenhados, dispostos a envolver-se nos trabalhos que estávamos a produzir para eles, de fato eu tive um retorno gratificante. Percebi, com o conto de Azevedo, inúmeras possibilidades de trabalhos pedagógicos para se trabalhar com meus alunos dentro do Ensino Religioso. Mas, principalmente aprendi que é possível, sim, ter um ensino inovador, atrativo e divertido, pois só a literatura abre a porta para o mundo da fantasia, onde coisas impossíveis tornam-se possíveis. Meu percurso no PIBID mostrou que, ao propor estratégias para o ensino da literatura na sala de aula, na perspectiva do letramento literário, Cosson (2009) aponta caminhos para os profissionais da educação, como oportunidade de enriquecimento da prática pedagógica, da experiência pessoal e profissional e como possibilidade de realizar experiências literárias significativas, para um ensino menos escolarizado, que antes de tudo a literatura seja algo presente e constante na vida e, principalmente, dentro da sala de aula.

Referências

ALVES, Rubem. **Conversas sobre Educação**. Campinas, SP: Versus Editora, 2003.

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática. 2003.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

Diário de Leitura

Livia Cristiana Costa Martins

Meu pedido é o seguinte: ajudem os seus discípulos a serem humanos. Os seus esforços nunca deverão produzir monstros cultos, psicopatas hábeis ou *cichmanns* instruídos. Ler, escrever, saber História e Aritmética só são importantes se servirem para tornar os nossos estudantes humanos.

(Carta de um sobrevivente – BOLSANELLO, 1986. p. 206)

Natal, 21 de março de 2014.

Como aluna do Curso de Licenciatura em Ciência da Religião na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e bolsista do subprojeto PIBID intitulado: “*Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental*”, desde março do corrente ano, iniciei a escrita deste diário de leituras, com a perspectiva de escrever sobre minhas práticas leitoras e refletir como elas ajudarão em minha formação como futura professora.

Como este projeto propõe o letramento através das leituras literárias, faz-se necessário que nós, os bolsistas, tornemo-nos leitores dessas obras. Assim, cada bolsista foi desafiado a pegar duas obras literárias para ler e analisar dentro da ótica do Ensino Religioso. E eu fiquei com os livros: *A Filha de Tupac Amaru*, autoria de Sônia Sales; e *Kim*, de Rudyard Kipling.

Hoje enquanto estava na parada de ônibus da UFRN, iniciei a leitura da obra literária *A Filha de Tupac Amaru*, de Sônia Sales.

– Gostei!!! A história é envolvente. É o que estou achando nesse momento.

Ao ler, fico imaginando o cenário de cada cena narrada; os acontecimentos relatados me fazem rir. – Essa leitura veio em boa hora, pois estou precisado relaxar um pouco.

Uma coisa interessante nessa obra é que, diferente dos autores de outras obras infantis, como *Branca de Neve*, *A Cinderela*, *Rapunzel...* essa autora procura desmistificar a figura da *bruxa* e da *magia*. Para isso, ela apresenta um tipo diferente de bruxa e de magia. A bruxa criada por Sales é boa, é intelectual, escritora e trabalha com botânica, e sua magia é utilizada somente para o bem. Em nada ela se parece com as bruxas das outras histórias infantis, as quais provocam medos nas crianças.

Outro fato interessante é que Sales traz informações geográficas, históricas, culturais e arqueológicas dentro de sua narrativa. Recomendo a leitura de *A Filha de Tupac Amaru*.

Hoje, 23 de Março terminei a leitura do livro que vinha lendo desde o dia 21.

Natal, 23 de março de 2014.

Iniciei a leitura do livro *Kim*, de Rudyard Kipling. Essa obra trata da história de um garoto indiano que conhece um monge tibetano e, juntos, percorrem a Índia na busca de um rio, o Rio da Vida. Durante a narrativa, é apresentada ao leitor uma série de religiões.

Na pág. 63, é descrito um fato surpreendente: *Kim* e o monge tibetano estão hospedados na casa de um veterano da guerra, contudo, na hora de dormir, eles são separados. Kim permanece na casa do veterano e o monge vai dormir em uma capela na companhia de um padre. Continuando a narrativa, fica subtendido que o padre utiliza-se de ópio para fazer o Lama (monge) dormir, com o interesse de roubá-lo. Essa cena me surpreendeu pelo fato de um líder religioso que deveria dar um bom exemplo de conduta e bondade, ser uma espécie de vilão, e também porque isso desmoraliza o cristianismo católico, embora isso seja um reflexo da realidade em que vivemos onde em todo lugar e em toda parte existem pessoas boas e ruins. Mesmo assim, o enredo me chamou atenção.

Outra cena interessante é quando Kim descobre que seu pai era um soldado, e, por causa desse fato, ele é separado do monge, para ser educado pelos militares; entretanto, quem escolhe a escola onde Kim irá estudar é o monge, pois esse custeará toda sua educação na melhor escola da cidade. Quando o menino vai à escola é contra sua vontade, uma vez que seu desejo era ficar em companhia do Lama; no entanto, ele decidiu deixar o menino, porque compreendeu está sendo castigado devido ao seu apego ao garoto, esse sentimento estava fazendo com que ele ficasse preso a *roda da vida*.

Essa leitura me fez lembrar as aulas de *Teologia das Tradições Religiosas II*, do curso de Ciências da Religião, quando o prof. Rodson explicou que os monges/seguidores do budismo têm por objetivo alcançar o desapego, o desprendimento total das coisas da vida, ao ponto de não almejar a felicidade, nem buscar a infelicidade. É essa a mensagem passada através do personagem do Lama. Esse livro é muito bom, pois nos dá uma visão bem detalhada da cultura hindu e parte da cultura budista tibetana.

A alteridade é bem apresentada na relação do Lama (monge budista) com o garoto, *Kim*, e os demais personagens da trama. Esse livro confirmou muito do que foi ensinado nas aulas da disciplina de *Teologia das Tradições Religiosas II* e na *de Textos Sagrados I*, quando a narrativa apresenta o lama em buscar do Rio da Vida, para poder se desapegar da Roda da Vida. Outro aspecto está nas ações, segundo o professor Rodson, que, no Budismo, é ensinado que devemos procurar agir com despedimento, sem pensar em recompensa e sem apego. Assim, devemos fazer as coisas por elas mesmas, o certo pelo certo, sem pensar em recompensa ou castigo. Esse pensamento é bem presente na maneira de viver do Lama.

Como futura professora de Ensino Religioso recomendo a leitura e o uso dessa obra, *Kim* (KIPLING, 2005) como material didático, pois através de sua leitura, pode-se fazer uma pesquisa comparativa entre maneira de viver do Lama e qual a sua compreensão da vida com os ensinamentos da Religião Budista.

Mesmo assim, essa leitura não alterou nada na minha vida, apenas gostei da história narrada; tem lições de vida sim, mas nada que eu já não soubesse. Até porque muito dos ensinamentos narrados, fazem parte da minha educação religiosa e familiar. E com relação aos ensinamentos budistas, como já afirmei acima, confirmaram

os ensinamentos do prof. Rodson.

Natal, 25 de março de 2014.

Como bolsista do Subprojeto: “*Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental*”, recebi a orientação de produzir um Diário de Leitura, refletindo como a leitura literária está presente em minha vida. A presença da leitura literária em minha vida tem sido pouquíssima. Na minha infância, tive contato com as obras de Monteiro Lobato – *O Sítio do Pica-pau Amarelo*, e outros contos infantis como *Branca de Neve e os Setes Anões*, *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho* e outros, que meu pai lia para mim e, depois, quando aprendi a ler, passei a lê-los sozinha, mas nunca fui uma leitora assídua.

Ao chegar à adolescência, minha leitura foi mais a Bíblia, gibis infantis e revistas de faroeste, até que tive contato com revistas de romance, mas nunca me interessei muito por elas. Entretanto, gostava de ler fotonovelas. Enquanto que, com os livros de literatura, tive pouco contato, a não ser através dos livros didáticos, isto é, através dos pequenos trechos de obras literárias e fragmentos de poesias que eram trabalhados em sala de aula.

Quando estava saindo da adolescência e entrando na juventude, já adulta, enfim, comecei a ler a primeira obra literária de minha vida, *Iracema*, de José de Alencar, detestei, devido à linguagem. Não gostei do livro, pois não entendi nada. Nessa época, comprei vários livros de literatura clássica como *Dom Casmurro* e *Memória Póstuma de Brás Cuba* ambos de Machado de Assis; *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, embora tivesse acesso a todas essas obras, não li nenhuma delas. A única que li foi *Memória de um sargento de Milícia*, de Manuel Antônio de Almeida, eu amei a história dessa obra literária.

Hoje tenho tentado ler mais e, principalmente as obras literárias, estou a passos lentos, já que as leituras que tenho me comprometido a fazer, nesse momento, dizem respeito ao Curso de Ciências da Religião e ao subprojeto PIBID.

Dentre as reflexões que fomos orientadas a fazer, neste diário, está a de

analisar qual a possível contribuição da literatura para a formação de professores de Ensino Religioso do Ensino Fundamental brasileiro e porque é importante que o professor do Ensino Religioso seja um leitor de obras literárias.

Entendo a importância de que, como professora de Ensino Religioso no Ensino Fundamental, preciso me tornar uma leitora de obras literárias, devido à ampla possibilidade de temáticas existente dentro dessas obras. Além disso, elas nos proporcionam um aumento de visão cultural e de reflexão sobre vários problemas existentes hoje em nossa sociedade. Sendo assim, como professora, posso utilizá-las para levar meus alunos a julgarem certas situações sem que eles percebam que a cada instante se envolvem mais com o problema e com as suas soluções também, trazendo, com isso, uma mudança de atitude no cotidiano.

Natal, 05 de abril de 2014.

O desafio de hoje é pensar como apresentar a Literatura, através de seus autores, aos alunos, tomando como base o posicionamento de Rildo Cosson (2014), retirado da obra *Letramento Literário: teoria e prática*, que comecei a ler, no mês passado, como parte das ações formativas do subprojeto PIBID do Curso de Ciências da Religião. Segundo esse autor, “[...] é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a construir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária” (COSSON, 2009, p. 21).

Em *Letramento Literário: teoria e prática*, Cosson (2014) ensina várias maneiras de trabalhar as obras literárias e seus autores, exemplo disto, ensinar as obras literárias através da leitura com a finalidade de fichamentos, relatórios, comentários, oficinas e dramatização. Além disso, conduzir os alunos a buscar relação entre os dramas tratados nas obras e com os da atualidade.

Essas são algumas das maneiras de se trabalhar a leitura sistemática das obras literárias nas escolas, uma vez que

[...] a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: a aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio de literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática

da literatura proporciona aos seus usuários (COSSON, 2014. p. 47).

A meu ver, a apresentação da Literatura aos alunos deve ser através das obras literárias e dos seus autores e, para isso, faz-se necessário a leitura das mesmas, e não apenas a leitura de trechos dessas obras, como fazem os professores nas escolas, como nos informa Cosson.

Já que a literatura é relevante para a educação e o desenvolvimento intelectual e pessoal do discente, por esse motivo, é responsabilidade da escola proporcionar tal conhecimento. Entretanto, a literatura não pode continuar a ser ensinada da forma como vem sendo praticada nas escolas. Cosson (2014, p. 23) nos alerta: “[...] é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a construir essas leituras, tais como crítica, a teoria ou a história literária”.

Em virtude disso, defendo o ensino sistemático da literatura nas escolas desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, de forma criativa e desafiadora, para que os alunos venham aprender a ser críticos e analíticos em suas vidas.

Natal, 19 de julho de 2014.

O livro *Letramento Literário: teoria e prática* de Rildo Cosson é uma obra gostosa de ler, embora tenha uma base teórica longa para poder iniciar a parte prática. Isso me deixou ansiosa para descobrir como poderia ser ensinada a leitura sistemática da literatura no ambiente escolar.

A definição defendida por Cosson para letramento está de acordo com a autora Magda Becker Soares, e é a seguinte: “[...] Tratar-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever [...], mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas” (COSSON, 2014. p. 11). Já o conceito de letramento literário, de acordo com Cosson, é o conhecimento que o indivíduo se apropria a partir dos textos literários, pois a leitura desses textos o levará a observar o mundo de uma outra maneira, como também relacionar as suas experiências de leitura com as suas experiências pessoais. Partindo desses conceitos, o autor faz uma crítica à escolarização atual da literatura, por não cumprir seu papel de letramento na vida dos alunos.

Natal, 25 de julho de 2014.

Ao ler o livro *Trabalhando com Poesia. vol. I*, de Alda Beraldo, gostei muito da leitura, pois ela ensina a compor poesias de forma paulatina, e juntamente com a construção desse gênero segue-se a explicação do *é*, de como se forma e quais as características de um poema. Como exemplo disso, separei essa citação como parte interessante desse texto:

Observe que esse “Namoro desmanchado” foi registrado em *versos* (cada linha é um verso), formando *estrofes* (cada conjunto de versos é uma estrofe). Em cada estrofe há versos com *sons semelhantes no final*, que são as *rimas*, como *isso/ enguiço* (BERALDO, 1990, p. 13).

Percebe-se o quanto a autora é detalhista em suas explicações: ela vai pegando parte por parte do poema destrinchando para nós leitores. Assim, temos uma visão tanto das partes como do todo, Beraldo permanece nesse estilo até o final da obra. Quando termina sua obra afirma que “[...] ao falar sobre sentimentos, dos mais simples aos mais profundos, o poeta revela a vida através da palavra” (BERALDO. 1990. p. 87).

Realmente, a palavra é o instrumento do poeta e de todos aqueles que amam se comunicar e tocar as almas das pessoas, falando sobre os sentimentos mais profundos de nossas almas.

Natal, 28 de julho de 2014.

Hoje foi a primeira visita de observação à escola e o planejamento das aulas de Ensino Religioso na Escola Municipal Terezinha Paulino, no Parque dos Coqueiros na Zona Norte de Natal, com o subgrupo de Poesia Matuta, supervisionado pelo professor Francisco de Assis Lopes.

Nossa discussão foi em torno de como iríamos trabalhar o sagrado nas poesias de Patativa do Assaré. Assim, chegamos ao consenso de fazermos um projeto voltado para os alunos dos sétimos anos. Então, planejamos um conteúdo prático e uma roda de poesia, vídeos sobre Patativa e conversas sobre

o sagrado e sobre poesia. Outra coisa, combinamos que o grupo se subdividira, uns estariam na escola nas terças-feiras pela manhã e outros nas sextas-feiras à tarde; eu fiquei com as sextas.

Lembrando que o entendimento do *sagrado* está de acordo como o pensamento de Mircea Eliade, “[...] é a experiência do sagrado que funda o mundo” (ELIADE, 1992. p. 171), isto é, para aquele que é crédulo, o sagrado é essencial para a vida.

Natal, 29 de julho de 2014.

O livro *Poesia na Escola: a vida tecida com arte* (2012) da autora Adriana Antunes de Almeida apresenta um relato histórico do caminho percorrido pela poesia desde os tempos gregos até os nossos dias. Com uma linguagem simples, mas bem elaborada, ela narra todos os estágios vivido pela poesia, inicialmente, definindo etimologicamente a palavra poesia que “[...] vem de *poiesis* ou *poiein*, que significa criar, no sentido de imaginar”, como também nos faz conhecer qual o entendimento dos romanos sobre poesia, para eles, “[...] poesia era *oratio vincta*, uma expressão nada poética, que significa linguagem travada, ligada por regras de versificação; e sua irmã prosa, de *oratio prosa*, linguagem direta e livre”, segundo Almeida.

Assim, a autora continua a sua jornada identificando as partes que formam uma poesia e depois nos introduz aos gêneros: o Lírico, o Dramático, o Épico e o Narrativo. Para finalizar, Almeida apresenta vários brasileiros que fazem parte da literatura como poetas e muitos foram aqueles que promoveram mudanças extraordinárias no campo poético, como, no caso de Castro Alves fundador da *poesia social*.

Gostei desse livro e preciso voltar a relê-lo, para absorver melhor as informações contidas, pois quando me deparo com afirmações como essa: “[...] ler é uma forma de viajar sem sair do lugar [...]” (ALMEIDA, 2012, p. 25), percebo minha necessidade de viajar sem gastar dinheiro. Mas, não é só isso, concordo com o pensamento da autora, quando afirma que “[...] os poemas são cheios de um sentimentalismo, um subjetivismo, um romantismo, um mundo infinito de sofrimento” (ALMEIDA, 2012, p. 29). Assim, permite a nós, leitores, vivenciar

não só experiências novas e inusitadas, mas também, olhar o nosso próprio drama com o olhar de quem está de fora, e nos identificarmos com os diversos personagens.

Natal, 31 de julho de 2014.

Comecei a pesquisar sobre Patativa do Assaré, pois o subgrupo do subprojeto “*Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental*”, supervisionado pelo professor de Ensino Religioso Francisco Assis Lopes está trabalhando com a poesia matuta, e tendo como foco o sagrado na poesia do grande Patativa do Assaré. Para isso, nos foram indicadas algumas leituras como: *Trabalhando com Poesia*, vol. I, de Alda Beraldo; *Poesia na escola: a vida tecida com arte*, de Adriana Antunes de Almeida (essas duas primeiras eu já tinha lido) e *Patativa do Assaré porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra*, de Antonio Iraldo Alves de Brito. Essas leituras serviriam para nos orientar e nos dar suporte teórico para realização do trabalho, como para nosso crescimento intelectual.

Como ainda, não possuía o livro do autor Brito indicado para leitura, fui procurar alguns vídeos na internet sobre o poeta Patativa, porque eu tinha curiosidade de saber se realmente o poeta era analfabeto; ao ler a poesia *O sabiá e o Gavião* de autoria dele, não pude acreditar que ele fosse realmente analfabeto. Embora a poesia tenha uma linguagem matuta, ela é bem elaborada, as ideias contidas nela são repletas de sentido e nos leva a refletir sobre as coisas, sem contar que o poeta nos revela uma beleza que nos passa despercebida e que para nós, que vivemos na área urbana, não notamos a existência desse paraíso.

Em um desses vídeos descobri: Patativa era alfabetizado, sua alfabetização se deu na pré-adolescência, embora tenha passado pouco tempo na escola, mas foi o suficiente para aprender a ler. Ao sair da escola, o poeta passou a ser um leitor assíduo, tinha uma fome de conhecimento tremenda. – Passei a admirar esse homem.

Natal, 01 de agosto de 2014.

Hoje é minha primeira sexta-feira de observação em sala de aula pelo projeto PIBID, na Escola Municipal Terezinha Paulino. Estou gostando de ver os adolescentes interessados em descobrir mais a respeito de Patativa do Assaré. O prof. Lopes, ao receber os estudantes, está com todo material de mídia organizado e testado, isto é um exemplo a ser seguido por mim, quando eu estiver lecionando um dia.

O primeiro momento é o de acalmar os ânimos dos alunos que sempre chegam repletos de alegria e fazendo muita *zoada*. Segundo momento, a chamada. Depois, uma retomada da aula anterior e, em seguida, a apresentação de dois vídeos: O primeiro é Patativa recitando a poesia *Cabra da peste* e, o segundo vídeo foi uma entrevista com o poeta e pessoas que o conheciam.

Ao terminar os vídeos, professor Lopes fez uma análise da poesia do autor e da vida do poeta O professor Lopes questionou: *qual era a temática abordada por Patativa do Assaré em suas poesias?*

Anotei as respostas dos estudantes:

- Religiosidade;
- Deus;
- Injustiça;
- Social;
- Natureza.

Quando a conversa ia ficando boa, tocou para terminar. Isso é o que acontece com aulas de apenas 40 ou 50 minutos.

Natal, 05 de agosto de 2014.

Comprei o livro indicado para trabalharmos, intitulado *Patativa do Assaré porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra*, de Antonio Iraildo Alves de Brito (2010). Mas infelizmente, antes de começar a leitura, a saúde de minha

mãe piorou e as atividades do Curso de Ciência da Religião intensificaram-se, assim, diante de muita pressão e com os sentimentos em confusão, terminei não fazendo a leitura do livro. Apenas participava das discussões, dos planejamentos das aulas com os colegas e lia as poesias trabalhadas como: *Vaca Estrela e Boi Fubá; Triste partida; Poeta da Roça.*

Poesia: Vaca Estrela e Boi Fubá

Seu doutor me dê licença pra minha história contar.
Hoje eu tô na terra estranha, é bem triste o meu penar
Mas já fui muito feliz vivendo no meu lugar.
Eu tinha cavalo bom e gostava de campear.
E todo dia aboiava na porteira do curral.

Ê ê ê ê la a a a a ê ê ê Vaca Estrela,
ô ô ô ô Boi Fubá.

Eu sou filho do Nordeste, não nego meu naturá
Mas uma seca medonha me tangeu de lá pra cá
Lá eu tinha o meu gadinho, num é bom nem imaginar,
Minha linda Vaca Estrela e o meu belo Boi Fubá
Quando era de tardezinha eu começava a aboiar

Ê ê ê ê la a a a a ê ê ê Vaca Estrela,
ô ô ô ô Boi Fubá.

Aquela seca medonha fez tudo se atrapalhar,
Não nasceu capim no campo para o gado sustentar
O sertão esturricou, fez os açude secar
Morreu minha Vaca Estrela, já acabou meu Boi Fubá
Perdi tudo quanto tinha, nunca mais pude aboiar

Ê ê ê ê la a a a a ê ê ê Vaca Estrela,
ô ô ô ô Boi Fubá.

Hoje nas terra do sul, longe do torrão natá
Quando eu vejo em minha frente uma boiada passar,
As água corre dos olho, começo logo a chorá
Lembro a minha Vaca Estrela e o meu lindo Boi Fubá
Com saudade do Nordeste, dá vontade de aboiar

Ê ê ê ê la a a a a ê ê ê Vaca Estrela,
ô ô ô ô Boi Fubá.

Cada vez mais, eu fico maravilhada com a beleza da poesia de Patativa, e com a visão de mundo que ele tinha. Em entrevista em um dos vídeos, ele

deixa muito claro o seu gosto pelos clássicos da poesia, e não só da poesia, mas também, da filosofia e sociologia. Assim, percebemos a sua condição de cidadão politizado e, por isso, considerado representante de um povo, o povo sertanejo. Um detalhe que amei em Patativa foi seu senso crítico, e a coragem de expor suas opiniões, como podemos verificar na poesia que compilei abaixo:

Poetas niversitário, (Patativa do Assaré)

Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaiá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia
Belas figuras na capa,
E no começo se lia:
A pá — O dedo do papa,
Papa, pia, dedo, dado,
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita,
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a rescordá.

Foi os livro de valô
Mais maió que vi no mundo,
Apenas daquele autô
Li o premêro e o segundo;
Mas, porém, esta leitura,
Me tirô da treva escura,
Mostrando o caminho certo,
Bastante me protegeu;
Eu juro que Jesus deu
Sarvação a Filisberto.

Depois que os dois livro eu li,
Fiquei me sintindo bem,
E ôtras coisinha aprendi
Sem tê lição de ninguém.
Na minha pobre language,
A minha lira servage
Canto o que minha arma sente
E o meu coração incerra,
As coisa de minha terra
E a vida de minha gente.

Poeta niversitaro,
Poeta de cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia,
Tarvez este meu livrinho
Não vá recebê carinho,
Nem lugio e nem istima,
Mas garanto sê fié
E não istruí papé
Com poesia sem rima.

Cheio de rima e sintindo
Quero iscrevê meu volume,
Pra não ficá parecido
Com a fulô sem perfume;
A poesia sem rima,
Bastante me disanima
E alegria não me dá;
Não tem sabô a leitura,
Parece uma noite iscura
Sem istrela e sem luá.

Se um dotô me perguntá
Se o verso sem rima presta,
Calado eu não vou ficá,
A minha resposta é esta:
Sem a rima, a poesia
Perde arguma simpatia
E uma parte do primô;
Não merece munta parma,
É como o corpo sem arma
E o coração sem amô.

Meu caro amigo poeta,
Qui faz poesia branca,
Não me chame de pateta
Por esta opinião franca.
Nasci entre a natureza,
Sempre adorando as beleza
Das obra do Criadô,
Uvindo o vento na serva

E vendo no campo a reva
Pintadinha de fulô.

Sou um caboco rocêro,
Sem letra e sem instrução;
O meu verso tem o chêro
Da poêra do sertão;
Vivo nesta solidade
Bem distante da cidade
Onde a ciência governa.
Tudo meu é naturá,
Não sou capaz de gostá
Da poesia moderna.

Dêste jeito Deus me quis
E assim eu me sinto bem;
Me considero feliz
Sem nunca invejá quem tem
Profundo conhecimento.
Ou ligêro como o vento
Ou divagá como a lêsma,
Tudo sofre a mesma prova,
Vai batê na fria cova;

Esta vida é sempre a mesma.

Natal, 15 de agosto de 2014.

Mais uma aula na Escola Municipal Terezinha Paulino, hoje a nossa pauta de aula foi reler as poesias de Patativa do Assaré; transcrever as palavras ou frases que simbolizem o sagrado e apresentá-la na próxima aula.

Os alunos do sétimo ano “D” foram convidados a ler em grupo as poesias que foram distribuídas entre eles (as poesias foram: *Vaca Estrela e Boi Fubá; Cante lá que eu canto cá; Arte Matuta*), depois de ler e discutir no grupo, cada grupo escolheu um aluno para ler em voz alta e depois o grupo falava qual o entendimento que teve da poesia. No meio da discussão acabou a aula.

É muito bom ver os alunos se envolvendo com o assunto dado. A cada aula, me chama atenção a garra desse sábio do sertão. A sua coragem de lutar contra as adversidades da vida, sem se deixar intimidar pelas circunstâncias. – Preciso disso em minha vida!!

Já no sétimo ano “E” a pauta da aula foi fazer um comentário sobre o que cada grupo compreendeu das poesias lidas (as poesias trabalhadas nessa

turma são as mesmas trabalhadas no sétimo ano “D”). Com essa turma, houve uma demora maior para fazer a atividade, os grupos passaram o tempo discutido o que eles acharam das poesias, ficando os comentários para outra aula.

Algo ficou claro para mim, realmente é verdade, por mais que se planeje, isso ainda não é garantia de sucesso pleno; é evidente a importância do planejamento, pois a falta dele deixaria qualquer um perdido em uma sala de aula. Entretanto, cada aula é uma caixinha de surpresa.

Natal, 29 de agosto de 2014.

Mais um encontro com os alunos da Escola Municipal Terezinha Paulino, trabalhamos o sagrado na poesia de Patativa do Assaré. A nossa pauta hoje foi a retomada das apresentações das poesias; cada grupo leu alguns versos e procurou identificar o sagrado nesses versos. O primeiro grupo – Poesia: *Triste partida*; palavras identificadas como sagradas pelos alunos: Natá, santo, Senhor, fé, São José, pai, mãe.

O segundo grupo – Poesia: *O Poeta da Roça*; palavras identificadas como sagradas pelos alunos: mata, trabaio, inverno, estudar, pai.

O terceiro grupo – Poesia: *Vaca Estrela e Boi Fubá*; palavras identificadas como sagradas pelos alunos: sertão, natá, Campeã (trabalhar), naturá.

Fiquei intrigada com essas escolhas, pois compreendo que algumas palavras citadas não representam o sagrado nem mesmo Patativa as tinha como sagrado em sua poesia. Por isso, quando a aula terminou procurei o prof. Lopes, para conversar a respeito. Então, chegamos ao consenso de que algumas palavras realmente não tinham conotação sagrada, embora o sagrado do qual estamos falando vá além do instituído pelas organizações religiosas, pois trata do conceito de sagrado estabelecido pelo homem religioso, como expressão de sua religiosidade. Assim, fazia-se necessário trabalhar mais o conceito de sagrado com os alunos.

Natal, 05 de setembro de 2014.

Hoje trabalhamos novamente a identificação do sagrado, transcrevendo

para o caderno cada palavra encontrada nas poesias *O Retrato do Sertão; A menina e a Cajazeira; A terra é Naturá; Cante lá que eu canto cá; Arte matuta e o Caboclo Roceiro*. Como um dos nossos objetivos, nesse projeto, é a releitura dos poemas de Patativa do Assaré pelos discentes dos sétimos anos, através da pintura, cada grupo fez um rascunho do desenho que iriam utilizar na tela. Lembrando, o foco é o sagrado! Foi muito legal ver cada grupo criando seu desenho; a criatividade desses alunos é maravilhosa, são verdadeiros artistas. Eu não tinha esse talento para desenhar, melhor dizendo, ainda hoje não tenho, rrsrs. Que pena a aula sempre acaba logo!

Natal, 09 de setembro de 2014.

Infelizmente, esse é um dia triste e escuro para mim, pois nesse dia chuvoso e sombrio minha velha partiu. Eu fiquei sem minha mãe... Assim, o mês de Setembro foi um mês sem produtividade. No dia seguinte ao enterro de minha mãe, não tinha palavra, só lágrimas, mas às 5h da manhã me vieram essas palavras à mente e eu escrevi:

Dia triste

(Autora: Lívia Martins)

Dia nove de Setembro

Dia da sua partida

Minha velha querida

Dia triste

Dia em que até os céus choraram com a sua partida.

Natal, 20 de setembro de 2014.

Este está sendo um mês muito difícil para mim, tudo que eu tinha programado não fluiu, até agora. Estou tentando voltar à rotina normal, mas é muito difícil, pois esse vazio me deixou sem sentido. Deus me ajude!!

Natal, 25 de setembro de 2014.

Nesse momento, percebo que as leituras feitas nos meses anteriores, de alguma forma, estão me ajudando, porque nunca escrevi um verso sequer, mas quando a tristeza me invade eu termino escrevendo algo. Em um desses dias eu escrevi:

O que ficou? (Lívia Martins)

Ficou o vazio

Ficou a tristeza

Ficou a ausência

Mas também...

Ficou o exemplo

Ficaram os momentos

Ficaram as lembranças

Natal, 12 de outubro de 2014.

Iniciei a leitura do livro *Patativa do Assaré porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra*, de Antonio Iraldo Alves de Brito. Estou gostando da leitura. Ele conta com mais detalhes coisas da vida do poeta Patativa do Assaré.

Esse poeta é um homem altamente letrado e consciente de sua capacidade e habilidade, Brito afirma:

[...] sua arte não era fruto do acaso, mas de resultado, sobretudo, de seu interesse pelo saber; que como já foi dito, para o poeta estava muito além da paranoia do certo e do errado, da escrita e da fala e de outras inúmeras dicotomias impostas geralmente pelo universo culto (BRITO, 2010. p. 78).

Algo ficou muito claro para mim: quando buscamos saber realmente das

coisas, esse conhecimento que vamos construindo nos dá uma certa liberdade de escolher, ser ou não ser, aquilo que o sistema social quer. Antônio Gonçalves da Silva goza de uma liberdade tremenda, pois ele é agricultor, mas também é poeta, um homem culto. Apesar de seu vocabulário matuto, e, por falar em liberdade, quero dizer, ele sabia falar corretamente, entretanto, o conhecimento dava-lhe a ousadia de escolher falar de acordo como os seus pares.

Assim, fiquei pensando: uma coisa é não saber fazer, outra é escolher não fazer. Imaginemos se alguém resolvesse corrigir Patativa, achando que estava fazendo grande negócio, de repente, teria uma enorme surpresa, por receber uma aula de português, literatura, filosofia e por ai vai.

Estou aprendendo que conhecimento vai além da aparência e, principalmente, o que fazer com ele é o mais importante. O poeta usou o dele para denunciar as injustiças sociais, para representar seu povo, para transmitir sua religiosidade e falar de seus valores.

E, como futura professora de Ensino Religioso, vejo a necessidade de me aprofundar mais nesse universo do fenômeno religioso e das muitas compreensões existentes sobre o sagrado. Com esse projeto, entendi que posso usar muitas outras abordagens para tratar do sagrado, sem necessariamente buscar elementos institucionais. Entretanto, para isso, preciso ler mais e me organizar para manter as leituras em dia. Agora, irei aproveitar esse momento de recesso para terminar os livros que ficaram pela metade. Quando não se é leitor, assim como eu não sou, a coisa fica difícil de se concretizar. Porém, é necessário ser perseverante, e estou lutando para ser constante nas leituras.

Referências:

ALMEIDA, Adriana Antunes de. **Poesia na escola: a vida tecida com arte**. São Paulo: Paulus, 2012.

BERALDO, Aldo. **Trabalhando com Poesia**. Vol. I. São Paulo: Ática. 1990.

BRITO, Antonio Iraildo Alves de. **Patativa do Assaré porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra**. São Paulo: Paulus, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

Site: Romero Tavares. http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_pa.htm#Aos

Vídeos:

Patativado Assaré – Ave Poesia: <https://www.youtube.com/watch?v=8d7NgjrE8Lw>

Patativa do Assaré – Episódio Completo: https://www.youtube.com/watch?v=CR_SJkeUN9o

Um sopro de Vida: relatos autobiográficos no subprojeto PIBID



Quem sou eu, neste momento em que tenho o lugar da palavra? A palavra confere poder a quem a detém, mesmo que por poucos minutos; e que vou falar? Vou contar minha história? Para quem e com qual finalidade? Vou repassar minha experiência a outros informalmente, é um registro histórico, um depoimento.

Vera Brandão

A escrita que segue, mesmo concisa, trata dos meus relatos a respeito de minhas experiências leitoras no ano de 2014, quando me tornei bolsista no Subprojeto: *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental*, do Curso de Ciências da Religião, da UERN. Esse trabalho desenvolvido no Subprojeto PIBID Ensino Religioso – Ciências da Religião, visando uma autobiografia com ênfase nas leituras realizadas no processo de atividades desenvolvidas no projeto identificado acima. Sendo assim, convido você, leitor, em um ato de paciência, realizar a leitura desse relato. Escreverei aqui em direção ao ar, sem responder a nada, pois sou livre. Nada de indagações filosóficas, nem pensamentos abstratos, ou uma escrita pautada em pensadores. Serei eu mesmo, diante de minha humilde escrita, como um sopro de vida.

Considerações preliminares sobre a infância e adolescência

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para*

Cazuza

Escrever exige esforço e dedicação e, quando se trata de falar sobre si

próprio, eis uma tarefa árdua, em particular abrir o leque de memória sabendo que muitos outros terão a oportunidade de ler. Como dizia Clarice Lispector: “[...] só posso dizer quanto mais se escreve mais difícil é escrever”. Pois bem, quero iniciar com uma parte do poema “Meus oito anos” de Cassimiro de Abreu: “Oh! que saudades que eu tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida que os anos não trazem mais!” Assim como o poeta, tenho alimentado em mim essa saudade imensa. Eis a data importante, 13 de setembro de 1991. Pequena criatura surge no interior pacato onde moro até hoje, Poço Branco/RN, meu xodó, das sombras das laranjeiras, das mangueiras, dos cajueiros, do córrego da água cristalina, da infância querida.

Sou o décimo segundo filho de uma família composta por 14 irmãos. Eis um lar grande e muitas vezes silencioso, repleto de alegria e diálogo. Tenho que agradecer aos meus pais, mulher guerreira e paciente e um homem trabalhador.

Caríssimo leitor, tenho que registrar um ano importante, 1998, começo a estudar na Escola Municipal Ministro Aluizio Alves, Poço Branco/RN, onde percorro do primeiro ano do Ensino Fundamental até o quinto do mesmo ciclo. Como eu, acredito que você traz lembranças marcantes do período de escolaridade, os amigos, as aulas chatas e impacientes, os momentos de intervalo, a professora *casquinha* de Matemática e muitas outras recordações. Ficou o caderno, rabisado com uma letra feia e difícil de decifrar, nele, registro de recordações dos anos iniciais de estudos repletos de significados para mim.

Passado esse período, ingresso na instituição pública de ensino na mesma cidade, para concluir o Ensino Fundamental e Médio na escola Estadual Estudante José Francisco Filho. Isso entre os anos de 2003 e 2009. É difícil escrever pouco sobre essa jornada. Muito tenho a ressaltar, mas em outra oportunidade registrarei. Confesso que foram momentos marcantes em minha vida e símbolo maior dessa escrita, foi lá que fiquei enamorado pela docência, admirava a postura dos professores, aquelas pessoas com um giz na mão, com livros, explicando e, a turma, nem aí. Sempre fui dedicado, por muitos era visto como o menino que gostava de ler muito.

Desde criança, sentia a atração por muitas brincadeiras, futebol, bandeirinha, mas uma era especial, escolinha. Briga constante entre os amigos para saber quem ia ser o professor. Levantava a voz, discutia e sempre era vitorioso,

“sou eu o professor”.

Caro leitor, abro um parêntese, questionando: quem não passou pelo período de se apaixonar na adolescência, atire a primeira pedra. Nessa fase, também, o desejo de me tornar um poeta, rabisca aqui, escreve ali, palavras e mais palavras para caracterizar meu pensamento. Até hoje trago essa marca da adolescência. Nos momentos de depressão, na alegria, no momento de socialização com os amigos, das leituras realizadas, tudo é palco para registro na linguagem poética.

Há um livro em cada um de nós. Acredito que é isso mesmo. Uma enciclopédia, registrando passo a passo de cada um de nós. A cada página um novo olhar, uma nova caminhada, seria, pois, a vida uma brincadeira de criança. Hora tem início, todos brincam e a socialização é construída. Quando menos se espera, tudo termina, cada um para sua casa. Empolgados com as lutas e fracassos da brincadeira.

Pois bem, Ensino Fundamental, juventude, é hora de despertar, a idade avança e é preciso discernimento para distinguir os anos vindouros: 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Vestibular? Ficar dependendo dos pais? O que fazer? Estou prestes a completar 18 anos. Idade que requer mais maturidade, como dizia Freud, morrer o instinto de criança presente em cada um de nós.

Os professores foram parceiros marcantes nesse período de estudo. “É preciso enxergar novos horizontes”, dizia a professora de Língua Portuguesa. *“Para ser gente nessa sociedade, temos que estudar”*, eis as palavras do professor de História. De cada conselho aproveitava o suficiente para enriquecer a minha caminhada. Pois bem, concluo no ano de 2009 o Ensino Médio.

Vamos sorrir leitor, é preciso sorrir. Reconhecer que muitos foram anjos em nossas vidas. Contribuíram de alguma forma para o fortalecimento de nosso trajeto. Quero gritar, quero gritar para o mundo, *“conclui os estudos”*. Frase pobre de espírito essa, nada de concluir.

O que me sustenta é a necessidade e curiosidade. A necessidade me faz criar um futuro. A curiosidade o descobrimento. “O meu desejo é algo primitivo, grave e que impulsiona” (Clarice Lispector). Um novo rumo é preciso trilhar, o ensino superior é meta.

Pois bem, vamos virar a página desse registro, nada de retrocesso.

Um novo rumo: Ensino Superior

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Fernando Sabino

A vida nos reserva cada coisa, momentos e conquistas inesquecíveis. No ano de 2010, realizei a inscrição e prestei Vestibular para o curso de Ciências da Religião, ofertado pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Quem já prestou Vestibular sabe da dedicação para alcançar a aprovação, comigo não foi diferente. Dedicação aos estudos, consegui. Vejo o meu nome na lista dos aprovados. Aulas tem início no primeiro semestre letivo de 2011. *Valei, Minha Nossa Senhora de Lourdes, e agora?* Deixar a cidade, os amigos, e se dedicar aos estudos.

Às vezes, almejamos algo em nossas vidas, mas os obstáculos são cruéis, a *retumba* é grande. *Não vai dar certo? Vou ter capacidade?* É preciso ter ousadia, mesmo com negatividade de sua mente, algo lhe impulsiona, tente. Tudo está caminhando bem, estou muito feliz, prestes a concluir o sexto período, muita leitura e escrita, a disciplina é essencial.

Lembro-me de uma frase de Rubem Alves (1990, p.13.), “[...] os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma “estória” a ser contada”. Novamente senhor leitor, estou convivendo com os meus verdadeiros heróis, espelho de docência, de superação e admirável humildade. São os professores da Universidade. Eternamente agradecido. Foram anos de debates plausíveis, conhecimentos mobilizados, em particular o conhecimento humano...

Escrever sobre o passado é bom, porém, nos leva a reconhecer a fragilidade humana. Choro, enquanto escrevo, relembro os risos e discursos, as noites em claro. Não posso deixar de salientar o quanto o conhecimento elaborado no período de graduação possibilitou-me um olhar mais crítico, questionador sobre as coisas. É preciso perceber o mundo em volta com um olhar maduro.

Muitas disciplinas concluídas, oficinas de estudo também. Mas não posso deixar de ressaltar sobre o PIBID. Sim! Foi nesse projeto que cresci como universitário, partilhando leituras e multiplicando saberes. Os trabalhos desenvolvidos em grupo nas instituições de ensino possibilitaram-me refletir sobre o papel do professor de Ensino Religioso na contemporaneidade. Os materiais construídos muito vêm a contribuir na perspectiva de melhorar a prática pedagogia e metodologias nessa área de conhecimento.

Nobre leitor, lembra que iniciei falando dos obstáculos para o ingresso no ensino superior? Consegui vencer, mesmo com grandes empecilhos, saí vitorioso. Que venham a pós-graduação, o mestrado e outras etapas de ensino. Estou preparado, fisicamente, intelectualmente e humanamente.

Prazeres a reflexão: as leituras registradas

*De tudo que possui,
posso e irei possuir,
os livros sempre terão maior valor.*

Um novo passo, um Subprojeto no curso de Ciências da Religião, Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental, oferecido pelo Programa Institucional de Bolsa a Iniciação à Docência (PIBID), com vistas a desenvolver a construção do diário de leitura. Vou encaminhar a você, leitor, os livros lidos por mim durante o programa no ano de 2014. Vamos juntos percorrer por um caminho fantástico, voando na imaginação proporcionada por muitos autores, seja nos livros infanto-juvenis, nas recomendações de leituras e livros que reverencio. Vamos abrir o champanhe, brindar às alegrias e às saudações que os livros proporcionam.

Início com a obra de Rildo Cosson (2012), cujo tema central é o letramento literário. Em uma sociedade cada vez mais fortalecida pela escrita e leitura, a contextualização sobre o papel do letramento é de fundamental relevância. Comungo do pensamento do autor quando expressa a necessidade de se trabalhar com a literatura na escola. Segundo ele, serviria, pois, a literatura

“[...] para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (COSSON, 2012, p.20). Muito interessante seu pensamento, podemos concordar, sim ou não, caro leitor? Pense bem, veja o que Cosson ainda explica: “[...] a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência” (COSSON, 2012, p.17). A educação, enquanto processo de saber, deve proporcionar a busca de meios que despertem a aptidão das pessoas para com o mundo da leitura e escrita. Fonte segura é a literatura, rica em leituras significativas e desafiadoras, imaginar o imaginário, percorrer novos caminhos por meio da leitura. Se você não teve essa experiência com a literatura, não perca tempo, nada a perder se começar agora.

Quase me esqueci, e o que é letramento mesmo? Necessitamos de um espaço só para contextualizar esse tema. Mas de forma sucinta, acredito que designa-se por letramento os usos que fazemos da escrita em nossa sociedade, sendo assim, significa bem mais do que o saber ler e escrever.

Dentro do projeto, foi realizada a divisão de grupos para a realização de trabalhos em escolas municipais na cidade de Natal/RN. O grupo do qual sou componente, tivemos como horizonte o desenvolvimento de atividades com o objetivo de se trabalhar em turmas do sétimo ano da Escola Municipal Professora Terezinha Paulino, aspectos do sagrado na poesia de Patativa do Assaré. Foi uma proposta muito significativa, tanto para mim, como para os demais componentes e o corpo discente com o qual trabalhamos. Para tanto, foi preciso a realização de leituras em torno do conceito, prática e reflexão da poesia no cenário escolar. Bem como, tornar-se leitor autêntico das belas poesias de Patativa do Assaré, poeta que escolhemos para ser referência nas atividades a serem desenvolvidas no Ensino Religioso.

Diante desse contexto, fomos orientados primeiramente para a realização da leitura da obra de Jolibert (1994). Essa obra busca aprofundar as reflexões em torno da construção de crianças leitoras na escola. A leitura muito contribuiu para que eu pudesse ter tanto um embasamento teórico como prático a partir das atividades propostas no livro. Foi uma experiência rica, uma vez que despertou o enxergar no tocante aos trabalhos com poesia na escola. Para o autor, a poesia é descoberta do mundo, descoberta de si, de outrem. Contribui para explorar o real e o imaginário. Em suas palavras: “[...] permite ter sob o real um poder

de transformação, de motivação, de prospecção e criação, tanto quanto sobre o imaginário que é, por isso, profundamente ligado à realidade” (JOLIBERT, 1994, p. 197). Permita, senhor leitor, aprofundar mais sobre a citação acima reverenciando outra obra. Almeida (2012) propõe uma abordagem sobre a poesia na escola, de forma simples e rica em conteúdo e argumentação, pode-se perceber, nesse livro, o quanto a linguagem poética pode contribuir no despertar dos alunos o desejo e anseio diante de contexto diversos. Para Antunes (2012, p. 65) “[...] a poesia vive dentro de um espaço criativo em que a imaginação tem por obrigação brincar, mas ali dentro também existe certa quietude, como um silêncio de flor, que precisa da semente para depois desabrochar”.

A poesia vive em cada um de nós, sou protagonista dessa afirmação, sou enamorado pela poesia, antes mesmo dos trabalhos no Subprojeto, sempre admirei os poetas, nesse mundo da literatura.

As atividades não pararam apenas com a leitura teórica, tive que entender teoricamente para melhor desempenhar a prática na sala de aula. Eis um momento importante em minha formação acadêmica. Contribuir na área do Ensino Religioso na compreensão do sagrado e de suas manifestações e modificações na sociedade. Pois bem, vamos adiante, tenho que agora falar das poesias de Patativa do Assaré.

Vejamos que o mundo pode ser compreendido, meu leitor, diante do contexto poético desse contemplado poeta. Entre o grande volume de poesias, podemos citar inúmeras, porém, vejo a necessidade em poucas palavras de comentar como essa linguagem foi importante no PIBID, na minha formação enquanto cientista e profissional na área da Educação, e o trabalho desenvolvido com os alunos na escola.

Passo a passo, inicialmente tivemos como autor principal de estudo, Brito (2010), quando defende que Patativa foi o porta voz de um povo, e aborda o sagrado de forma múltipla. Em sua visão:

Haveria uma aura sagrada preenchendo os espaços de vida e o significado que o homem do sertão de Patativa lhe confere. Algo distinto do mundo puramente humano, mas terreno do profano também, que sofre interferência do sagrado. (BRITO, 2010, p. 17).

Na humilde e matuta palavras de Patativa, somos levados a perceber que a vida é puramente repleta de simplicidade, somos convidados a enxergar o mundo na ótica da generosidade e marcados pela profunda compreensão das marcas do sagrado na vida em sociedade.

Vamos remar um pouco mais e saborear de temperos marcados pelas palavras. Tive que contemplar as leituras em outras obras, entre elas a de Nelly Coelho (2000). Um encantamento em torno da literatura infantil, teoria, análise e didática. Sou humilde em ressaltar que muito aprendi ao realizar a leitura da obra. Logo fiquei fã de suas escritas, a divisão do livro está em temas diversos, como a natureza da literatura infantil na escola, a crítica e modalidade das práticas, o material e estratégias para o bom desempenho das atividades, e o mais importante na minha visão, a poesia e seus sentimentos. Naveguei por águas cristalinas, por horizontes marcados pela contemplação do entendimento e contribuições da poesia. Sendo assim, é mister ressaltar que, para Coelho (2010, p.221); “[...] a essência da poesia arraiga em um certo modo de ver as coisas. Uma visão que vai além do visível ou do aparente, para captar algo que nele não mostra de imediato, mas que lhe é essencial”. Logo me vem à tona, a poesia de Drummond, quando expressa que “*no meio do caminho tinha uma pedra*”. Multiplico entendimento pode-se girar em torno do entende essa pedra. Seria isso a afirmação de Coelho. A poesia nos possibilita compreender o ato de enxergar além do visível.

Já estou um pouco cansado, leitura vai e vem, atividades e mais atividades, tenho metas e devo apresentar resultados. Vamos para a escola Professora Terezinha Paulino. Primeiramente, tivemos que realizar uma abordagem sobre as perspectivas futuras a serem desenvolvidas e realizadas com os alunos. Para começo, uma análise do contexto de Patativa do Assaré, sua vivência e forma de escrever, suas raízes e o mundo em sua volta. Logo após um trabalho de leitura das poesias do sertanejo, vejo que o trabalho está sendo positivo, os alunos estão contribuindo com as propostas. Mais é preciso uma metodologia lúdica, pois bem, vamos retratar o aspecto do sagrado por meio da pintura. “*Oba!*” Grita um. “*Que legal!*”, outro aluno fala. Assim, vamos caminhar com os discentes por novos horizontes, que provoquem a reflexão da pintura, da poesia e do conhecimento sobre o fenômeno religioso de que trata o Ensino Religioso Pluralista.

E, nesse contexto de ensino e aprendizagem, fomos criando laços de encantamento pelo trabalho docente. Muito ainda poderia registrar, mas deixarei para outra oportunidade. Enfim, é vivendo e aprendendo, em meio aos encantos e desencantos da prática acadêmica, da vida corriqueira. Pois bem, essas poucas linhas foram registros de um sopro de vida.

Referências

ALMEIDA, Adriana Antunes de. **Poesia na escola: a vida tecida com arte**. São Paulo: Paulus, 2012.

BRITO, Antonio Iraldo Alves de. **Patativa de Assaré: Porta-voz de um povo. As marcas do sagrado em sua obra**. São Paulo. Paulus. 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

JOLIBERT, Josette. **Formado crianças produtoras de textos**. Trad. Walkiria. M. F. Settineri e Bruno Charle Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Além da formação de uma acadêmica, formação para vida



Priscila Fernandes da Costa



Prezo insetos mais que aviões. Prezo a velocidade das tartarugas mais que a dos mísseis. Tenho em mim esse atraso de nascença. Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso. Meu quintal É maior do que o mundo.

Manoel de Barros

Meu nome é Priscila Fernandes, tenho 21 anos, estou no sexto período do curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Em março de 2014, o curso recebeu o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leituras e material pedagógico para o Ensino Fundamental* – para o qual fui selecionada como bolsista. Sabia que seria mais um desafio para enfrentar na minha vivência acadêmica e seria, a partir dessa experiência, que teria a certeza se realmente queria seguir a carreira docente.

Assim, naquele mês, a professora Araceli Sobreira, coordenadora de área do Projeto, propôs a todos os bolsistas a criação de um diário de leitura, que achei interessante, pois essa seria uma forma de incentivo à escrita. Contudo, um pouco provocativo, já que não seria somente escrever sobre nossas leituras acadêmicas, mas também sobre obras literárias. Não que eu não goste de lê-las, mas, ao contrário, exatamente por gostar e saber que elas revelam um tanto sobre o ser íntimo e profundo de cada pessoa, como é o caso da poesia, da crônica, da ficção e até mesmo dos contos, os quais revelam o que queríamos dizer, mas não encontramos as palavras certas, em nossas almas despidas de

vestes e máscaras. Faço minhas as palavras de Cosson (2014), que pontua a experiência literária como aquela que permite que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos.

A escrita é uma das formas de comunicação da nossa sociedade e, por meio dela, podemos eternizar nossos pensamentos, ideias e reflexões e somente através da decodificação/compreensão da escrita é que temos acesso ao pensamento dos outros, ou seja, a partir da leitura. É por compreender isso que tenho coragem de externar uma parte de mim, através do meu diário de leitura. A leitura vai além da decodificação das palavras, ela tem o poder de uma máquina do tempo, pois nos remete a um contexto histórico, social e econômico de épocas diferentes e vai além, nos conduz a refletir sobre questões existenciais, formulando respostas a partir da concepção do outro.

Nos dias atuais, a leitura é mais valorizada para um conhecimento científico, ou simplesmente para fazer a prova do Vestibular (ENEM), ou concurso, e a leitura literária se encontra em segundo plano. Não dão o seu devido valor, haja vista que a literatura é uma área de conhecimento que transcende o método conteudista, pois segundo Cosson, autor recentemente lido por mim:

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. (COSSON, 2014, p.17).

Segundo esse autor, é também a partir da literatura que conseguimos romper os limites do tempo e do espaço, incorporando a ideia do outro em nós, sem deixar de ser único, sem perder a identidade.

Mesmo tendo uma atração por leitura de obras literárias, considerando que nunca fui uma boa leitora, quando entrei na Universidade, elas ficaram mais de escanteio, as obras científicas ficaram em primeiro plano, pois eram leituras obrigatórias que tomavam um bom tempo do meu dia-dia. Entretanto, o PIBID trouxe a leitura literária para o meu cotidiano; essa prática me ajudou a rever certas concepções de mundo, a refletir sobre a vida, com uma nova ótica e a identificar alguns espaços do *quintal* do infinito do meu ser, o qual sempre esteve lá, mas nunca tinha dado à devida atenção. A música *Coisas que eu sei* cantada

por Jorge Vercillo me define tanto antes como depois da experiência leitora:

Eu quero ficar perto
De tudo que acho certo
Até o dia em que eu
Mudar de opinião
A minha experiência
Meu pacto com a ciência
Meu conhecimento
É minha distração...
[...]

Coisas que eu sei
As noites ficam claras
No raiar do dia
Coisas que eu sei
São coisas que antes
Eu somente não sabia...

Agora eu sei...
Agora eu sei...
Agora eu sei...

Assim, quando entrei no PIBID, imaginei que chegaria à sala de aula e aprenderia como lecionar com o professor de Ensino Religioso da escola escolhida, no entanto, isso não seria tão simples assim, haja vista que o objetivo do projeto é aperfeiçoar e valorizar a formação do professor da educação básica, então, não seria mesmo de qualquer forma. Ainda no mês de março de 2014 foram feitas oficinas pedagógicas para haver uma melhor compreensão do subprojeto: *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leituras e material pedagógico para o Ensino Fundamental*. Os *pibidianos* foram divididos em quatro grupos, para serem trabalhados os gêneros literários como os contos, mitos, poesia e filme, os quais buscaram um diálogo com o conhecimento das Ciências da Religião, destacando o Ensino Religioso Pluralista:

[...] nessa perspectiva da formação plena do cidadão, no contexto de uma sociedade cultural e religiosamente diversa, na qual todas as crenças e expressões religiosas devem ser respeitadas, que se insere o Ensino Religioso como disciplina curricular, conforme a atual legislação (FONAPER, 2009, p. 6).

Por compreendemos a necessidade da formação plena do cidadão, procuramos ampliar nossa metodologia para trabalhar também a ação prática leitora na perspectiva do letramento literário voltada para o Ensino Religioso Pluralista. Foi dado como referencial teórico o livro *Letramento Literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson, o qual foi muito importante para minha compreensão do que é letramento e da necessidade da literatura nas escolas, considerando que o letramento “Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como a concebemos usualmente a alfabetização, mas sim a apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas” (COSSON, 2014, p. 11).

Nessa compreensão, a prática da leitura e da escrita devem transpassar os muros da escola, pois é, através delas, que podemos conhecer o outro, de nos eternizar e também de criar respostas para perguntas centrais da vida, como já dizia *Clarice Lispector*: “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever”. A literatura nos ajuda a romper os limites do tempo e do espaço e, dessa forma, nossa escrita também surge por buscas de respostas, das quais nunca estaremos satisfeitos... Nesse contexto, percebemos o quanto a literatura pode ser inserida nas aulas da disciplina de Ensino Religioso, pois as duas não trazem somente conteúdos para o conhecimento de mundo, mas também e, principalmente, para a vida, ajudando, assim, na formação de um cidadão crítico, reflexivo que sabe se posicionar diante dos problemas existentes no mundo.

Na divisão dos gêneros, o meu grupo ficou com os *contos populares*. Como consequência, trabalhamos, especificamente, os contos populares de alumbramento de *Ricardo Azevedo*. Mas, para compreendemos melhor e levarmos para sala de aula os contos de alumbramento, vimos como surgiram essas narrativas e qual a sua importância. Aprendi, desse modo, que os contos populares surgiram a partir de uma tradição oral, a qual tinha por objetivo transmitir uma argumentação moral, ou para apresentar a situação cultural, econômica e social de sua época (GUIMARÃES, 2000). De acordo com Ricardo Azevedo (2010, p. 2):

[...] contos [...] são típicas expressões de culturas orais (sem escrita), ou seja, culturas que não contam com recursos para fixar informações. De narrador em narrador, guardados, através

dos séculos, na plasticidade da memória e da voz, viajaram para todos os lados sendo disseminados pela transmissão boca a boca.

Há uma grande importância na contação dos contos populares, pois, por meio deles, podemos criar em nosso aluno a arte de ouvir, haja vista que desde o homem da caverna, quando os homens desenvolveram a fala, a aprendizagem era feita exclusivamente pela oralidade. Com a descoberta, evolução e valorização dos processos da escrita, a aprendizagem não mudou, no entanto, há um grande significado no processo de letramento, pois para formar um aluno letrado e alfabetizado é necessário passar pelo *corpo da linguagem* (COSSON, 2014) para obter o conhecimento do mundo. Assim, os contos terão uma importância no conhecimento de mundo, por viabilizar o saber de um povo, das memórias dos nossos antepassados, como também por conseguir compreender o outro (pela alteridade) na sua essência.

O meu grupo decidiu trabalhar com um livro específico de Azevedo (2003) chamado *Contos de Enganar a morte*. O autor trata o tema de uma forma lúdica, o que ajuda a refletir o tema da *Morte* de maneira mais leve. No primeiro momento não foi fácil, pois tinha a concepção de morte como algo ruim, já que meus pais me ensinaram que “o salário do pecado é morte” (Romanos 6;23), então, tudo que remetesse à morte não era bom. No entanto, no ínterim do percurso de estudo, tive a satisfação de participar da formação continuada de professores do Ensino Religioso de Natal, ministrado pelo professor João Bosco, sobre como abordar o tema morte em sala de aula. Foi um momento de rever meus conceitos com outro olhar. Pude entendê-la não mais como consequência do pecado, mas, sim como um ritual de passagem no qual todo ser que tem vida, passará.

Essa formação teve grande contribuição, pois por meio dela, tive a curiosidade de conhecer mais um pouco sobre esse tema e perceber que precisamos aceitar o fato das perdas e das rupturas que sempre ocorrerão a quem está vivo. O assunto *morte* me fez valorizar a vida que é tão finita, olhar para o outro e saber que teremos o mesmo fim e, por isso, não há necessidade de perdemos tempo com a mágoa ou ressentimentos, pois a vida é curtiinha e precisamos valorizá-la ao máximo e aproveitar as oportunidades. Essa foi uma das lições que comigo, me incentivando acreditar no conteúdo que seria levado às crianças da Escola Municipal Bernardo Nascimento, onde atuei como bolsista

do PIBID Ensino Religioso – Ciências da Religião.

No início de agosto de 2014, li os *Contos de Enganar a Morte*, do autor Ricardo Azevedo. Dentre tantos contos, o que me chamou atenção foi *O Moço que Não Queria Morrer*. A história de um jovem viajante que teve um encontro com a morte; esse encontro o fez desejar não morrer, pois para ele, a morte era inaceitável. O jovem começou a buscar um lugar onde não existisse morte, queria a eternidade. Na busca de um lugar em que ninguém morresse, encontrou-se no percurso com três velhos, em lugares distintos. Cada velho lhe ofereceu viver cem, duzentos e trezentos anos, mas em nenhum momento, ele aceitou, pois queria viver para sempre. Depois de muito andar, encontrou um castelo brilhante e, nos arredores, encontrou uma bela moça, a qual já sabia o seu nome. Perguntou se ela conhecia um lugar onde ninguém morresse e ela disse que aquele era o lugar. Ali ele viveria para sempre, se somente não saísse daquele local. O local era muito bom, mas o jovem sentiu falta dos amigos, da família e da cidade e queria voltar para revê-los. Embora houvesse passado quinhentos anos, mesmo assim queria voltar. Então, a bela moça disse que ele poderia ir a cavalo, mas que não descesse, pois se ele descesse, morreria. De volta para o castelo, com muita fome, a morte o enganou. O que me chama atenção nesse conto é que por mais que exista a mortalidade do corpo, queremos também a imortalidade da memória, das lembranças da alma... O jovem viajante tinha tudo, materialmente falando, mas sentia saudades. Nesse enredo, pude perceber que sempre a morte virá, demorou quinhentos anos para findar sua carne, mas sua alma já tinha morrido. Só se vive por uma causa, por um sentido maior que respirar...

Como iríamos trabalhar com o grupo, especificamente, com o conto *O Homem que Enxergava a Morte*, na sala de aula, dei uma relida nesse conto. A história mostra um homem muito pobre, pai de seis filhos e um na barriga, o qual sai em busca de uma madrinha para seu sétimo filho. Ele encontra a Dona Morte no meio do caminho, enche-a de elogios e a convida para ser madrinha do seu filho, ela aceita. A Morte se sente tão elogiada e faz com que o homem vire médico, dando-lhe o dom de saber quando alguém fosse morrer ou viver, pois a morte fez um trato: quando ela aparecesse na cabeceira do doente visitado pelo médico, a pessoa doente viveria, se aparecesse nos pés da cama, o doente

morreria. O homem ficou muito rico, mas o tempo passou e ele já estava velho quando a morte apareceu avisando que chegara a hora dele partir. Contudo, o homem insistiu muito, pois queria aproveitar o dinheiro que ele ganhara para viver mais. A Morte, então, deu mais um ano de vida. Porém, certo dia uma moça bonita estava muito doente e a Morte apareceu no pé da cama, indicando que ela iria morrer. O homem, com pena daquela bela garota, achou por bem enganar sua comadre, e virou a menina para o outro lado, fazendo com que a cabeça ficasse onde estavam os pés da cama, dessa forma, ele enganou a Morte. Esta, chateada, quis levá-lo, mas novamente ele pediu para ela só levá-lo depois de rezasse o Pai Nosso. A morte aceitou e novamente o homem a enganou, pois disse que não terminaria nunca de rezar. No final do conto, a Morte se fingiu de morto no meio de uma estrada, por onde o homem passou. Este, quando viu, pensou que era uma pobre pessoa que morrera sem ninguém, e acabou rezando o Pai Nosso para aquela pobre alma, fazendo assim, com que a morte acabasse pegando-o.

Apesar de a história ser muito divertida, tem como pano de fundo a questão da mortalidade humana, por mostrar que ninguém escapa desse destino. Por mais que o homem a tenha enganado, o seu dia chegou e pude ver que sua família apareceu somente uma vez na história, quando eles eram pobres. Depois que ficaram ricos, eles não aparecem mais; eu entendo que o conto é curto e a história principal não seria a família, mas a relação do homem com a *Morte*. No entanto, me faz refletir sobre o tema família. O homem ficou muito rico e tão ocupado com sua atividade de médico que não aproveitou sua família e, quando se deu conta, estava velho e nem mesmo tinha aproveitado sua riqueza. Isso acontece com muita gente na face da Terra, preciso melhorar na valorização do meu próximo e, principalmente, com a minha família.

Os contos de *Enganar a Morte* de Ricardo Azevedo contribuíram para minha formação como professora, haja vista que ele pode ser utilizado nas aulas de Ensino Religioso, pois possibilitam trabalhar de forma lúdica o tema morte, o qual se encontra nos *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso*. Entendendo que o conhecimento religioso “É a reflexão a partir do conhecimento que possibilita uma compreensão de ser humano como finito. É na finitude que se procura fundamentar o fenômeno religioso, que torna o ser humano capaz de

construir-se na liberdade.” (FONAPER. 2009, p. 34). Há uma necessidade de trabalhá-lo na sala de aula, tendo em vista também os eixos temáticos como os Ritos e Ethos.

No mês de maio de 2014, iniciei a leitura do livro escrito por John Green, um dos livros mais famosos dele: *A Culpa é das Estrelas*. Ouvi pessoas criticando, sem mesmo ter lido! Acredito que o desejo, o gosto pela leitura começa pelos livros de fácil compreensão, aqueles que trazem um misto de sensações como alegria, tristezas, reflexão sobre a vida e lhe levam a viajar por mundos desconhecidos... Enfim, o livro de Green me trouxe todas essas sensações, as quais há muito tempo não sentia na leitura. É sabido a falta de interesse dos alunos pela leitura, acredito que se trabalhamos com livros de linguagem simples, fáceis de ser compreendido, os quais trazem algumas lições, podemos provoca-los para o gosto da leitura.

Voltando ao livro *A Culpa é das Estrelas*, o qual tem uma narrativa em torno de uma garota de dezesseis anos, chamada Hazel Grace, que sofre de um câncer no pulmão e por causa de uma droga milagrosa medicinal, consegue diminuir a metástase dos pulmões e consegue ter mais tempo de vida. No entanto, a personagem só *imagina sua* própria morte, até o momento em que se encontra apaixonada por um garoto chamado Augustus Waters, de dezessete anos, que tem uma perna amputada por causa do câncer, ele tinha um humor completamente diferente da garota.

Os dois se encontram no grupo de apoio, onde Hazel não tinha prazer em ir, eles foram apresentados por um amigo em comum chamado Isaac, esse tinha um câncer nas córneas e estava prestes a perder a visão. O encontro de Hazel e Gus foi muito importante para a mudança no humor dela, na verdade duas personalidades diferentes, enquanto ela amava um mesmo programa de televisão e adorava o livro chamado *Uma Aflição Imperial* do autor Peter Van Hosten, cujo seu sonho era conhecê-lo pessoalmente, ele gostava de jogar vídeo game, assistir ao filme chamado *V de vingança* e vivia intensamente, pois acreditava na vida.

O que me mais me chamou atenção, no decorrer da leitura, foi quando o personagem Augustus Walter expressa seu medo de ser esquecido; isso me fez lembrar a leitura do livro *Labirintos da memória: quem sou?* Obra que li,

quando estava no terceiro período do curso de Ciências da Religião. Nessa obra, a autora aponta os aspectos da memória, explicando que:

[...] As memórias individuais, coletivas e históricas se entrelaçam e podem favorecer a construção de sentidos para as trajetórias e os projetos. Essa busca de sentido pode ser vista também como no (re) conhecimento da trajetória em processo que articula passado, presente e futuro. [...] (BRANDÃO, 2008, p. 30).

Nos dois livros percebi a necessidade que o homem tem de ser rememorado, tendo o desejo de deixar suas marcas nesse mundo, como bem enfatiza Brandão (2008), no aspecto da busca de sentido a partir das memórias individuais, coletivas e históricas. O bom desse livro, *A culpa é das estrelas*, foi o romance entre dois adolescentes, os quais estavam com câncer, mas cujo tema principal do enredo não era a doença em si, mas, sim, um casal de jovens apaixonados que vivia intensamente finitude da vida.

Fazendo a relação dessa narrativa com o Ensino Religioso e a problemática do desinteresse pela leitura dos alunos no Ensino Fundamental II, entendo que é possível trabalhar com uma obra literária do cotidiano das aulas, para trazer assuntos do Ensino Religioso de uma maneira mais prazerosa que despertem o interesse pela leitura. A partir desse livro, é possível transpor para a sala de aula, na disciplina do Ensino Religioso, temas que favorecem para formação dos valores, tanto quanto a relevância da alteridade que permeia o relacionamento com o outro, como acontece entre os personagens do romance acima. Compreendo, assim, a importância de se respeitar esse outro, mesmo diante das diferenças do ser como indivíduo.

No começo do mês de junho li o livro *Guerra dentro da gente*, de Paulo Leminski. Nesse livro, o autor narra a história de um garoto chamado Baita, filho de um lenhador muito bruto que estava sempre bêbado e batia na sua esposa e no próprio Baita. Certo dia, ele foi buscar lenha na floresta, quando encontrou um velho, a quem perguntou se ele queria conhecer *a arte da guerra*. O menino muito curioso queria conhecer essa arte mencionada pelo velho, porém, este lhe dá um enigma e, se o decifrasse, o velho lhe ensinaria. O menino muito esperto, depois de algumas tentativas, conseguiu decodificar o enigma e, a partir disso, começa as aventuras de Baita. Nessa aventura, ele encontra vários desafios até

mesmo para compreender a alma humana e a si próprio. O livro é interessante, pelo menos o que ele quis passar, mas eu não gostei do final. Ah! Gostei dessa frase: “Nesta vida, pode-se aprender três coisas de uma criança: estar sempre alegre, nunca ficar inativo e chorar com força por tudo o que se quer” (LEMINSKI, 1991). Esse livro me proporcionou repensar a questão da confiança no outro, pois o velho ludibriava o garoto, no qual acreditava que ele ajudaria, mas como futura professora não usaria esse livro em sala de aula, pois não está enquadrado nos eixos curriculares do Ensino Religioso.

No mês de Julho li *O Retorno e Terno*, crônicas de Rubem Alves; não conhecia o lado de Alves como cronista e me chateio bastante por isso. Quanta sensibilidade! Como uma pessoa tem uma forma tão bela de falar sobre a vida? Nas suas leituras, consegui ver um dos tantos espelhos da minha alma, como ele mesmo diz: “Meus espelhos são muitos [...]” (ALVES, 2013, p.19). Gostei das suas crônicas, pois além de falar de alguns autores que acabaram entrando na minha lista de leitura, como Adélia Prado (preciso ler!), Álvaro de Campos, Fernando Pessoa, Cecília Meireles, entre outros, ele conseguiu transpirar poesia em suas suas crônicas, deixando-as vivas.

Em setembro, pude ler o livro mais lindo, emocionante, pequeno em página e grande na dimensão de aprendizado. Fazia um tempo que tinha o desejo de conhecê-lo e o tempo chegou! *O Pequeno Príncipe*, de Antoine De Saint – Exupéry. A obra narra a história do encontro de um homem com um menino de outro planeta, de forma metafórica, o autor conta como os adultos perdem a criança que existe dentro de cada um. Na viagem para outros planetas, o príncipezinho me fez refletir sobre como nos preocupamos mais com o poder, no ter do que o ser, como o humano se mostra supérfluo. Esse livro me mostrou como precisamos cuidar do que amamos; “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas” (SAINT- EXUPÉRY, 2009, p. 72). Um livro que, com certeza, usarei nas minhas aulas de Ensino Religioso, quando exercer minha futura função de professora, pois como é dito nos Parâmetros: “[...] espera-se que, a partir do gosto pela história, o educando chegue ao conhecimento da origem das narrativas sagradas e à formação dos textos sagrados” (FONAPER, 2009, p, 70), ou seja, é necessário trazer as noções de valores, o *ethos*, por meio da leitura para, posteriormente, entender as tradições religiosas.

Outubro é mês de poesia! Peguei o livro no acervo do *Virando a Página*⁹, chamado *Boa Companhia*, uma coletânea de poesias de vários autores. Não tenho o costume de ler poesia para entender o que foi escrito, mas sim, para senti-lo. O engraçado é perceber certa vergonha quando estou lendo, parece que alguém em algum lugar conhece o pouquinho do que sinto. Não tenho dúvidas de que dá para trabalhar poesia no Ensino Religioso, acredito que, em muitas disciplinas, poderia ser utilizada a poesia, mas ainda leio de uma forma leiga, por fruição, espero aprender a trabalhar com esse gênero dentro da sala de aula. Por enquanto me divirto, sinto, vivo...

Desse livro, a poesia que me chamou atenção foi a de Arnaldo Antunes chamada *Um dia*. Nela, Antunes lista alguns prazeres da vida nas coisas simples. Eis a lista do poeta e eu concordo com ele (risos):

- 1) Sujar o pé de areia pra depois lavar na água
- 2) Esperar o vaga-lume piscar outra vez
- 3) Ouvir a onda mais distante por trás da onda mais próxima
- 4) Não esperar nada acontecer
- 5) Se chover, tomar chuva
- 6) Caminhar
- 7) Sentir o sabor de que comer
- 8) Ser gentil com qualquer pessoa
- 9) Barbear-se no final da tarde
- 10) Ao se deitar para dormir

Nessa lista do autor, eu modificaria dois itens, o número dois e o nove para adequar-se a mim. No item dois, eu colocaria: *Esperar o último fôlego dentro da água e emergir para respirar*. E meu item nove seria: *Tomar banho depois de um dia de trabalho*.

Por fim, toda essa experiência vivida no ano de 2014 no PIBID proporcionou uma melhor compreensão do ato de ser professor, pois é preciso transmitir mais

⁹ Projeto de extensão do curso de Ciências da Religião

que conteúdos, tendo em vista que somos formadores de opinião para preparar cidadãos críticos, responsáveis, mais humanos, os quais aprendam a respeitar o outro independente da sua raça, cor, credo. Acredito que o Ensino Religioso tem um papel fundamental dentro da escola, pois além de ampliar a visão de mundo do aluno para as várias práticas religiosas existentes no mundo, temos também o papel de ampliar a visão do aluno para alma, o ser.

Referências

ALVES, Rubem. **O Retorno e Terno**. 29. ed. Campinas, SP; Papyrus, 2013.

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. São Paulo: Ática, 2003.

VÁRIOS AUTORES. **Boa Companhia: poesia**. São Paulo: Companhia de Letras, 2003.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. **Labirintos da memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO – FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Religioso**. São Paulo: Mundo Mirim, 2009.

GREEN, John. **A Culpa é das Estrelas**. Tradução de Renata Pettengill. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

GUIMARÃES, Maria Flora. O conto popular. In.: BRANDÃO, Helena Nagamine (Coord.). **Gêneros do discurso na escola**. São Paulo: Cortez, 2011, 85-117. (coleção aprender e ensinar com textos: v. 5).

LEMINSKI, Paulo. **Guerra dentro da gente**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1991. (Série diálogo).

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

Lendo e reaprendendo: um novo olhar sobre as leituras literárias



Não vemos as coisas como são: vemos as coisas como somos.

Anaís Nin

Olá, me chamo Rosiane da Silva Paulo, sou discente do curso de Ciências da Religião na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Ciências da Religião/UERN – *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leituras e material pedagógico para o Ensino Fundamental.*

Primeiramente, irei descrever um pouco da minha trajetória como leitora. No Ensino Fundamental me destacava mais nas matérias da Área de Humanas, não era muito boa com os números, sendo as letras mais atraentes e de fácil compreensão para mim.

Comecei a ler cedo através de gibis. Na escola onde estudei, havia projeto de incentivo à leitura e sempre que podia participava, mas foi na sétima série que me deslumbrei pela leitura literária devido a uma atividade aplicada pela professora de Língua Portuguesa. Ela pegou diversos livros na biblioteca e pediu para escolhermos um, posteriormente deveríamos relatar como foi a leitura, o que achamos e quem quisesse poderia ler um trecho ou o livro completo para depois trocarmos as obras com os colegas, fazendo rodízio dos livros; esse momento foi o divisor de águas na minha vida como leitora, uma das obras que li foi uma crônica de Luís Fernando Veríssimo, *Uma surpresa para Daphne* (nunca esqueci esse título!), mesmo com vergonha e por insistência da professora li a crônica.

Foi muito engraçado, pois ao ler em voz alta para todos ouvirem, simplesmente me entreguei à obra interpretando os personagens, transportando-me para dentro da história. Assim, todos os alunos começaram a prestar atenção na minha leitura e, no final, todos nós demos gargalhadas devido à história, em si, ser engraçada e à maneira pela qual contei, tornando a narrativa mais atrativa.

Adorei a crônica e, a partir disso, fui me aprofundando mais e mais nas leituras literárias e, depois dessa experiência, li mais outros livros e comecei a adquirir alguns. No Ensino Médio, não foi diferente, as leituras tornaram-se cada vez mais prazerosas, lia constantemente. Entretanto, conhecia superficialmente ou apenas por trechos, através das aulas de literatura, as histórias, então decidi adquirir os livros, pois queria ler na íntegra e conhecer mais sobre os autores dentre eles: Machado de Assis, José de Alencar, Eça de Queirós entre outros.

Atualmente, ao participar do projeto que tem como proposta, *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leituras e material pedagógico para o Ensino Fundamental*, encontrei desafios, pois ao me inserir na vida acadêmica, as minhas leituras literárias foram deixadas um pouco de lado pelas leituras obrigatórias do curso, o que não foi fácil, pois não estava acostumada com a leitura científica e de autores complexos, sendo assim, as leituras que eu realizava prazerosamente foram, de certa maneira, substituídas por leituras complexas e didáticas. Mas, nas primeiras ações realizadas no projeto, deparo-me com a atividade que me fez lembrar e vivenciar o quão prazerosa é a leitura literária e como futuramente poderei trabalhar isso em sala de aula. Tivemos que produzir um diário de leitura e, nós os bolsistas, pegamos alguns livros para registrar nossas impressões sobre as obras lidas. Essa atividade consistiu em construir experiências com base nas leituras literárias no intuito de tornarmos leitores ativos e interativos, auxiliando nas ações formativas do subprojeto PIBID - Ciências da Religião.

Em uma das obras proposta pela coordenadora do projeto, o livro *Letramento Literário: teoria e prática* de Rildo Cosson, o autor nos apresenta diversos questionamentos e problemas enfrentados pelos professores nas aulas de literatura. Como propagar a leitura literária em um mundo onde as novas tecnologias como internet, televisões, celulares competem e dividem a atenção e o interesse dos alunos? É desse e de outros questionamentos que o livro trata.

Utilizando-se de diversos artifícios que trabalham o letramento literário em sala de aula de maneira atrativa, Rildo Cosson defende que este processo é diferente da leitura literária, na verdade, esta depende daquela. Para ele, a literatura deve ser ensinada na escola. Observem o que ele orienta:

Devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2014, p. 23).

Sendo assim, não podemos por meio de uma prática realizada por muitos, solicitar ao aluno que leia uma obra e, depois, faça um resumo. Segundo Cosson, o professor deve proceder com a leitura literária, de acordo com as habilidades desenvolvidas pela escola para realizar essa atividade de letramento.

Posterior a uma apresentação teórica, Cosson apresenta as etapas que devem ser realizadas para uma melhor aplicação da atividade de letramento literário: a *motivação*, que consiste na preparação do aluno para que ele seja introduzido no texto; já na *introdução* é feita a apresentação do autor e da obra, sendo a leitura do texto em si acompanhada pelo professor; a última etapa é a *interpretação* que, para o autor, se dá em dois momentos, um interior e outro exterior. O momento interior compreende a decifração, é chamado de “*encontro do leitor com a obra*” e não pode ser de forma alguma substituída por algum tipo de intermediação como resumo do livro, filmes, minisséries. Já o momento exterior é a “materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2014, p. 65).

Analisando as etapas descritas, verificamos a diferença entre lermos uma obra sozinha e ler na escola seguindo essas ações. Por isso, é de fundamental importância realizar o letramento literário, pois formará alunos leitores com mais criticidade e entendimento, colaborando para uma melhor formação cidadã.

Apreendi muito com a leitura do livro e já inconscientemente, ou não, pratico a leitura de maneira diferenciada, procurando entendimentos mais avançados, ligando com outras questões e sentidos. É dentro desse contexto que as leituras foram realizadas para uma melhor compressão não só teórica, mas também na

prática correspondendo à proposta do projeto.

Selecionei algumas obras literárias para ler, escolhi algumas que já li anteriormente e outras, que por motivos específicos, optei por ler, no período correspondente aos meses de abril a junho de 2014. Iniciei as leituras de alguns livros começando pela epopeia *Odisseia*, que considero uma ótima narrativa. Já havia lido anteriormente, quando cursei o Ensino Fundamental, mas, após anos, retornar a ler esse livro me trouxe grande alegria, um sentimento de nostalgia.

Foi assim que, ao folhear as primeiras páginas, percebi que estava lendo com um novo olhar, talvez devido às experiências de leitura construídas ao longo da minha vida e, principalmente, à aprendizagem construída desde que iniciei o curso de Ciências da Religião na UERN. As principais ideias que me vinham à cabeça eram: como seria interessante abordar esse livro em sala de aula, qual seria a reação das crianças ao lerem uma história cheia de aventuras e descobertas?! Será que elas *viajariam* como eu *viajei* ao lê-lo pela primeira vez?!... É uma história que prende a atenção, os acontecimentos são contagiantes, tornando a leitura muito prazerosa.

A história nos mostra a aventura de Ulisses, um dos heróis gregos que participaram da Guerra de Tróia, e que retorna finalmente ao seu reino, Ítaca, após dez anos de luta. Desviado da rota inicial, Ulisses e seus companheiros vivem uma série de aventuras extraordinárias. Finalmente, ao chegar a Ítaca, o herói ainda tem de enfrentar os pretendentes à mão de sua esposa que todos acreditavam estar viúva, após os vinte anos de ausência do marido. A narrativa como um todo é ótima, mas a parte que mais gostei é quando Ulisses retorna a sua cidade disfarçado de ancião e é o único que consegue manusear o arco, deixando todos perplexos (páginas 70 a 79 da obra). Apesar de a leitura ser fácil, encontrei várias palavras das quais desconhecia o significado e procurei no dicionário, mas isso não tornou a leitura chata nem difícil de compreender. Enfim, super-recomendo *Odisseia*, literalmente viajamos com Ulisses e seus amigos nas mais diversas aventuras.

Depois iniciei o livro *O mundo perdido*, de Arthur Conan Doyle. Ao ler as primeiras páginas, percebe-se que é uma narrativa repleta de aventuras e descobertas regadas de grandes surpresas. A contracapa me chamou a atenção, pois contém a indicação da faixa etária, a partir de 11 anos, achei interessante.

O romance conta a história de um jornalista e de um professor que montam uma expedição para esclarecer descobertas recentes na Amazônia. Nessa eletrizante viagem, o mundo pré-histórico revela-se aos olhos dos exploradores, em pleno século XX.

Admirei muito a forma com a qual o autor escreveu essa obra, uma linguagem culta, tornando a leitura agradável e bonita, certamente essa parte irei sempre recordar. Deparei-me com diálogos que constantemente expressam sentimentos dos personagens; achei fantástico como o Doyle se preocupa em não apenas colocar o enunciado nos diálogos, mas também descrever a forma como foi realizada a conversa, os sentimentos e sentidos contidos, por exemplo: “– Que diz isso? – Exclamou o professor, esfregando as mãos com evidente júbilo. – E repare na figura do homem – continuou o professor, com a voz vibrante de entusiasmo”. (DOYLE, 2005, p. 23). Esses artifícios prendem mais o leitor, fazendo reproduzir um filme em sua mente.

Li o livro em poucos dias, e a história despertou grande curiosidade, me fazendo concluir rapidamente a leitura. A única coisa que me desagradou foi o final, pois um dos personagens principais se sacrificou tanto para conseguir casar com sua amada e, no final, ela o troca por outro (foi surpreendente, só lendo a obra para compreender). De maneira geral, gostei muitíssimo do livro. Ah! A história foi adaptada para uma série de TV, e antes de ler a história já tinha assistido, mas não há comparação em ler o livro, o qual é bem mais interessante.

O que dizer de um livro que traz em sua capa o título: *A insustentável leveza do ser?* Muito atrativo e simplesmente brilhante, essa obra é uma história para adultos com altas doses de pensamentos sobre o existencialismo filosófico dotados de humanismo. No decorrer da leitura, me vi em um dos seus quatro personagens principais. É inevitável não mesclar a minha realidade, nossa realidade com a dos protagonistas. A partir da vida de suas quatro personagens em destaque, as ações desse romance acompanham a história da Tchecoslováquia.

Tomás, médico de Praga que passa boa parte do tempo flertando com as mulheres sem jamais se envolver com nenhuma. Tereza, garçonete de uma cidadezinha do interior, buscando nos espelhos descobrir sua alma. A pintora Sabina e seu inseparável chapéu coco. E Franz, professor universitário suíço que tem uma “*fraqueza por todas as revoluções*”, conforme é posto na contracapa do

livro de Kundera (1986).

Li duas vezes, pois a primeira leitura não tinha compreendido muito bem a história, senti um pouco tediosa, pois o autor não segue uma linha sequencial de acontecimentos e, se não prestar bem atenção, fica difícil o entendimento do romance; a sexta parte do livro é bem prolongada, outros personagens aparecem e desaparecem na história todo o tempo, isso me incomodou um pouco, mas, na segunda leitura entendi melhor, tornando as partes chatas não tão maçantes.

A obra tem diversas passagens interessantíssimas, sendo quase impossível escolher a melhor, mas uma, que certamente ganhou destaque nas minhas observações foi este trecho: “a vida só acontece uma vez e não podemos jamais verificar qual seria a boa ou má decisão, porque, em todas as situações, só podemos decidir uma vez” (KUNDERA, 1986, p. 233). Nessa frase, já pude observar o que Kundera já passava no título, inclusive o título me intrigou muito, afinal, o que ele queria dizer com isso?! Tomamos decisões que podem ter resultados leves (por acontecer apenas uma vez, não há como saber se outra decisão ou caminho teria sido melhor) e pesadas, sendo as escolhas, algumas vezes, definitivas. Outra passagem que gostei muito: “[...] as nuvens alaranjadas do crepúsculo douram todas as coisas com o encanto da nostalgia, inclusive a guilhotina” (KUNDERA, 1986, p. 10). Não é uma leitura muito fácil, mas me encantou e recomendo: é um livro que nos faz pensar e repensar, filosofar e, por ter apreciado tanto o livro, estou procurando outras obras do autor. A história foi adaptada para filme, vi, mas o livro supera o filme.

Seguindo as leituras me deparo com *Tininho* (BLOCH, 2005). O que mais me chamou atenção primeiramente no livro foi o título *Tininho, o folgado*; veio-me logo à curiosidade de saber quem era o Tininho e o porquê que ele é folgado. Bom, na capa vem indicando a partir de que idade o livro e mais indicado e, na contracapa vem, resumidamente, quem é o autor. Inconformado com as atenções que o mais novo bebê da família recebe, Tuca apronta mil estripulias para enfrentar o drama do ciúme e do medo do abandono, pois estava para nascer seu irmãozinho, o Tininho.

A história é engraçada e fácil de ler, me chamou a atenção o narrador, pois se trata de um narrador onisciente seletivo, em algumas partes me confundi ao tentar identificar a fala do personagem principal com a do narrador: “Tuca

resolveu deixar a bola, cui-da-do-sa-men-te, na cama dele. Mas não é que o diabo da bichinha começou a subir e foi parar no teto? Ué! Não era bola só de encher. Era bola de subir também!” (BLOCH, 2005, p. 19). Gostei muito da história, aborda assuntos bem familiares e recomendo, quem o ler dará boas risadas e, certamente, assim como eu, construirá algum aprendizado.

Adoro contos, esse foi um dos motivos que me fizeram pegar o livro *De conto em conto*, a outra razão foi ver que dentre os autores está Machado de Assis, um dos meus escritores prediletos. A leitura foi excelente, li duas vezes o livro, algumas histórias são engraçadas e outras nem tanto, destacarei duas que me marcaram. Ao ler o conto *Biruta*, de Lygia Fagundes Telles, confesso que não consegui conter a emoção, ciscos caíram nos meus olhos, deu vontade de ir resgatar Biruta e devolve-lo a Alonso... morreria se levassem um dos meus gatos, também já tive cachorro ele morreu há muito tempo, era criança ainda, mas lembro da dor que senti com sua partida. O conto é triste, comovente, me vi no personagem do Alonso. A outra história que apreciei também foi *Um apólogo* de Machado de Assis, cujo rodapé vem explicando o que é um apólogo “[...] história que ilustra uma lição de sabedoria e cuja conclusão expressa uma verdade moral” (ASSIS, 2003, p. 36). Ao ler essa história, concluí ser um pouco diferente das outras que compõem o livro. Enquanto as outras narrativas mostram pessoas vivendo um momento especial em suas vidas, no conto de Machado vemos uma discussão de uma linha com uma agulha sobre qual das duas é a mais importante, mas ao final do texto logo nota-se a crítica disfarçada no conto. Excelente livro, de cada conto não tem como não retirar algum aprendizado para nós, realmente de conto em conto aumentamos um ponto de sabedoria. A leitura dessa obra me auxiliou na construção de estratégias que certamente poderei utilizar em sala de aula; a cada leitura consigo tirar algo não só de aprendizado para minha vida pessoal como para minha vida profissional.

Mas não só de agrados são as leituras, no livro *Coleção Itaú de livros infantis – Lobisomem*, constatei uma obra que deixou a desejar, a história é curta, não encontrei elementos que prendessem a minha atenção, achei o final meio sem sentido. O livro é bem ilustrado, gostei das cores são bem vivas, chamativas, li mais com os olhos, não me deleitei com a leitura.

No livro *Caraminhas de Barrigapé* (BAGNO, 2011) me encantei com

as belíssimas ilustrações, com a história engraçada e contagiante. Barrigapé é um caracol que vive num brejo, mas que é diferente dos demais companheiros, porque não para de ter ideias e de sonhar com as coisas mirabolantes. Para começar, ao saber que o nome científico de sua família era Gastrópode, logo trata de mudá-lo. Depois, o espevitado Barrigapé inventa de voar como uma borboleta, cantar como as cigarras e os passarinhos, nadar como uma tartaruga e até falar com seres humanos. Chamou-me a atenção o desenho da página 21, na qual mostra os peixes bem maiores e o Barrigapé tentando nadar bem pequenino, as figuras maiores, porém representando coisas pequenas, me fizeram ir para o mundo dos caracóis, me transportando para um mundo pequeno, o mundo de Barrigapé. Interessante quando o autor descreve e demonstra nas palavras o movimento da folha que caía com Barrigapé sobre ela, “Até que a folha foi baixando,
baixando
suavemente
até pousar
no
chão” (BAGNO, 2011, p. 16) .

Muito interessante a história e as figuras também, os tons suaves das gravuras engrandecem a história; li duas vezes e recomendo. Logo depois iniciei a leitura do livro *Chiclete grudado debaixo da mesa*, o personagem principal (não tem nome, não gostei muito disso) dialoga com o leitor, por ser o narrador da história, a linguagem é simples e até um pouco cômica. O fato de o garoto notar o próprio crescimento me chamou a atenção: “– Não sei como, mas de repente percebi que tinha crescido mais do que imagina. Meu pai parecia quase do meu tamanho”. (RIOS, 2009, p.28). O garoto se apega a um chiclete que ele tinha grudado sob a mesa: na minha concepção, isso foi de grande importância para o amadurecimento do garoto, pois ao saber que iria se mudar de casa e se desfazer dos móveis antigos, o menino percebeu que nunca mais veria o chiclete, era como se houvesse uma grande ruptura, pois a goma de mascar passou a ter grande significado na vida do menino, ela era o seu segredo... Vi-me no personagem porque, assim como o garoto, demorei para me desapegar

de alguns objetos que não precisava mais. A história me fez refletir e até a voltar ao meu passado; gosto de livros que proporcionem isso no leitor, é o que chamamos de uma viagem no tempo.

Há livros que despertam em nós os mais diversos sentimentos, curiosidade, alegria e esse me despertou imensa tristeza, pois não é apenas uma história contida nos papéis e sim uma história que muitos viveram ou ainda vivem. Iniciando a leitura, estou achando a história tocante, a cada frase vem a minha mente as situações vivenciadas pela família. O livro descreve o estado crítico de uma família sem a mínima condição de vida, quando vende tudo tentando, em uma luta desesperadora, vencer a fome. É difícil escolher uma parte da história e citar qual chama a atenção, pois todo o texto é chamativo, mas destaco esse trecho:

Todos desconhecem o tamanho de sua boca e a medida de seus braços. Ela é capaz de abraçar uma nação inteira de homens em um mesmo tempo. Só se vê a fome quando nos espelhos a apreciamos vestida em nosso corpo, trasbordando loucura em nosso olhar. Ela chega impaciente (QUEIRÓS, 2004, p.15).

Essa frase é forte, me causou até a impressão de que o autor passou por essa situação, pela riqueza de detalhes que ele descreve essa sensação, a de passar fome. O livro é forte, suas palavras são carregadas de sentidos, é um livro que traz uma literatura reflexiva, analítica, a qual podemos abordar sobre os diversos fatores que compõem o enredo.

O livro *O mundo do trabalho – o olhar África e ver o Brasil* contém fotos de Pierre Verger que revelam a beleza da cultura africana e a força de sua influência na música, na dança, na comida, nas roupas, nas artes e em muitos outros costumes brasileiros. Olhar a África é descobrir muito das nossas origens. As fotos são belíssimas, retratando o cotidiano africano, a cultura e o desenvolvimento desse povo. O livro é bem produzido e gostei de tudo, principalmente das fotos em preto e branco. O que mais difere entre ler palavras e ver figuras, que também é um tipo de leitura, é que as imagens, num primeiro momento, já nos proporcionam uma introdução direta em um contexto e nas palavras cada leitor cria suas imagens de acordo com as suas interpretações.

Semelhante ao livro anteriormente citado, *Formas*, de Maria do Céu Pires

Passuello, também é um livro de imagens, figuras que representam formas geométricas como quadrados, triângulos, círculos entre outros. É bem atrativo, pois o fotógrafo (não cita o nome do fotógrafo no livro) mostra as formas inseridas no cotidiano, por exemplo, em portas, óculos e até nas sombras. Ele mostra que as formas estão presentes em tudo. Assim é interessante principalmente para as crianças aprenderem as formas de maneira lúdica. Com criatividade podemos mostrar que o ensino é prazeroso e dinâmico prova concreta é o conteúdo desse livro.

Um dos últimos livros que li foi *Rita está acesa* (ALVARENGA, 2004). A narrativa traz a história de Rita, uma garota que está passando pela fase da puberdade, uma menina que enfrenta um dos períodos mais complicadas da vida: a adolescência e suas descobertas. Apesar da história não ter me agradado muito, pelo fato de não ter identificado acontecimentos que me surpreendesse, a história é simples, Rita se comporta com rebeldia e cheia de segredos com os adultos da casa. Claro que me fez lembrar a minha adolescência, mas ainda não me deparei com algo que me fizesse achar a narrativa muito interessante, embora o título foi o que mais me chamou a atenção e, após findar a leitura, concluo que ela está acesa para uma nova vida que se inicia junto com as transformações corporais e psicológicas pelas quais ela está passando. O que posso tirar dessa obra é um modelo que podemos apresentar a adolescentes que estão passando por tais processos de transformações, uma leitura na qual a identificação com o mundo da literatura e o real se fundem.

O último livro que li, nesse período, foi *Contos e lendas dos Vikings* (HARALDSON, 2006). Como o próprio título já traz, o livro aborda os contos e lendas da mitologia nórdica. Não conhecia muito sobre essas histórias fabulosas dos povos escandinavos, cujas narrativas proporcionam um conhecimento dos mais diversos contos que até a atualidade percorrem o imaginário dos leitores.

No tempo dos Vikings, o mundo dos deuses era intimamente ligado ao mundo dos homens. Os deuses eram muito numerosos: Odin, um velhote caolha de barba branca e comprida, pai de todas as divindades; Thor, deus do trovão, temido por seus acessos de cólera; Tyr, o deus da guerra, que não hesitou em sacrificar a própria mão para salvar seus amigos de uma criatura pavorosa... E muitos outros mais (HARALDSON, 2006, p. 7).

Os mitos nórdicos são cercados de lendas, crenças e religião compondo as aventuras, sacrifícios e ações que encantam e cativam o leitor. Nesse livro, Lars Haraldson fez uma dedicada e complexa pesquisa nos fornecendo mais conhecimento sobre os povos nórdicos: “Sou historiador. Estudei as artes e tradições dos povos nórdicos que dominavam a Europa entre 800 e 1050 da nossa era: os vikings” (HARALDSON, 2006, p. 219). Ao longo da leitura, fui observando o quanto essa mitologia difere da mais conhecida, a grega, em que os deuses possuem personalidades mais complexas e o contexto dos acontecimentos influenciam seus comportamentos. Exemplo disso é o deus do trovão, Thor, que ao ter conhecimento sobre o roubo do seu martelo transparece um comportamento áspero e hostil “Como?! Quem ousou roubar meu *Mjollnir*, meu martelo mágico? Vou quebrar a cabeça do larápio, se ele cair em minhas mãos” (HARALDSON, 2006, p.135). Thor é um deus nórdico que possui uma personalidade muito forte mesmo não sendo um deus mal, ao contrário do seu irmão Loki, que representa o deus da maldade, das travessuras e enganações, Thor algumas vezes se comporta de maneira egoísta e mimada.

O livro contribuiu muito em minhas pesquisas, pois pude utilizá-lo não só como uma ferramenta de conhecimento para mim, mas também para os alunos da Escola Estadual Professora Ivonete Maciel, onde o grupo do qual faço parte pelo PIBID participa.

Apesar de ser uma temática um pouco complexa de entender, consegui adaptar para a linguagem cotidiana dos alunos, e tornando a temática de fácil acesso, eles adoraram, alguns já conheciam através do filme produzido pela *Marvel Estúdios*, o filme *Thor*, facilitando ainda mais a compreensão da temática. Após conhecer e trabalhar sobre a mitologia nórdica, consegui mais facilmente compreender algumas matérias acadêmicas que abordam as questões didáticas, pois fui assimilando com o trabalho realizado em sala de aula. Recomendo este livro para professores, acadêmicos e apreciadores da mitologia nórdica a fim de adquirir mais conhecimento acerca de uma cultura e religião tão vasta que caracterizam a cultura viking.

Por fim, após essa atividade de construir um diário relatando as minhas experiências de leitora, concluo que foi de grande importância rever minhas ações como leitora dentro do projeto PIBID e no Curso de Ciências da Religião mesmo

enfrentando alguma dificuldade em conciliar as duas ações, contudo, o resultado alcançado foi positivo e transformador não apenas na minha vida acadêmica como pessoal. Concluo que é de suma importância para o professor da área de Ensino Religioso construir o saber mediante ao letramento literário porque são através das leituras que o mestre pode conduzir novas metodologias para serem trabalhadas em sala, contribuindo até em uma melhor interdisciplinaridade. Estou muito satisfeita com os aprendizados construídos em toda a trajetória do projeto e espero continuar traçando esse caminho erigindo no percurso mais e mais aprendizado.

Referências

ALVARENGA, Terezinha. **Rita está acesa**. Ilustrações Sônia Ledic. Companhia Editora Nacional, 2004.

BAGNO, Marcos. **Caraminholas de Barrigapé**. São Paulo: Posigraf, 2011.

BLOCH, Pedro. **Tininho, o folgado**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática / 2. ed. 3. reimp.** São Paulo: Contexto, 2014.

DOYLE, Arthur Conan. **O mundo perdido**. 2. reimp.. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

HARALDSON, Lars. **Contos e lendas dos Vikings**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOMERO. **Odisseia**. Adaptação de Roberto Lacerda. São Paulo: Scipione, 2008.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza dos ser**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

PASSUELLO, Maria do Céu Pires. **Formas**. São Paulo: IBEP Nacional, 2005. (Coleção Mundo das Imagens).

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **De não em não**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

RIOS, Rosana. **Chiclete grudado embaixo da mesa**. Ilustrações Wagner Willian. São Paulo: Frase e Efeito, 2009.

VERGER, Pierro. **O mundo do trabalho: o olhar África e ver o Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

Interagindo com as leituras



Rozélia Maria do Nascimento

Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossas memórias.

Rildo Cosson

Sou Rozélia Maria do Nascimento, discente do curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. No momento, estou cursando o quarto período e sou bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, o qual tem como subprojeto: *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leitoras e material pedagógico para o Ensino Fundamental.*

Com grande satisfação venho escrevendo esse meu diário, pois é uma realização descrever meu desenvolvimento no âmbito acadêmico. Mesmo que as mudanças sejam aos poucos, tudo está sendo muito novo, e conhecer o ambiente universitário depois de muitos anos afastada de uma sala de aula é mais que um desafio: é necessário muita força de vontade, e isso é algo com que venho lutando desde o início do curso, para ter vontade de ser leitora, vontade de conhecer o diferente e poder me abrir mais para diversas ideias.

Os enfrentamentos foram e são muitos, mas apesar dos desafios sou realizada por ter conseguido ser aprovada no primeiro vestibular, já que venho de uma família com pouca escolaridade. E, diante disso, comecei a me perguntar como enfrentaria um espaço acadêmico com um filho de dois anos, com o trabalho o qual me prendia a maior parte do tempo, o esposo que também

precisa de minha dedicação. E como resposta a isso tenho o incentivo maior de meu esposo Diogo e demais familiares.

O meu envolvimento no projeto iniciou-se no ano de 2014, no mês de março. Esse projeto tem como coordenadora a Dra. Araceli Sobreira Benevides, além de quatro supervisores de escolas municipais da cidade de Natal, possui como objetivo potencializar a formação inicial de professores de Ensino Religioso com uma fundamentação teórico-prática, em consonância com uma política de formação de novos leitores. Desse modo, foi orientado a nós pibidianos, que construíssemos uma rotina de escritas pessoais das leituras no processo de formação, ou seja, um diário de leituras e que fôssemos descrevendo como a diversidade em construir conhecimentos vem mudando nossas vidas.

A partir de 05 de março de 2014, na sala organizada para estudos dos pibidianos, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a coordenadora deixou livre a escolha de obras existentes no acervo do subprojeto para uma leitura diária em casa, sendo que fossem anotados periodicamente em um diário pessoal, desde a escolha do livro, se a leitura foi boa ou não, o que mudou no cotidiano de nós bolsistas a partir dessas obras etc.

Dei início à leitura da seguinte obra: *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo. Inicialmente gostei da capa, e também pelo fato de nunca ter lido integralmente um romance tradicional da literatura brasileira. A personagem principal desse livro demonstra ser uma morena sensual e formosa, porém pura. Senti o desejo de ler também sobre o autor, que pouco conheço ou nada conheço de suas obras. A história com linguagem simples, que me fascinou, prende o leitor por algum suspense, possuindo um típico final feliz.

O texto não faz nenhuma crítica social do contexto da época, o autor expressa um romantismo bucólico que não surpreende na trama, limitando-se a uma crônica de costumes. O leitor da época pode até se identificar, mas entendo que sua obra não traça caminhos para além do romantismo evidente. Essa obra é um romance de um amor puro que o tempo não pode apagar, que iniciou na infância de Augusto e Dona Carolina, esta é a Moreninha que tratamos no livro, a história se passa no Rio de Janeiro.

A narrativa começa quando Felipe convida os amigos Augusto, Leopoldo e Fabrício (estes são estudantes de medicina) para passarem o final de semana

em uma ilha, no feriado de Sant' Ana na casa de sua avó (D^a Ana) com a presença de suas primas, Joana, Joaquina e a Dona. Carolina. Antes de partirem, Felipe fizera uma aposta com Augusto: caso este, que era tido como inconstante no amor, retornasse à cidade, sem ter se apaixonado verdadeiramente na ilha de... (não diz o nome da ilha) por uma de suas primas, Felipe escreveria um romance por não ter ganhado a aposta. Porém, se Augusto se apaixonasse, este é quem iria escrevê-lo.

As cenas não só me comoveram por se tratar de um romance, mas a forma pela qual Macedo expressa a história, dando um encantamento no ato da leitura: há partes engraçadas, levando a um final romântico previsível, tornando-o sentimental. A forma de diálogos entre os personagens me fez despertar algo positivo pela leitura, já que está sendo o meu contato direto com obras desses gêneros e outros que estão por vir, já que o subprojeto trabalha com mitos, contos, lendas, fábulas, peça de teatro, entre outros, a serem abordados no contexto do Ensino Religioso.

A partir de 10 de abril de 2014, comecei também a me aventurar na leitura do livro *Letramento Literário*, de Rildo Cosson, enquanto leitura acadêmica, reconhecendo essa obra como minha primeira influência marcante de leitura dentro do curso, depois de muito tempo não me envolver, verdadeiramente, com nenhum livro. Concordo com Cosson, quando diz:

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço (COSSON, 2014, p. 27).

Foi através de Cosson que detectei uma possível causa das dificuldades pessoais de compreensão e desinteresse pelos livros, no decorrer de minha vida, que foi a ausência de uma boa base no ensino educacional em minha formação escolar. Aliás, Cosson (2014) afirma que a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não pode ser pedido de vista. No entanto, também pude perceber que só com muita, mas, muita força de vontade mesmo para mudar a rejeição pelas leituras. Como bem coloca o autor,

O efeito de uma proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. (COSSON, 2014, p. 28).

E isso foi sendo gradativamente de página em página, de livro em livro, na busca de recuperar os anos que passei sem adentrar muitas vezes na leitura de um simples jornal.

Os primeiros dias de leituras foram torturantes, já que não compreendia o estilo que era para levar à escrita diária das obras, mesmo que tenha sido explicado o desenvolvimento da metodologia. Ainda decorreram imensas dúvidas que foram sendo eliminadas no decorrer do processo de aprendizagens. Senti-me incentivada a ler, pela proposta de mudança apresentada nesse livro, que mudaria também minha atitude diante da importância de desfrutar do encantamento desse mundo mágico que é a leitura.

Posso admitir que se não tomasse uma atitude envolta de conhecer o que os livros guardam, permaneceríamos fechada como eles, sem uma abertura para os outros, pois, a cada momento em que os livros trazem conhecimentos de outras culturas, religiões, crenças e modos de viver etc., posso sentir que estou vivenciando aquelas ocasiões, mesmo que seja de longe em apenas algumas folhas, compreendendo que somos uma sociedade com múltiplos pensamentos, uma grandeza diversa, desde seus mitos de criações nas diversas matrizes religiosas e compreendendo que todos nós somos livres para escolher uma, várias, até mesmo o Nada, sem descaracterizar o ser humano.

Encontrei-me na *A fábula do imperador chinês* que introduz o livro *Letramento Literário*, como aquele que é *indiferente* diante do saber e percebi que estou no caminho certo ao participar de um projeto como o PIBID Ensino Religioso – Ciências da Religião, pois ele é a representação de toda uma roda de incentivos e trocas dialogadas entre pessoas que buscam ser uma comunidade de leitores. De forma resumida, a fábula trata de um imperador, o qual procura um sucessor para tomar conta de seu império, e decidido escolher um de seus filhos, porém esse não tinha os conhecimentos necessários, então, resolve contratar um sábio para ensinar-lhe, mas antes disso, escolheu um outro filho e um servo para acompanhar o seu escolhido nas aulas. A difícil missão seria ensinar a

esses escolhidos, pois os sábios detectaram que estariam lhe dando com três terríveis situações: a arrogância, indiferença e desconhecimento. A primeira diz respeito que eles não sabem, mas pensam que não precisa aprender a literatura; a segunda é aquela identificada em minhas experiências pessoais revelada acima – a *indiferença*, e a terceira é aquela dos que desejam estudar a literatura ou qualquer outra coisa, porém, isso se torna inacessível devido ao seu nível de estudo.

Concordo com a ideia de que a literatura nos humaniza e faz com que nossa identidade não se perca, construindo conhecimento. Desse modo, posso ultrapassar possibilidades como profissional docente e como criatura pensante. Saborear uma leitura não aprisiona aquilo que foi lido, mas de forma mágica cria formas diversas de transposição de todo material não utilizado, que estava preso em mim, incorporando o outro sem renunciar minha identidade.

Tomei como base, juntamente com o supervisor Francisco Melquiades Falcão Leal e demais componentes do subprojeto, a proposta de oficinas informadas no texto de Cosson, *final contrário*, para a ação pedagógica com novas ideias, novas reflexões na Escola Municipal Professor Bernardo Nascimento (Natal). Assim, foi escolhido o livro de Ricardo Azevedo *Contos de Enganar a Morte*, tomando como base o primeiro conto da obra, *O homem que enxergava a morte*. Essa narrativa é muito interessante, porque apresenta a história de um homem pobre, que tem uma família grande (e esta está por crescer mais, pois sua esposa está grávida do sétimo filho), que luta para encontrar um padrinho ou madrinha para esse filho que está para nascer. Decidido a encontrar essa pessoa, sai a procurar e, após muitas tentativas, depara-se com a Morte a sua frente, e esta se oferece para ser a madrinha de seu filho. Contudo, eles teriam que fazer um acordo, o que por vez foi aceito pelo homem.

A Morte combinou com ele que este colocaria em sua casa uma placa de médico. E o homem indagou a Morte como ele faria isso, já que não possuía conhecimento da área de medicina, e a Morte lhe respondeu que quando aparecesse nos pés da cama da pessoa, esta iria morrer, caso contrário, a pessoa viveria. E assim foi se passando a história até que o homem ficou rico. Entretanto, ao ficar mais velho, com o decorrer do tempo, a Morte voltou e disse que estava no tempo dele morrer. Todavia, este, com seu jeitinho esperto,

conseguiu permanecer vivo por mais um ano. A leitura é muito boa e engraçada e, através dela, podemos desmistificar a questão de que toda morte é ruim, não presta, é triste. A proposta aqui, pelo contrário, de acordo com Azevedo, causa boas risadas nas crianças:

[...] falar sobre a morte com crianças não significa entrar em altas especulações ideológicas, abstratas metafísicas. Nem em detalhes assustadores e macabros. Refiro-me a simplesmente colocar o assunto em pauta. Que ele esteja presente, através de textos e imagens, simbolicamente na vida da criança (AZEVEDO, 2003, p. 58).

Em sala de aula, fizemos a contação da história e, depois, foi solicitado aos alunos que reescrevessem o conto, dando agora com um final contrário. O resultado proporcionou envolvimento e, de forma tranquila, todos desenvolveram as atividades e puderam refletir sobre a temática da morte com as crianças do 5º ano, modificando a metodologia da atividade quando necessário nas demais séries.

Ao trabalhar os contos, tivemos toda uma formação sobre o gênero, o qual nos proporcionou um olhar mais atento para todos os detalhes a serem construídos em sala de aula. Diante disso, começamos por entender que é existente toda uma associação dos contos populares. Conforme o autor,

[...] o que chamo aqui de “conto popular” é sinônimo de “conto de fadas” ou “conto de encantamento”, narrativas que no nordeste brasileiro também são conhecidas como “histórias de trancoso”. (AZEVEDO, 2003, p. 1). [Grifos do autor]

E com os estudos vindos de Azevedo, estou aprendendo o quanto é considerável recorrer a um tempo anterior, através de narrativas e contos de tradições passadas, com uma perspectiva de se trabalhar novas reflexões diante do letramento literário, que requer o envolvimento com a prática social, além de escolar. Trabalhar expressão da cultura oral, com características próprias tem sido algo de crescimento na construção de conhecimentos, aliás, tudo tem sido amplo, eis porque os contos populares são tão ricos, multifacetados e complexos e também porque costuma ser perda de tempo para pretender identificar sua

verdadeira origem (AZEVEDO, 2003).

Já a partir de maio de 2014, comecei a ler o livro *Resumo*, de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli. Com essa obra, deparei-me com algumas causas que possivelmente afastaram meus olhares, enquanto estudante, na escassa motivação para a leitura, ou seja, a própria ausência de me envolver com o mundo mágico que é o dos livros. No entanto, nesse momento não me senti ajudada pela obra porque não consegui interpretá-la de forma madura e adentrar na construção da metodologia utilizada, precisamente pela lacuna de outras leituras. Segundo as autoras, isso representa a falta de ensino sistemático de gêneros tipicamente escolar e científico orientado por materiais didáticos adequados; então, entendi que a omissão desses materiais são uma das causas dessas dificuldades.

No precedente mês, comecei a obra *Produção Textual na Universidade de Motta-Roth e Hendges*. Os autores exemplificam como montar artigos, justificativas e projetos, traçando os passos para alcançar os objetivos de escrita do gênero acadêmico. Dessa forma, senti-me incentivada a penetrar na linguagem acadêmica e na produção de textos de pesquisa, além de que meus estudos se interligaram de forma eficiente quando passei a entender que os modelos de produção teórica do curso servem para intermediar minha formação na área de Humanas e também como futura professora.

Na leitura de *Contos de Enganar a morte* de Ricardo Azevedo, em junho de 2014, há o retrato de quatro saborosos contos populares brasileiros, sendo escolhido o primeiro capítulo da obra *O Homem que enxergava a morte*, juntamente com um dos supervisores do subprojeto PIBID, o professor Melquiades Leal, da Escola Municipal Bernardo Nascimento.

Aprofundamos na leitura e contação do conto, com o objetivo de trazer uma discussão em sala de aula sobre a temática da morte, para assim tentar desmistificá-la de modo agradável.

Como ponto culminante de toda a metodologia, os alunos do 5º ano foram incentivados a participarem dos ensaios para a representação de uma peça teatral baseada no conto escolhido. Esses alunos também foram orientados e ajudados a construir o cenário da peça e também a construir os materiais didáticos pedagógicos, como jogos, que de forma lúdica, tratava da temática

morte. Tudo isso foi exibido com êxito no encerramento do ano letivo de 2014.

Observei que todas as leituras serviram-me como pequenos tijolos na construção de um edifício de aprendizado que me levou a saber conjugar e interdisciplinarizar as leituras, as quais se estruturam aos poucos, diante dos passos tomados no desenvolvimento dos trabalhos no curso e na prática como futura professora em sala de aula. Ter conteúdo e saber administrá-lo é o que mais chama minha atenção quando autoavalio minha pequena e difícil escalada pelas leituras que faço.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a morte**. Histórias folclóricas de medo e de quebranto. São Paulo: Ática, 2003; Scipione, 1996.

AZEVEDO, Ricardo. **Conto popular, literatura e formação de leitores**. Publicado em Re-vista Releitura. Publicação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. Abril, n. 21, 2007. ISSN 1980-3354 Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto>. Acesso em: 22/08/2014.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: São Paulo: Contexto, 2009.

MACHADO, Ana Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lilia Santos. **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MACEDO, Joaquim Manoel. **A moreninha**. 3. tiragem, Rio de Janeiro: Record, 2000. (Coleção Descobrimo os clássicos).

CORDEL DO PIBID 2015: Diário de leitura

Theoquenides Odília de Medeiros

Entrei no PIBID,
Conheci um Professor
Que de cara me encantou,
Por não ser um ditador,
Pois me apresentou
Ser um grande formador.

Seu nome *prof. Lopes*
Mas, para os de fora,
Para nós e os amigos,
Apenas um apelido,
Um nome simples
Este se chama NINO.

TEREZINHA PAULINO
Escola reconhecida
Trabalho organizado,
Todo sequenciado,
Todos atarefados,
E, pelo PIBID, apaixonados.

Comecei uma leitura
Que fala de LITERATURA
De um livro conhecido
Que deve ser seguido.
Une teoria e prática
Numa escola básica.

Letramento Literário

Esse autor é hilário,
RILDO COSSON é ele
E nos inspiramos nele
Para colocar no papel
Um artigo do CORDEL.

E quem me convidou
Foi aquele que me chamou
De *caboclinha do sertão*.
Fiquei cheia de emoção
O nome dele é CICERO
E foi grande o compromisso.

No livro de MARINHO,
Tivemos um carinho,
Por falar do cotidiano
Do cordel nas escolas
Que une o conhecimento
Com o tal do letramento.

Fiquei triste por sair
Da escola Terezinha,
Mas não saí do cordel,
NO IVONETE MACIEL,
Conheci prof^a THEMIS
Que rimou com ARTEMIS.

Lá o assunto era outro,
MITOLOGIA GREGA,
Mas tudo embasado
E bem planejado,

Trabalhando com acróstico
Foi tudo muito lógico.

Lá conheci ROSIANE
Sabida e inteligente
Aplicava o LETRAMENTO
Com grande embasamento,
Leitura acima de tudo
E certo procedimento.

Conheci o mundo dos deuses
E também dos semideuses.
Envolvei-me na Grécia antiga
E na mitologia Grega.
Procurei pelo assunto
E fiquei toda faceira.

Livro tive que comprar,
Para poder estudar,
Achei uma enciclopédia
Que usei no dia a dia
Para estudar a magia
Que envolve a mitologia.

Trabalhamos com histórias
E também com brincadeiras
Até bingo entrou no rol,
Foi tudo fenomenal
Teve júri simulado
De medusa apresentado.

Chegou o grande dia
De apresentar em RECIFE

Que aumentou nosso cacife
Nosso artigo do cordel
Tudo saído do papel
E lá conhecemos MIGUEL.

Um padre muito arretado
Que nos deixou arrepiado,
Abandonando os afazeres
Para ficar ao nosso lado,
Saindo de calça e camisa
E a batina deixando de lado.

Depois do nosso artigo
Apresentado e praticado,
Tarefa um pouco difícil,
Mas de nada impossível
E foi nos 8º anos
Que poetas até viramos.

De lá pra cá
Escrevemos de tudo,
Porque no PIBID
Pode ser tudo:
O cara fica sortudo
Vira poeta e maluco.

Nossa! Pois não é que agora
Além de ser professora
Virei também escritora
Pois escrevo com prazer
E de tudo gosto de ler
E estou sempre a aprender.

Pois não é que cresci
E com o PIBID aprendi
A ser poeta e leitora
Virei uma escritora.
AARACELI agradeço
Pois lhe tenho apreço.

Ao chegar ao Curso
De Ciências da Religião
Dos textos não entendia
E da tal filosofia,
Mas uma luz surgiu
E Araceli apareceu.

Com sua literatura,
Fiquei até insegura.
Era cobrança demais
E texto que não acabava mais,
Aos poucos fui acostumando
E por ela me apaixonando.

Quando me apresentou
Seu projeto, me encantou
Voltar à sala de aula
Fiquei até sem fala
É algo que me dá emoção.
Sou professora por convicção.

Todo aluno docente
Tem que ser diferente
Fazer parte de um PROJETO
Que lhe dá grande mérito
De ser um formador

E um grande transformador.

A EDUCAÇÃO acima de tudo

Pois faz parte desse mundo

A UERN faz a diferença

Com um pouco da ciência

E bastante paciência

Ajudando na docência.

Referências

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Fernanda. **Enciclopédia de Mitologia Grega (Recreio)**. São Paulo: Abril, 2013.

No universo dos livros



Wesley Henrique Soares Silva

Viajar pela leitura

*Viajar pela leitura
sem rumo, sem intenção.
Só para viver a aventura
que é ter um livro nas mãos.
É uma pena que só saiba disso
quem gosta de ler.
Experimente!
Assim sem compromisso,
você vai me entender.
Mergulhe de cabeça
na imaginação!*

Clarice Pacheco

“E no princípio era o somente o ler”

As leituras sempre fizeram parte da minha vida e nunca tive problemas com qualquer tipo, seja ela literária ou científica, dentre outros tipos. Mas quando eu entrei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – Ensino Religioso/Ciências da Religião/UERN – *Letramento literário no contexto do Ensino Religioso: construção de práticas leituras e material pedagógico para o Ensino Fundamental* ocorreram algumas transformações que serão relatadas aqui por via de todas as leituras realizadas durante ano.

“Manus et disciplinae amore lectionem orbis”¹⁰

No mês de março de 2014, iniciei a leitura do livro *O Nome Da Rosa*, de

¹⁰ Mãos e trabalhos ao mundo da Leitura por amor e disciplina. Frase retirada do livro *Ensinamentos de um amor perdido* (1508) de Roberto Gaich (1450-1512).

Umberto Eco: livro que peguei da estante do projeto *Virando a página*. Já tinha lido em 2012, sob a orientação do diretor da minha escola de Ensino Médio. Um livro fascinante com um mistério que ronda toda a narrativa. Tornou-se um dos meus favoritos. E me fez ver que a Idade Média é uma fase interessante na história do mundo ocidental. Depois comecei a ler *Os visitantes da Noite*, de Silvio Fiorani. Outro livro que peguei na estante do projeto *Virando a Página*. É uma obra que achei interessante pela sua narrativa e pela sua estrutura, pois é um livro de contos biográficos. Talvez num futuro eu escreva um falando da história da minha família. Continuei a ler também o livro *Subterrâneos da Liberdade 2 – Agonia da Noite*, de Jorge Amado: Toda narrativa é bem desenvolvida dos 3 livros. É um novo olhar sobre a história do Brasil, que normalmente mostra apenas um lado da história. Ele começa o livro com uma frase que me chamou a atenção pelo seu valor reflexivo:

mon général, l'homme est très utile!

il sait voler, il sait tuer.

mais il a un défaut :

il sait PENSER¹¹

Essa parte da trilogia mostra um comunismo mais humano e que dentro mesmo do partido ocorria problemas. Eu indico a trilogia para todos aqueles que querem conhecer outro lado do Jorge Amado. Os personagens inesquecíveis (João, Mariana, Gonçalves, Ruivo...) reaparecem desenvolvendo novos episódios de luta contra o governo de Getúlio Vargas. Surgem também os personagens Doroteu e Inácia, que têm um comovente romance de amor neste livro, e outros heróis de uma luta de todos os oprimidos da Terra.

Mudanças de visão: uma busca de um Letramento Literário de vida

¹¹ Geral, o homem é muito útil!
Ele pode voar,
Ele pode matar
Mas tem uma falha:
Ele sabe PENSAR (Traduzido pelo autor do diário)

Em maio iniciei a leitura do livro *Letramento literário: teoria e prática*, de Rildo Cosson, livro base para o PIBID Ensino Religioso/Ciências da Religião: sem ele o projeto não poderia evoluir. O autor defende o processo de aprendizagem, intitulado *Letramento Literário e sua importância na sala de aula*:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2009, p. 23).

Quer dizer, a literatura deve ser tratada no seu natural, algo que deve ser trabalhado como um prazer de saber. Assim, outro problema é associar a leitura literária ao mero prazer, como se prazer ou desprazer pela leitura não fosse uma produção social e cultural, pois ninguém nasce gostando ou não de ler. Segundo o autor: “Os defensores do mero prazer, por vezes, são contraditórios, pois o único valor que atribuem à literatura é o reforço das habilidades linguísticas” (COSSON, 2009, p. 29).

Compreendi que uma leitura obrigatória/forçada distancia a vontade dos alunos, ou seja, um péssimo exemplo de introdução ao ato de ler, quando a escola tem como principal responsabilidade a formação e consolidação de alunos leitores. Leitores que sejam críticos e cidadãos atuantes de fato. Cosson (2009, p. 65) defende que

[...] na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura.

Outro ponto que o autor enfatiza para um letramento literário adequado é que esse letramento deve ser feito por cada aluno, mas compartilhado com todos, pois a atividade vai ganhando força e simpatia dos alunos e auxilia aqueles que têm dificuldades de interpretação e o diálogo de várias opiniões enriquece a aula.

A leitura que fazemos em todos os lugares, segundo o autor (e concordo com ele), tem uma origem: “O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola” (COSSON, 2009, p. 26), em outras palavras, na escola é isso que deve ser incentivado.

Aprendi que a leitura literária significa estabelecer um diálogo especial, conforme já explicitamos em outro lugar, pois “[...] a experiência da literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência”. (COSSON, 2009, p. 17).

Letramento literário não é um livro feito para ficar somente na teoria, exige uma prática voltada para os resultados, e isso talvez seja a grande vantagem da obra. Seu intuito, ao apresentar as propostas, não é de forma alguma tirar a autonomia do professor; pelo contrário, Rildo Cosson explica que é fácil fazer o letramento literário na escola e apresenta exemplos para o dia a dia da sala de aula. Entendo assim que o livro pode ser, sim, um direcionamento para uma mudança para a educação.

Leituras e Reflexões da vida e da literatura

No mesmo período, li o livro *Memorial de Maria Moura*, de Raquel de Queiroz, um livro longo, por isso, estou lendo aos poucos, mas com um diferencial, para não ficarem cansativas as leituras. Sua narrativa é contada pelos próprios personagens que se alternam ao longo do enredo. Um livro que gosto muito, principalmente pela velocidade com que os fatos vão acontecendo a partir dos *jogos* de interesses que acontecem na trama. É outro exemplo dentro da literatura de como as mulheres podem ser fortes.

No mês de maio, peguei a primeira parte de duas do livro *Os Irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévski na biblioteca do curso de Ciências da Religião. Considero uma leitura mais madura do que as outras que eu já fiz, pois exige um pensamento filosófico e psicológico, para a compreensão de cada personagem, pela sua narrativa bem densa e problemática. Essa obra também foi lida e aprovada por Freud e pelo filósofo Nietzsche. Encarei o desafio, mas, por fazer parte da biblioteca da faculdade, tive um tempo limitado de leitura desse livro. Contudo pretendo ler aos poucos até o final do curso. Essa história me fez refletir

sobre os problemas familiares e como eles podem ser levados para toda vida, se não forem resolvidos.

Nesse mesmo mês, comecei a ler o livro *Subterrâneos da Liberdade 3 – a luz do Túnel*, de Jorge Amado. Como o outro livro da coleção, o clima da narrativa segue pesado, dando cada vez mais pena dos personagens. Toda coleção me fez pensar e sempre procurar o outro lado da história, que sempre nunca é ouvido, mas que agora é pesquisado.

Esse mês não foi acrescentado nenhum outro tipo de leituras referentes ao PIBID, somente foi a continuação das outras leituras já iniciadas por mim. Foi lido muito material do curso.

No mês de junho, devido ao processo de final de semestre, ao grande número de material passado pelos professores, foi um mês difícil para fazer uma leitura literária antes do dia 26, foi quando consegui retomar as leituras, peguei para ler vários trechos do livro *Incidente em Andares*, de Érico Veríssimo. Já tinha lido inteiramente essa obra e recomendo a leitura de várias vezes desse livro. Gostei muito da crítica (atualíssima!) à política, à economia e à sociedade. Denuncia comicamente a hipocrisia que se cristaliza como caminho de mão única em uma sociedade suja e dissimulada.

Em julho de 2014, li todo o livro *Agosto*, de Rubem Fonseca. Nunca tinha lido um livro de Rubem Fonseca e resolvi ler *Agosto* principalmente por ser uma trama policial. A história tem início com o assassinato de um empresário em 1954, ao mesmo tempo, próximo do local, o chefe da guarda pessoal do presidente da República, Gregório Fortunato, planeja um assassinato contra o jornalista Carlos Lacerda, o maior homem de oposição ao presidente Getúlio Vargas. Gostei muito da forma como Fonseca conduziu as duas tramas, uma real e outra, imaginada pelo autor, principalmente tendo usado fatos históricos como base (a história do Presidente Getúlio Vargas). Outro fato que gostei bastante é o modo como a história corre, sem enrolação, sem ser superficial.

E, para finalizar esse período, peguei na biblioteca do curso *Além do Bem e do Mal*, de Friedrich Nietzsche. O livro não poupa ninguém nem esconde nomes e pessoas, e ainda exige um pouco de pesquisa para ser entendido em cada aspecto tratado no estudo. É claro que um livro assim causa ódio em uns e simpatia em outros, mas a realidade é que Nietzsche apresenta tantas coisas que

ignoramos nas pessoas que estão ao redor e em nós mesmo, que precisamos de um tempo para digerir todas suas informações e decidir o sentimento que elas nos causam.

O sagrado do sertão na sala de aula: Patativa do Assaré

Em agosto, comecei a ler o livro *Patativa de Assaré: porta-voz de um povo. As marcas do sagrado em sua obra*, de Iraldo Alves de Brito. Livro base para a confecção do artigo do grupo do PIBID¹², para o XIII Seminário Nacional de Formação de Professores para o Ensino Religioso-SEFOPER. Para quem não conhece Patativa do Assaré (como eu) é uma ótima oportunidade de conhecê-lo.

A obra trata do Sagrado que compõe as poesias de Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré). Para Brito, Patativa do Assaré revela em suas poesias uma característica importante para o Ensino Religioso: a Interreligiosidade, pois:

[...] não se leva em conta a religião enquanto fé institucionalizada, isto é, como um credo estabelecido. Embora os poemas revelem nitidamente uma mentalidade judaico-cristã, precisamente cristã católica, o intuito é considerar a religião como um modo aberto de conceber o mundo. [...] Além disso, a leitura de Patativa a respeito de Deus, fé e religião parece “independente” de um pensamento oficial instituído, ou seja, tende mais para uma forma espontânea de fé, ou fé popular. Neste sentido, sua poesia não apresenta como doutrinas e dogmas de uma religião específica, tampouco trata de temas teológicos de modo sistemático [...]. [BRITO, 2010, p.131-148].

Mesmo os poemas cheios de referências cristãs, pode-se notar que contém elementos da cultura popular do Brasil, que têm em si a mistura das culturas europeias, africanas e indígenas, construídas ao longo dos séculos. E comporta em suas poesias elementos universais das religiões como um início do universo como algo divino, a paz primordial, a luta do bem contra o mal, a morte, a imagem de um ser supremo e entre outros assuntos que estão presente em todas as religiões. Isso torna mais fácil trabalhar com os alunos as poesias de

¹² *A Poesia De Patativa Do Assaré: As Contribuições Para O Letramento Literário No Ensino Religioso*: autores Cintia Eliziário de Barros (UERN), Cícero Alves (UERN), Paulo Henrique Bezerra (UERN), Livia Cristiana Costa Martins (UERN), Wesley Henrique Soares Silva (UERN) e Francisco de Assis Lopes (SME), artigo publicado nos Anais do XI Seminário Nacional para Formação de Professores do Ensino Religioso – SEFOPER, UEPA, Belém, Pará, 2014.

Patativa, o qual dizia que seu dom da oralidade era algo divino.

Segundo Brito (2010, p.131), “[...] é a presença constante de temas religiosos: a poética está permeada de uma linguagem característica do universo sagrado”. A poesia dele é carregada de elementos do sagrado, pois parte do povo sertanejo que sempre procura o transcendente para resolver os problemas do mundo terreno.

Sendo assim, o livro *Patativa de Assaré: porta-voz de um povo* trouxe para minha formação importantes conhecimentos sobre a poesia desse poeta cearense. O elemento do sagrado foi o principal, porém reconheço outros aspectos, como a importância da conservação das narrativas populares na cultura brasileira (como por exemplo, os repentes), como Patativa conservou em suas poesias as características das narrativas orais que o povo sertanejo declama nos cordéis. Por fim, posso dizer que consigo ver o mundo de Patativa com outros olhos, depois dessa leitura, pois para realmente estudar um determinado autor, primeiramente você precisa ler as obras originais, ou seja, as próprias palavras do autor, saber qual ambiente social, econômico e religioso em que o autor vive. Somente assim, o professor terá uma boa base para trabalhar Patativa do Assaré em sala de aula.

No mesmo mês, li *Cante lá que eu canto Cá – Filosofia do trovador nordestino* de Patativa do Assaré, livro que me ajudou a aprofundar na poesia e vida de Patativa do Assaré. Ajudou-me tanto que, a partir dele, escrevi um artigo sobre o tema sozinho. Uma poesia que me chamou atenção foi *Eu e o sertão*, da qual reproduzo um pequeno trecho:

Sertão, argúem te cantô,
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistéro
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.

Com toda a simplicidade da escrita, mas com um alto nível de envolvimento com o sentido da poesia, que faz Patativa do Assaré um dos poucos poetas populares a mesclar o simples (a linguagem do sertão) com uma leveza poética. Desse livro, li 10 poesias e gostei muito também da poesia título da obra *Cante lá que eu canto cá*. Essa mesma poesia foi trabalhada no PIBID Ensino Religioso/ Ciências da Religião na sala de aula nos sétimos anos da Escola Municipal Professora Terezinha Paulino de Lima¹³. Todos os estudantes leram essa poesia, porém tiveram uma pequena dificuldade de interpretação em relação à vida e à linguagem sertaneja que a poesia carrega em si, para nossa surpresa.

Cante Lá Que Eu Canto Cá

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.
Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feijão
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinheiro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.
Você é muito ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.
Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,

¹³ Escola situada na Zona Norte de Natal/RN e parceira do SubProjeto Pibid Ensino Religioso Ciências da Religião/UERN.

Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.
Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ôro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.
Só canta o sertão direito,
Com tudo quanto ele tem,
Quem sempre correu estreito,
Sem proteção de ninguém,
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó,
Puxando o cabo da inxada,
Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

(...)

Você lá no seu descanso,
Fuma o seu cigarro mando,
Bem perfumado e sadio;
Já eu, aqui tive a sorte
De fumá cigarro forte
Feito de paia de mio.
Você, vaidoso e facêro,
Toda vez que qué fumá,

Tira do bôrsa um isquêro
Do mais bonito metá.
Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,
Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.
Sua vida é divirtida
E a minha é grande pená.
Só numa parte de vida
Nóis dois samo bem iguá:
É no dereito sagrado,
Por Jesus abençoado

Pra consolá nosso pranto,
Conheço e não me confundo
Da coisa mió do mundo
Nóis goza do mesmo tanto.
Eu não posso lhe invejá
Nem você invejá eu,
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,
Me estima com munta fé,
Me abraça, beja e qué bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.
Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.

Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.

O peso do *Ethos*¹⁴ na escola: O Ensino Religioso em pauta ¹⁵

No mês de setembro, li o livro *Ensino Religioso: educação centrada na vida: subsídio para a formação de professores*, de Darcy Cordeiro, obra que foi usada nas aulas do curso Ciências da Religião e agora usado para a confecção do artigo. O autor orientou-me sobre como um professor de Ensino Religioso deve comportar-se. Segundo ele:

- a) Abertura para a alteridade do educando no sentido de respeitá-lo, ouvi-lo, simpatizar e dialogar com ele.
- b) Ver todas as alunas e alunos como iguais em direitos e deveres e, ao mesmo tempo, diferentes em suas potencialidades e realizações;
- c) [...] consciência de que o progresso científico e tecnológico não dá respostas para todos os problemas, homens e mulheres continuarão a ser incompletos, inacabados e, por isso, sempre buscarão respostas além do mundo sensível e material.
- d) [...] continuidade a competência técnica (pedagógica), política (relacionamento) e ética (comportamento) por meio do aprimoramento contínuo do conhecimento (racional), do sentimento (emocional) e da operacionalização prática. (CORDEIRO, 2004, p. 33).

Com tudo isso, podemos construir um novo paradigma do Ensino Religioso nesse país e tentar evitar a repetição dos conteúdos que desinteressem o aluno de estudar e, como já foi dito, a prática é essencial para esse ensino, pois aproxima o aluno para a sua realidade e da realidade do outro que é passada no ambiente escolar.

¹⁴ É a forma interior da moral humana em que se realiza o próprio sentido do ser. É formado na percepção interior dos valores, de que nasce o dever como expressão da consciência e como resposta do próprio “eu” pessoal. O valor moral tem ligação com um processo dinâmico da intimidade do ser humano e, para atingi-lo, não basta deter-se à superfície das ações humanas (FONAPER, 2010, p. 55).

¹⁵ Frase retirada do livro *Ethos no Ensino Religioso*, de Miguel Longhi (2004, p. 7).

Em contrapartida, o avanço das Ciências da Religião foi de grande importância no mundo acadêmico, porém ainda não foi repassado o modo pedagógico mais moderno do Ensino Religioso para os sujeitos do Ensino Básico do Brasil.

O autor e o PIBID me fizeram pensar na carência de materiais pedagógicos adequados para um Ensino Religioso Pluralista, no quanto isso é muito grave, pois ainda prevalecem, no âmbito escolar, materiais de modelos de ensino teológico, dificultando o desenvolvimento correto dos temas tratados na sala de aula.

O autor demonstra ainda a importância do Ensino Religioso na escola e, principalmente, para a formação dos alunos com conceitos de tolerância ao outro, a uma criticidade do mundo que o reveste, valorização da ética nos dias de hoje, entre outros pontos necessários para serem cidadãos de paz e harmonia.

“A Literatura é minha água na sede do tempo”¹⁶

Em outubro de 2014, li a obra literária *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, a qual descreve o amor proibido de Amaro e Amélia, um jovem padre e uma jovem moradora de Leiria, uma cidade do interior de Portugal, que se envolvem e têm, em segredo, um filho. Amaro foi levado ao seminário, devido ao pagamento de promessa, da sua tia que o criou. Ele nunca gostou da ideia de ser padre, mas completou todo o seminário. Viaja para o interior e se apaixona pela bela Amélia. Eça de Queirós cria uma obra que não é *somente* sobre paixão, mas faz refletir sobre como cada um deve escolher o seu futuro, não deixando que os outros (no caso de Amaro, a sua tia) escolham qual a profissão deve exercer, podendo criar uma vida profissional infeliz e buscar somente o dinheiro na profissão. O autor expõe os conceitos morais da sociedade daquela época sobre esse tema. A ganância de Amaro pelo poder, destrói os sonhos de Amélia. Amaro a seduz com falsas promessas, resultando na gravidez de Amélia que falece depois do parto, e o bebê é entregue à morte, por Amaro, com medo do vigário geral. Muito triste tudo isso.

Em dezembro, ganhei de aniversário o livro *Vale tudo: o som e a fúria*, de Tim Maia, de Nelson Motta. Com uma leitura agradável, o autor nos traz a vida

¹⁶ Trecho do livro *Minha flor chamada poesia*, de Hugo Pereira.

de um dos maiores cantores que este país já teve. Desde sua infância, como entregador de marmita e sua primeira banda. A viagem para os Estados Unidos, quando recebeu do Funk Music Soul, ritmo que levaria algum tempo para chegar ao Brasil. A relação de Tim Maia com as drogas (cocaína, maconha e uísque), com a religião chamada *Cultura Racional* e as outras hilariantes aventuras, relatadas por um dos amigos mais *íntimos do cantor*, fazem com que os fãs conheçam a intimidade de um dos ícones da música popular brasileira. Uma ótima biografia.

Por fim, creio que minha experiência como leitor tanto no curso de Ciências da Religião quanto como bolsista do subprojeto Pibid rendeu uma aprendizagem significativa para minha formação pessoal e profissional, porque, primeiramente, como futuro profissional da área de Ciências da Religião tem como dever procurar, do melhor modo, formas de levar os conteúdos para a sala de aula no Ensino Religioso.

Foi possível perceber a necessidade do professor: eu como aluno – um sentimento levado para vida futura. Essa reflexão sobre o sentido de minha existência, atualmente e como docente, o que provocou o desenvolvimento de uma postura crítica frente à sociedade, à Universidade e à escola, principalmente por conta do PIBID. A importância da disciplina Ensino Religioso nas escolas é fundamental, haja vista que essa disciplina possibilita a uma reflexão sobre os valores éticos, a verdade da integridade humana e colabora para o desenvolvimento de uma sociedade melhor, ao ensiná-la a conhecer e a se relacionar com as diferentes perspectivas religiosas e não-religiosas também.

Compreendi ainda a necessidade de um material pedagógico para o Ensino Religioso que possa pelo menos guiar os professores iniciantes da área, no decorrer da transposição dos assuntos específicos, pois essa é uma disciplina das da área da Educação que se pode inovar-se a cada dia e, mesmo assim, não faltarão assuntos ou novas estratégias para a abordagem de temas tão instigantes quanto os que se relacionam ao fenômeno religioso, principalmente, diante da tendência mais recente de alguns grupos sociais não saberem lidar com a diversidade cultural e religiosa das pessoas.

Referências

AMADO, Jorge. **Subterrâneos da Liberdade (Vol. 2)**. 32. ed. São Paulo: Record, 1980.

_____. **Subterrâneos da Liberdade (Vol. 3)**. 28. ed. São Paulo: Record, 1976.

BRITO, Antonio Iraldo Alves de. **Patativa de Assaré**: porta-voz de um povo. As marcas do sagrado em sua obra. São Paulo: Paulus, 2010.

CORDEIRO, Darcy. A evolução dos paradigmas e o ensino religioso. In: SILVA, Valmor da (Org.). **Ensino Religioso**: educação centrada na vida; subsídios para a formação de professores. São Paulo: Paulus, 2004. p. 31- 42.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor . **Os Irmãos Karamazov**. São Paulo: Editora 34, 2008.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. São Paulo: Record, 1986.

FIORANI, Silvio **Os visitantes da noite** - Contos, Quase – Memórias. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

FONSECA, Rubem. **Agosto**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2002.

FÓRUM PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Religioso. 3. ed. São Paulo: Mundo Mirim, 2010.

MOTTA, Nelson. **Vale tudo**: O Som e a Fúria de Tim Maia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

QUEIRÓS, Eça de. **O Crime do Padre Amaro**. São Paulo: Ática, 1993.

QUEIROZ, Raquel de. **Memorial de Maria Moura**. 15. ed. São Paulo: José Olympio, 2003.

VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

As narrativas conseguem revelar intencionalidades e afetos que constituem os seus momentos de leitura, as suas feições, as apropriações das características das personagens de cada livro lido, enfim, revelam o modo como foram afetados pelas memórias e imaginações constituídas a partir da leitura de cada cena e de cada obra que estão aqui narradas. Este livro é, portanto, a síntese de um movimento de afirmação e contradição daquilo que cada um dos seus autores leu/viveu na sua construção.

Julio Ribeiro Soares

Professor da Faculdade de Educação
e do Programa de Pós-Graduação em Educação
UERN - Campus Central

